

E Deus, existe



Carlos de Brito Imbassahy

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Carlos de Brito Imbassahy

... E Deus, existe?

- Uma contribuição à parte religiosa do Espiritismo.

Esboço de estudo

[editora]

...E Deus, existe?

1ª edição - exemplares

Capa:

Composição gráfica:

Ficha catalográfica feita na fonte

I262d Imbassahy, Carlos de Brito - 1931

...E Deus, Existe? - ensaio de estudo religioso
contendo um tratado teonômico.

Prefácio de Mário Cavalcanti de Mello - contém

..... páginas, índice e bibliografia.

(cidade) (editora) ano

1. Espiritismo 2. Teonomia I. Título

CDD 133.90

Copyrigh by - (ano)

{logotipo}

(dados da editora)

Carlos de Brito Imbassahy

... E Deus, Existe?

Quando pensamos que tudo está dando errado é porque não estamos acreditando na sabedoria do Pai Celestial.

A
MEU
PAI

cuja grande vontade de me ver nas lides espíritas inspirou-me o desejo de elaborar este pequeno trabalho.

Setembro de 1960

o autor

Obras do mesmo autor

- Quando os Fantasmas se divertem
- Memórias Pitorescas de Meu Pai
- A Rainha Reencarnada (romance)
- Lendas de Osíris
- Curso de Parafísica (em espanhol)
- Quem Pergunta Quer Saber
- As Aparições e os Fantasmas
- Cão de favela (romance de época)
- Vide de Professor no Desmonte do Estado (peça teatral)
- A Bioenergia no Campo do Espírito
- Nos Domínios da Alma
- Arquitetos do Universo

De parceria com a esposa

- Casos e Coisas além do Aquém e aquém do Além
- Contos Profanos

Índice

Apresentação.....	5
<i>Prefácio</i>	6
TEONOMIA.....	8
INTRODUÇÃO.....	10

1ª Parte - ESQUEMA DE DOCTRINA

I – Idéias fundamentais - O Tríplice Aspecto.....	14
II – Da Teogonia à Corte Celestial.....	20
III – A Lei de Causa e Efeito e a Filosofia Exatista.....	24
IV – Mediunismo e Religião em todos os Tempos.....	27
V – A Colaboração dos Espíritos.....	30
VI – Lei de Causa e Efeito.....	34
VII – Cristianismo e Espiritismo.....	36

2ª Parte - DOS FUNDAMENTOS TEONÔMICOS

Proposições fundamentais.....	43
I – Da Existência de Deus - Teomata.....	46
II – Da Criação - Cosmogonia.....	54
III – Das Práticas Religiosas - Asceticismo.....	58
IV – Da Ética Religiosa - Moral.....	62
V – Do Culto a Deus - ritualismo.....	66
VI – Da Vida Espiritual e da Vida Somática - Ontonomia.....	72
VII – Do Poder da Prece - As virtudes Teológicas.....	78

3ª Parte - COMPLEMENTO e Análise sob Aspecto Religioso dos

Principais Problemas da Vida

I – Das Reuniões Espíritas.....	82
II – Das Pertinências Religiosas.....	86
III – Das Superstições e dos Milagres.....	90
IV – Das Práticas Evangélicas.....	93
V – Dos Vícios, das Virtudes e dos Atos Condenatórios.....	97
VI – Dos Pecados Capitais.....	101
VII – Dos Assuntos Suplementares.....	106

Apresentação

Quando, em 1960, o autor escreveu a presente obra, o Espiritismo vivia um momento difícil. Por um lado, um grupo de militantes já julgava que a codificação de Kardec possuía uma parte moral, porém não era religiosa; baseado nessa opinião, o Desembargador Nelson Hungria enquadrou o movimento espírita, junto com as macumbas, como sendo uma prática ritualística condenável, fazendo com que os Centros Espíritas passassem a ser sociedades ilegais.

Por outro lado, os tradicionalistas, místicos, do movimento, achavam que o Espiritismo era *a religião*, num contraste gritante de opiniões.

Visando à defesa do Espiritismo perante os tribunais, Dr. Carlos Imbassahy, pai do autor, escreveu um livro intitulado “*Religião*” onde tentava colocar as coisas em seu devido lugar, com prudência, todavia, resguardando o movimento espírico perante a lei da falsa acusação de que não passava de *culto pernicioso*.

Com seu lastro científico, ainda incipiente, como se declarava, o então jovem militante espírita tentou escrever uma obra onde provasse que o Espiritismo, baseado puramente em Kardec, sem dúvida, possuía o tríplice aspecto, preparando aquele que seria o seu primeiro trabalho, ao qual intitulou “**...E Deus, Existe?**”, por sugestão da Editora Mandarinô que deveria publicar o livro.

No entanto, aconselhado pelo próprio pai e pelo seu prefaciador Mário Cavalcanti de Mello, – que residiu em Niterói, onde desencarnou, tratando -se, portanto, de um prefácio póstumo a um livro que ora se edita – o autor preferiu recolher seus escritos e aguardar uma oportunidade mais propícia, quando a influência da Igreja amainasse e fosse possível dizer as coisas como são sem sofrer repressões.

Em 1995, depois de ter apresentado um estudo acerca da sua tese, à qual deu o nome de **Teonomia**, resolveu refundir os dois trabalhos em um só, atualizando conceitos dentro do posicionamento hodierno da ciência, além de uma revisão ortográfica.

E assim, surge o novo labor em livro contendo os dois temas, já que correlatos.

Isso explica as considerações feitas pelo prefaciador, um emérito beletista que também sempre defendeu o tríplice aspecto doutrinário, porém, tendo em conta que a parte religiosa da codificação tem seu cunho próprio, independente das demais seitas e doutrinas religiosas.

É de suma importância, ainda, destacar a grande contribuição prestada pelo Dr. Alberto de Souza Rocha, amigo particular do autor e seu companheiro de longa jornada e militância espírita, na presente obra, revendo, sugerindo, colaborando com pontos de vista e consultas, até mesmo, na parte gráfica, para que o presente livro venha a lume a fim de servir de debate àqueles que se preocupam com o assunto.

São suas as palavras: - *a finalidade não é impor idéias, todavia, lançá-las para que, delas, cada qual tire suas conclusões.*

O livro é polêmico. Contém depoimentos e opiniões diversas para análise geral e se destina ao debate para esclarecimentos. Da discussão se faz a luz. Se, de alguma forma, este objetivo for atingido, a Editora se sentirá compensada pelo seu trabalho.

O Editor

Prefácio

Filho de peixe... quando não sabe nadar, morre afogado. Imbassahy pai, depois de nos legar várias obras literárias em benefício da Doutrina, apresenta -nos agora seu último produto: o filho!

Quem é o filho? - Um rapaz, um professor que, de pequenino conheci a subir -me pelas pernas das calças, amarrotando-me os vincos, irrequieto, espalhando movimento, brincando, fazendo charadas, contando piadas, contrastando com o pai, apenas na idade.

Agora ele é Engenheiro, especialista em Engenharia Econômica e Administrativa, formado, ainda, pela Faculdade de Filosofia, em Ciências Exatas. Desde cedo leciona Matemática e Física nos colégios de Niterói; nas horas vagas, compõe música, tem o curso profissional de Harpa da Escola Nacional de Música e uma porção de tantos outros cursos da mesma escola; já fez crônica especializada de Teatro e Música na Imprensa fluminense e descansa as idéias lendo Monteiro Lobato.

O “Júnior” é um espírito que surgiu na família Imbassahy atraído por uma perfeita afinidade com os pais. Um crente na hereditariedade psíquica diria: - ele herdou dos velhos a inteligência e a imensa capacidade de trabalho.

No seu quintal há inúmeras árvores por ele plantadas, sua mulher, até agora, deu -lhe três filhos; só faltava, mesmo, escrever um livro...

Escreveu! ()*

*Quem acompanhava o Júnior pelas páginas do “Mundo Espírita” deve ter notado sua grande tendência para a parte científica da Doutrina, aliás, compatível com seu espírito de pesquisa e seu ramo profissional. Esperava -se, pois, que, de sua pena, primeiramente brotasse uma obra científica, colocando o Espiritismo ao lado das coisas exatas, ressaltando os pontos equacionáveis dos ensinamentos dos espíritos, quiçá nivelando -os com a Física, mas este garoto, garoto grande, que não sobe mais pelas calças dos adultos, continua sempre imprevisto. Seu livro trata de Religião: defende justamente o lado religioso da Codificação Kardecista, propõe um nome - **Teonomia** -, procura abordar o assunto com foros de Tratado, divide sua obra nas três partes clássicas de uma tese.*

Esquema de doutrina - Esquema, termo enciclopédico para definir as representações gráficas e simbólicas das coisas imateriais - é a sinopse apresentativa do trabalho que pretende defender; nesta parte encontramos os temas que estabelecem a doutrina, sua comparação com as diversas teses e conhecimentos existentes, pautando o autor por uma linha de neutralidade na análise das comparações.

Aliás, esclareçamos que toda a obra segue o roteiro comparativo, deixando ao leitor a oportunidade de escolha.

Na segunda parte, encontramos os temas que servem para o autor fundamentar, num estilo próprio, o aspecto de conceituação religiosa do Espiritismo, estabelecendo as normas e princípios em que se baseia a Codificação de Allan Kardec, principalmente na observação filosófica dos acontecimentos e nos ensinamentos morais dos espíritos

Encontramos, finalmente, um complemento a essa segunda parte, vindo a se constituir a obra numa “trilogia” quase mística, pois, o autor embora não tenha observado e condenado o misticismo, elaborou um trabalho cabalístico, por assim dizer, ou seja, com três partes e cada parte com sete capítulos.

A linguagem é simples e acessível a qualquer entendimento, apesar do teor científico com o qual se revestem as conceituações religiosas. Ressaltemos aqui o espírito da obra em defender como princípio, a interdependência do triplice aspecto, não admitindo, em momento nenhum, a possibilidade de existência isolada de uma das partes. Podemos assegurar mesmo que a sua obra tem como axioma a afirmativa de que a verdade é o encontro ou ponto triplice da religião, da ciência e da filosofia.

*É verdade que, por sugestão de nomenclatura, **Teonomia** passa a definir a parte religiosa doutrinária dos Espiritismo como a Metapsíquica - e mais modernamente a Parapsicologia - enquadrando os seus fenômenos; e é neste setor religioso que o autor se estende, procurando ventilá -lo, comentar -lhe as partes explicando os vários pontos de doutrina como que escoimando -os da ganga; não a ganga natural porque eles já vieram limpos das forjas da natureza nos ensinamentos cristalinos dos Grandes Enviados, mas a artificial que os pósteros costumam acrescentar, maculando a pureza nativa e mesclando -a de idéias próprias, dos sentimentos que já vêm de longe, e todo esse passado espiritual de que não se puderam libertar. E, invés de aproveitarem a luz do espiritismo, procuram empaná -lo ou escurecê -lo com aquilo que pensam, com o que supõem, com o que julgam certo, ou lhes*

pareça certo no modo de ver, mas que não passa de velhos e errados conhecimentos que se vêm acumulando através dos séculos.

É a influência acumulada, pois são proquestores usando sentença de magistrados superada pelos novos conhecimentos, pela filosofia moderna, enfim, pela cultura hodierna que não mais permite se estabeleça qualquer ponto de doutrina pela simples afinidade com ele.

Numa rápida observação, vemos que aquele menino de ontem é o escritor de hoje, na onda do “ pra frente ” que dedilha por todos os pontos da doutrina; dir-se-iam que nestas quantas páginas está a síntese doutrinária, a discussão prudente, sempre comparativa, com os esclarecimentos necessários a romper as nuvens com que se vem procurando encobrir aquilo que os Espíritos nos vieram ensinar.

E, por felicidade, apesar do Engenheiro, “não bacharel formado como toda a gente - no dizer de Arthur de Azevedo - mas revestido de um anel”, fugiu da emburilhada técnica com que muitos abrilhantam os seus trabalhos, em rasgos de erudição, mas obscurecem a mente do leitor.

Parece que o Júnior timbrou escrever para o grande público, para o público leitor que quer compreender o que lê, embora queira boa literatura: linguagem simples para coisas simples...

É fácil escrever-se difícil; o difícil é escrever-se em linguagem fácil.

As leituras inacessíveis podem ser muito admiradas, por um lado, todavia por outro, além da pouca utilidade, terão menos aceitação. Não temos dúvida de que esta obra, como tudo o que impõe raciocínio, irá suscitar polémicas: é difícil arrancar-se um carvalho torto depois que ele enraíza e quanto mais torto mais penosa a tarefa pelo desequilíbrio que oferece. Será útil de qualquer forma, pois que da discussão nasce... tanta coisa!

Temos a certeza de que não será possível colocar na tuta dos fanáticos as teorias reformistas ou reformulatórias, por maior acervo de razões que se lhes apresente, mas seja como for, uma semente é lançada, a meditação poderá fazê-la frutificar-se em alimento sazonado e pois, não será em vão que o jovem espírita terá trabalhado para que o nosso querido editor tenha tido a oportunidade de fazer sua linotipo montar sua rotativa pôr-se em movimento.

E que não diga o editor o mesmo que ouviu Stendhal do seu livreiro quando lhe perguntou pelo resultado da venda do seu livro:

- Parecem sagrados...ninguém lhes toca!

Muito poderia um outro prefaciador dizer, todavia, em nossa humilde linguagem, no ânimo abatido pelo sofrimento com o qual a providência parece castigar-nos de nossas veleidades de escritor, sentimo-nos perturbado e até mesmo confuso para dizermos o que era de se esperar.

Que as pernas desta obra possam fazê-la caminhar pelas trilhas inglórias levando-a sempre para o caminho da verdade, já que este é o desejo do seu autor e que, se críticas surgirem, que elas, ao menos, sejam raciocinadas e não venham com o cunho sectarista, porém construtivas como devem ser todas as críticas.

Janeiro de 1961

Mário Cavalcante de Mello

(*) Nota do editor: Este foi o primeiro livro escrito pelo autor, embora outros tenham sido publicados anteriormente.

Teonomia

O restabelecimento da Metafísica Espiritualista

Os bons exemplos são sempre seguidos, nunca esquecidos; os maus, quando não naufragam ante seu próprio peso, conseguem apenas ressoar no vazio de certas mentalidades, cujo número, inda que infinitamente grande, se extinguirá por vez.

Neologismo ainda não registrado pelos dicionários e que ousamos criar para definir a terceira parte do tríplice aspecto doutrinário do Espiritismo, a fim de sanar certas controvérsias sobre o assunto.

Origina-se a palavra da junção do prefixo grego *Théos* – Deus, com o sufixo *nómos* – lei, regra, norma. (Ver Caudas Aulete págs. 1751 e 1227 respectivas)

A íntima ligação entre o homem e Deus, até hoje, cerca-se de um certo misticismo por vezes, mesmo, explorado por castas ditas sacerdotais, que se julgam senhoras absolutas do *Poder Divino* na Terra; estas castas são responsáveis pela criação de dogmas, dando corpo de doutrina a ela – que os filósofos acabaram por definir como *Religião*, inicialmente, correlato com o politeísmo e, com a instalação da Igreja Romano, ao monoteísmo por ela imposto.

Segundo Virgílio, portanto, *religião* é um termo que procede da acepção do estudo correlato com os deuses, suas façanhas, suas realizações, o culto prestado a eles e demais rituais correlatos com sua adoração. Provém de *religio, onis*, que também é confirmado por Plauto e Cícero, ambos referindo-se a ele com o ato relativo aos estudos dos deuses, enquanto que *sciens* - a ciência se prende ao conhecimento humano.

Contudo, não parece muito viável que o ato de religar – como querem alguns – o *Ente Supremo* (Deus) com o homem seja mera faculdade ou propriedade sentimental, o que talvez tenha levado os teólogos a cometer o erro de confundir a religião com o dito ato de religar – do latim, *religo –are –*; há fortes razões que levam a admitir como comprovadamente verdadeira a existência de um *Ser* universalmente supremo, sem que para isso se tenha necessidade de possuir a fé, quiçá, simples crença na mesma. É a observância diária, são os estudos com suas conclusões, enfim, é a própria razão a mostrar que a existência de Deus passou do simples dogma instituído para o estabelecimento ou proposição científica; deixou de ser um puro sentimento ou necessidade de sua crença para surgir como verdade aceita no campo das provas.

Muitos cientistas ainda se insurgem contra esta tese, arraigados em um materialismo inerte e sem lógica, mais dogmático que qualquer dogma místico, sob alegação de que os conceitos *transcendentais* da existência do Criador não condizem com a Ciência. Aí, predomina a idéia simples e absoluta da destruição do alegado dogma religioso sem a devida análise do fato em si.

Serão deixadas de lado as opiniões doutamente religiosas ou fanaticamente materialistas para que se procure abordar o assunto dentro da melhor lógica possível, ponderando com os argumentos da razão e demonstrando dentro dos princípios científicos, o quanto for possível.

Por outro lado, atidos ao Cristianismo, muitos confundem religião com “evangelismo” achando que fora das Escrituras Sagradas o que temos seja ateísmo. En ganho tredo. Os evangelhos se preocupam tão somente com atos e ensinamentos atribuídos a Jesus ligados à moral por ele pregada, independente do conceito religioso. Apenas, ligado a um Deus Supremo.

A parte religiosa do Espiritismo está contida no Capítulo I de O Livro dos Espíritos – *Que é Deus* – de Allan Kardec. E nada tem que ver com os ensinamentos evangélicos que, segundo o próprio Kardec não representam sequer, parte do fundamento doutrinário.

Como prova disso, vamos encontrar no item 35 do Capítulo III de O Livro dos Médiuns (5ª ed. Paris, 1858) uma referência do próprio codificador dando-nos como primordial, para conhecimento da codificação, pela ordem, os seguintes livros ou trabalhos: 1 – O Livro dos Espíritos; 2 – O que é o Espiritismo; 3 – O Livro dos Médiuns e 4 – Coletânea da Revista Espírita.

Além disso, no preâmbulo do segundo livro em importância doutrinária – O Que é o Espiritismo – ao fim, vamos encontrar a definição de Kardec onde, sequer, cogita dos Evangelhos como referência para o estudo doutrinário.

Eis pois, o motivo que me levou a idear um novo capítulo dentro do estudo religioso para vê-lo por um novo prisma ainda não discutido nem abordado.

Longe de pretender que seja um tratado, embora envolva a pretensão de dar forma de tese ao presente estud.; o intuito, simplesmente, imbui-se da melhor boa vontade de colaborar com a Doutrina dando uma parcela de contribuição com um pouco de didática ou método.

Contudo, ainda está sujeito a críticas e alterações.

Introdução

Teonomia – UMA PROPOSTA À PARTE RELIGIOSA DO ESPIRITISMO

A substituição dos dogmas teológicos pelos princípios raciocinados da fé;
a crença em Deus cedendo lugar à convicção de sua existência

A REFORMULAÇÃO DA TEODICÉA DE ACORDO COM OS PRECEITOS ESPÍRITAS E SUA CONCEITUAÇÃO DENTRO DA LÓGICA

Metafísica – conceito abstrato.

É definida como sendo a parte da Filosofia que abrange o conhecimento das causas primeiras e princípios elementares.

Deve-se a Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, nascido em Estagira – Macedônia – os conceitos fundamentais da introdução ao estudo metafísico na Filosofia; embora nada tenha deixado escrito, segundo consta, seus ensinamentos encontram-se contidos em 14 volumes a partir dos apontamentos e anotações de seus alunos. Suas teses podem ser consideradas como um sistema “vitalista”: *Todos os seres são animados* e é tradição citar o próprio exemplo de Aristóteles quando diz que a pedra que cai está animada pelo desejo de voltar ao seu “lugar próprio” qual seja, o centro da Terra.

Ainda, justificando o *Sistema Vitalista*, encontramos o pensamento aristotélico: – “o movimento não se explica de fora, pelo choque mecânico, mas de dentro, pela *força interna* ou forma substancial dos corpos”. É a intuição do dinamismo.

Convenhamos, é uma teoria confusa que todos aceitam decorrente da procedência; talvez, por falta de conhecimentos relativos às ocorrências mecânicas. Assim, explica o dinamismo a partir de uma relação da *forma* e da *matéria do ato* e da *potência*.

A base em si da sua Metafísica fundamenta a existência da Física numa Teologia onde Deus é o motor do Universo como *ato puro*.

Alguns autores acham que Aristóteles hesita entre a teoria de um Deus transcendente “*pensamento do pensamento*” e a teoria de um Deus imanente “*vivendo eterno e perfeito*”.

Consta que Aristóteles teria se inspirado em Demócrito (460 -370 a.C.) nascido na velha Trácia e que estudou, mais tarde, no Egito onde conviveu com Hipócrates de Cós (460 - ? a.C.) a quem foi muito ligado e de quem atribui-se uma grande influência nas suas obras.

Esta grande influência de Hipócrates em Demócrito – inculcando seus pensamentos indiretamente nos trabalhos de Aristóteles – se faz sentir na correlação cosmológica que ambos apresentam em seus estudos, embora Demócrito, com sua teoria atômica, tenha sido materialista, supondo, já naquela época, a hipótese da existência do átomo como elemento essencial da matéria, só que estes, em sua concepção primitiva, seriam indivisíveis, admitindo-se entre os mesmos a existência do vazio, o que, sem dúvida, representava um grande avanço em relação ao conhecimento e às descobertas da época.

O curioso é que Demócrito previa a existência da alma (*psikê*) também composta de átomos específicos, sutis, redondos, leves, quentes e vitais; ainda, dentro da teoria atomista, concluía que a percepção das coisas era devida à emissão de possíveis *substâncias* voláteis, altamente voláteis ou *etéreas*, porém físicas para que pudessem ser captadas por nós. Sem dúvida, algo intuitivamente compatível com o que se veio a descobrir na atualidade, guardadas as limitações de definição.

Demócrito, todavia, é historicamente mais conhecido como predecessor de Epicuro no estudo da Ética do que mesmo pela possível influência exercida em Aristóteles no estudo metafísico e na conceitualização da existência divina.

Cronologicamente, em importância histórica no conceito e no desenvolvimento da Metafísica, vamos encontrar René Descartes (1596-1650) nascido em La Haye e morto em Estocolmo, como o verdadeiro marco de transição dos preceitos de Aristóteles, posto que, até então, os estudos teológicos restringiram-se aos cânones eclesiásticos.

A biografia de Descartes conta que este holandês irrequieto esteve no Brasil, servindo ao exército do príncipe Maurice de Nassau, depois, alistou-se como soldado do conde Bucquoy, seguindo uma vida tumultuada como militar, percorrendo a Europa até que, em 1629, voltou à Holanda onde emitiu seus primeiros estudos filosóficos considerados revolucionários, ao seu tempo. Pudera!

Combatido – como tudo o que é novo e exige raciocínio – foi obrigado a migrar para a Suécia onde deu prosseguimento nos estudos, tornando-os públicos: escreveu em latim, entre outras obras importantes, o tratado “*Meditações Metafísicas*” (1641) que é tido como a continuação da célebre obra que o tornou mais conhecido, “*Le Discours de la Methode*”. Seus trabalhos, como bom filósofo, são altamente influenciados pelos seus estudos mecanicistas e pela *Teoria Exatista* de Galileo Galilei.

Sua grande importância no estudo da metafísica deve-se ao fato de ter tentado restabelecê-la em bases não-teológicas, enfrentando o furor da Igreja Romana.

Para o presente trabalho, Descartes torna-se importante porque foi quem mudou o conceito dogmático da existência de Deus no princípio fundamentado pela Lógica e pelo raciocínio imperioso à existência da *lógica* de que, sem Ele, não existiria Universo.

Segue-se na ordem cronológica dos acontecimentos, uma certa mudança na direção dos estudos metafísicos com Gottfried Wilhelm LEIBNIZ (1646-1716) que nasceu em Leipzig e desencarnou em Hannover, depois de uma vida confusa entre estudos matemáticos e devaneios transcendentais; deve-se a ele o desenvolvimento do *Cálculo Diferencial* com o qual reformulou e reestruturou todo o desenvolvimento do raciocínio matemático. Com o teólogo, examinou com Bossuet a possibilidade da reunificação das Igrejas Cristãs – o que, na certa, só serviria para aumentar a contenda existente, em face das tendências e da formação das criaturas – num intuito fraterno, dedicando-se à meditação sobre as coisas divinas. Foi nesse período que escreveu, em 1710, a obra que, para o presente estudo, tem grande importância: *Ensaio de Teodicéia*, onde tenta explicar a existência simultânea do mal em função com a *bondade* divina.

Leibniz desenvolve, no seu estudo, a *teoria do otimismo* na qual Deus teria criado o mundo com a maior boa-vontade, tentando fazer tudo o mais perfeito possível ou menos imperfeito quanto pudesse, daí a sua célebre frase: – *Tudo vai da melhor forma no melhor dos mundos possíveis.* – De acordo com esta hipótese, o que teria estragado o mundo foi o livre arbítrio concedido aos homens, hipótese que se vulgarizou.

Quatro anos após (1714), abandona os estudos teológicos para se dedicar a outro assunto e faz publicar seu livro intitulado *Monadologia* onde idealiza a existência da *mônada*, ou elemento fundamental da vida; assim, todos os seres seriam constituídos de uma substância simples entre o que, reina uma harmonia preestabelecida; este é o único vínculo com a Teodicéia, pois o conceito da mônada ainda se prende à célebre frase acima citada.

Cabe esclarecer que a mônada seria nada além da própria energia cósmica, fundamento físico de tudo o que exista no Universo.

Leibniz, então, introduziu um novo capítulo na Metafísica que já não mais admitia o fundamento teológico em seu meio. Com isso, foi combatido pela Igreja que deturpou seu pensamento.

Immanuel KANT (1724-1804) é o próximo marco do estudo metafísico; prussiano nascido em Königsberg, de onde nunca saiu, foi aluno de Knutzen que desenvolveu nele as primeiras influências.

Sua biografia é por demais difundida: preceptor aos vinte e dois anos, já em 1770 era nomeado professor de Lógica Metafísica. Há várias classificações relativas ao desenvolvimento do seu estudo filosófico, sendo a mais clássica aquela que o divide em dois períodos: o *pré-crítico* e o *crítico*, este último subdividido em duas fases, a primeira, durante vinte anos, entre 1770 e 1790 e a outra de 1790 em diante. Não sabemos porquê.

No primeiro período, que antecede à sua graduação magisterial, preocupa-se apenas com o julgamento dos estudos existentes, analisando, principalmente, Leibnz e as teorias mecanicistas. Depois de mestre é que desenvolve sua filosofia propriamente dita com a “*Crítica da Razão Pura*” (Kritik der Reinen Vernunft) e seus princípios do idealismo transcendental, segundo ele, dividida em duas partes – *estética transcendental* ou teoria das sensações e *lógica transcendental* –, que compreende uma parte analítica – *teoria dos juízos de realidade* – e outra dialética – *teoria dos raciocínios formais*.

Para o que se pretende, o principal conteúdo de seu trabalho se fundamenta na obra **Grundlegung zur Metaphysik der sitten**, – Metafísica dos costumes – acompanhada da “*Crítica da Razão Prática*” onde ele desenvolve a teoria do imperativo categórico.

Podemos concluir que Kant defende o rigorismo dos costumes no qual o homem deve agir por puro respeito ao dever, pois, segundo ele, a teoria da existência divina ditando normal (moral) e da imortalidade eram indemonstráveis e, como tal, não poderiam servir de base ao princípio ou fundamento filosófico. Pode-se, assim, dizer que sua proposta é o rompimento definitivo dos grilhões que prenderiam a Metafísica de Aristóteles e a Teodicéia de Leibnz aos cânones religiosos de qualquer natureza.

O auge do estudo metafísico kantiano está inserto num trabalho conhecido como **Prolegomena** onde analisa a possibilidade de a Metafísica futura tornar-se *Ciência Exata* e, finalmente, um estudo sobre Religião restrita aos limites da razão.

Deste exato ponto pulamos para outro grande pensador que, para todos nós, tem uma importância vital em nossas formações; é ele Hippolyte Léon Denizard RIVAIL – *plus connu Allan Kardec* segundo a edição francesa Larousse Universel – que dá seqüência ao “Prolegomena” de Kant com os “**Prolegômenos**” de *O Livro dos Espíritos* onde, finalmente, começa a tornar concreta a hipótese de se fazer com que os velhos, tradicionais e dogmáticos conselhos religiosos acerca da existência de Deus se transformem em um abalizado estudo científico dentro da *razão pura* com todos os fundamentos da Metafísica Aristotélica, numa reformulação pragmática da Verdade relativa, coroada com a conquista científica da ocorrência dos fenômenos transcendentais analisados pelo prisma da experimentação prática e objetiva.

Da existência teonômica

Assim como Kardec propôs o neologismo **Spiritisme** para definir a Doutrina ditada pelos Espíritos, bem como acontece com toda idéia nova que reformule princípios ou estabeleça fundamentos distintos de tudo o que exista ou, de tal forma contrastante que não caiba dentro do corpo das idéias já estabelecidas, também, é de bom augúrio que não se confunda a conceituação religiosa trazida pelo Espiritismo codificado com as religiões dogmáticas existentes.

A Teologia e o dogma (cânones), a Teodicéia de Leibnz preocupada com a “Justiça Divina” e as explicações de um Criador Perfeito criando imperfeições, a lei moral religiosa amparada em princípios absolutos indiscutíveis da Vontade mais do que absolutista de Deus e tudo que exista com o nome de religião – culto, ritual, dogma, preceitos sacerdotais e que mais –, mesmo fora do Cristianismo, contrastante com o que nos ditaram os espíritos orientados pelo Espírito da Verdade, é por demais restrita e adstrita a limites – além de contrastante – para que a parte religiosa propriamente dita do Espiritismo nelas possa figurar.

Se Charles Richet teve autoridade para criar o termo *Metapsíquica* com o qual definiu seus fundamentos científicos relativos a fenômenos que eram considerados transcendentais – hoje ditos

paranormais – e se seus seguidores puderam reformular a Metapsíquica dando-lhe o nome de *Parapsicologia*, do mesmo modo que surgiram os termos *Teologia*, *Teogonia* e *Teodicéia* com seus respectivos significados, não vejo nenhum mal em dar à parte religiosa do Espiritismo a denominação de **Teonomia**.

Embora muitos contestem a procedência da nova nomenclatura visando à separação entre o estudo espírita e a Teologia Clássica, na verdade, como fundamento principal para a proposta de nome está no fato de que o TEOLOGIA, tal como é definida, ou seja, “ciência da religião” ligada às coisas divinas, ela tem como fundamento precípua o *dogma*, é, antes de tudo, empírica e tem na mística sua principal temática, como veremos em nosso estudo. Isto não pode ser mudado, portanto, não cabe admitir-se uma *Teologia Espírita* como querem e sugerem os tradicionalistas, ainda presos aos conceitos implantados pela Igreja em nossa sociedade.

Pode-se, ainda, fazer um paralelo entre a Teologia e a Astrologia, ambas vivendo o mesmo princípio místico e, do mesmo modo que um astrofísico não aceita a dita Astrologia, definindo, dessarte, a Astronomia, também nós, espíritas não podemos compartilhar dos fundamentos teológicos e, para caracterizar tal diversificação, não basta adjetivarmos a Teologia de *espírita* que esta já tem tradições anti-espíritas.

1ª parte

ESQUEMA DE DOCTRINA

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS TEONÔMICOS

Uma doutrina, como qualquer tese, para ter bases sólidas, precisa de assentar em hipóteses verdadeiras e sua proposição deve se consubstanciar na lógica do raciocínio.

I

IDÉIAS FUNDAMENTAIS – O TRÍPLICE ASPECTO

De há muito procurava um termo para definir a parte “*religiosa*” do Espiritismo, parte restritamente ligada a Deus, causas e efeitos, termo esse que sanasse as divergências que surgem simplesmente por causa de nomenclatura, levando em conta que a “Religião” – como estudo, adoração, e rituais ligados aos deuses (ou a Deus, no monoteísmo) – em Espiritismo é a complementação das demais partes quais sejam a científica, estudando os fenômenos ditos paranormais, quer anímicos, quer de ordem espiritual, a filosófica, preocupada com os problemas do ser e do papel do homem na vida e no universo. E ainda, faltando aquela que cuida tratar as coisas ligadas com Deus e a Criação.

O neologismo se impõe.

Hão de muitos contestar a criação do termo e aí lembro, em caráter muito pessoal, que ninguém se torna obrigado a usá-lo ou adotá-lo, mas há-de convir que tem maior procedência do que falarmos em *teologia espírita*. No caso, é uma sugestão: mais um nome no meio de muitos outros.

Como veremos a seguir, no catolicismo encontramos uma parte denominada *Teologia Dogmática*, que, pelo próprio nome, mostra o peso da matéria; constitui cátedra no Seminário Sacerdotal e só é dada a saber em seus mistérios aos sacerdotes eclesiásticos preparados ao dogma.

E, por ser dogmática, não permite interpretações: impõe a idéia como verdade, a qual se aceita sem discutir; isto é o dogma! Em Espiritismo nada se aceita sem a lei da prova, sem a demonstração do fato pela realidade ou pela lógica que encerra, o que, por si, o incompatibiliza com qualquer forma teologal.

O assunto divino, todavia, não se restringe à Teologia; como ficou exposto na “Introdução”; dentro da Filosofia encontramos a Metafísica que nasceu com Aristóteles, hoje desdobrada em vários capítulos, em função dos estudos que se sucederam; neles é que está situada a *Teodicéia* de Leibnz, ao lado da *Ontologia* – conhecimento do ser – e da *Epistemologia* – o problema da verdade –, principais aspectos do estudo que transcende à física (metafísica).

Também cabe registrar a existência da *Teosofia* (*Théos* – Deus; *Sophia* – saber) fundamentada por Hélena Petrovna Blavatsky (1875) que vem a ser um sincretismo filosófico-religioso baseado no Teosofismo (*), principalmente nos estudos de Valentin Weigel (1533 -1588), Jacob Bøhme (1575 -1624) e Immanuel Swedenborg (1688 -1772), mas que, ao lado da forma *ocultista* adotada pela Senhora Blavatsky, tem uma Escola própria e encerra preceitos particulares. Annie Wood Besant (1847 -1909) foi seguidora ou prosseguidora dos estudos da Escola Teosófica americana; como se vê, uma linhagem feminina.

Uma outra parte ligada ao estudo da divindade é a *Teogonia* (*Théos* – Deus; *genea* – origem), ou seja, a genealogia dos deuses mitológicos, por muitos tida como o sistema da civilização pagã fundamentado na interrelação dos deuses e nas relações entre estes e o homem.

A princípio, poderá parecer descabida a inclusão da Teogonia no presente estudo; acresce, porém, que, do muito que é encontrado nas doutrinas hodiernas, grande parte é extraída das lendas e fatos ditos mitológicos criados pelas antigas civilizações consideradas pagãs.

(*) Consta que o Teosofismo foi sugerido por Phillipe Bombast Von Hohenheim, conhecido como *Paracelso* (1493-1541), médico e alquimista suíço, autor da Medicina Hermética.

* * *

Teologia – em si, ela se subdivide em cinco partes fundamentais, a saber:

Teologia dogmática – que se preocupa com o dogma da existência de Deus.

Teologia Moral – o que se deve praticar na conduta da vida.

Teologia Ascética – descreve as paixões, vícios e virtudes e a forma de adaptar a vida aos conceitos evangélicos.

Teologia Mística – estudo das vias pelas quais a alma se interliga com Deus.

Teologia Escolástica – tenta fundamentar a tradição aristotélica da razão com a intransigência dogmática, tendo como principal fundamento o *Tomismo* – Escola de São Thomaz d’Aquino.

Segundo Bossuet, a Teologia é a *Ciência* da Religião e das coisas divinas, obviamente restritas ao Catolicismo mais especificamente e ao Cristianismo em geral. No conceito clássico, também a filosofia é definida como *Ciência* geral dos seres, dos princípios e das coisas; e dicionaristicamente, ainda: sistema de princípios destinados a agrupar uma certa ordem de fatos para os explicar; razão, sabedoria. (Do grego: *Philos* – amor, *sophia* – saber).

Portanto, todo saber é ciência – já que advém do latim: *sciens,entia* – saber, conhecimento –; como diferenciar, pois, as “sophias” das ciências propriamente ditas?

O caso é simples, pela decorrência do uso: ciência, em si, vem a ser o estudo dos fenômenos e ocorrências; como a física e a química estudam fenômenos equacionáveis, passaram a considerar -las ciências exatas, ou ciências matemáticas. História, geografia e sociologia são consideradas ciências sociológicas e a biologia com a geologia, do antigo sistema das ciências naturais, constituindo o terceiro grupo delas, embora alguns os separem, juntando a geologia com a paleontologia. E, atualmente, um novo ramo da ciência que estuda os ditos fenômenos paranormais.

No caso anterior, entretanto, o Espiritismo seria um conjunto de ciências, a religiosa, a filosófica e a fenomênica paranormal.

A título de ilustração, consultemos a “Encyclopédie Universel”, que nos informa, traduzindo:

Definição - Após ter examinado o objeto das diversas ciências, às quais se aplica o espírito humano, vê-se que sobraram fenômenos que estas deixam de lado: são nossos pensamentos, nossas vontades e nossos sentimentos que compreendem o estudo da *psicologia*. Estes pensamentos, sentimentos e vontades tendem a certos fins: a ciência destes fins é a *moral*. O pensamento na procura da Verdade segue um método; o estudo metódico consiste na *lógica*. Psicologia, moral e lógica formam as ciências psicológicas.

Então, poderemos concluir que a Filosofia, de fato, é o estudo da parte científica (conhecimento) não enquadrada entre as ciências ditas exatas, sociológicas ou naturais. Das não exatas, salvo a interpretação,

encontramos os três grupos filosóficos, a saber: *ciências psicológicas, metafísicas e estéticas*. Temos ainda, a moral, a lógica e a razão, além da epistemologia.

Ainda na Enciclopédia:

Por outro lado, as ciências se descuidam das explicações derradeiras e dos princípios primordiais. Estes encontram-se, ainda, na filosofia e constituem a *cosmologia racional* ou ciência dos princípios dos mundos. Uma segunda parte será ainda a *psicologia racional*, ciência da alma considerada como um ser pensante e livre. A terceira parte integrante da *metafísica* será a *Teologia racional* (*), *ciência do absoluto, ou de Deus*.

Modernamente, a cosmologia racional cedeu lugar à referida *epistemologia* que tem o campo mais vasto e abrange não só a pesquisa das origens ou gênese das coisas como também a ciência do conhecimento, equacionada por Aristóteles como *o problema da Verdade*.

A psicologia racional nada mais é do que a *Ontologia*, embora encontremos em inúmeros autores ligeira confusão a esse respeito. Outros, como o Larousse, edição francesa, nos dá:

Ontologia - ciência do ser, em geral; uma das três partes que compõem as ciências metafísicas. Atualmente, ontologia e metafísica são sinônimas. (sic)

Não nos parece verdade; como se vê, no entanto, é um autor respeitável que lança um conceito arrojado de sinonímia.

A teologia racional é a mesma *Teodicéia* de Leibniz adotada pela Escola de autores franceses e tomou esse nome por decorrência das demais partes anteriores (todas ditas racionais) sem, contudo, se constituir em teologia eclesiástica.

A terceira parte da filosofia, portanto, é a estética, definida como *filosofia das artes e do belo* e que estuda as leis gerais da crítica e do gosto aplicadas à avaliação e apreciação dos produtos da inteligência humana sob o ponto de vista artístico (do grego: *aisthesis* – sentimento).

Como bem se pode ver, o berço das “ciências” filosóficas é a Grécia e Aristóteles é o fundamento básico de toda a sua criação.

A estética compreende sete artes clássicas ou helênicas (**), todas elas estruturadas pela civilização grega e que, por si só, devem ter adquirido dos povos do velho Egito. Só mais tarde, com o progresso do campo mecânico é que se pôde ter o advento de outras artes; enquanto estas dependiam apenas da capacidade criadora e interpretativa dos homens, restringiu-se ao desenvolvimento e ampliação da estética grega.

(*) O idioma francês não adotava o termo *Teodicéia* por ser neologismo de origem alemã.

(**) As sete artes gregas clássicas compreendiam: arte cênica - teatro; belas artes - pintura, escultura e desenho (arquitetura); música; literatura (prosa e poesia) e retórica.

O caráter tríplice

Ao estudar os fenômenos que ocorrem, quer de caráter psíquico ou anímico, quer revestido da presença de um espírito (desencarnado), independente da finalidade, o Espiritismo envolve pesquisa de caráter científico, tanto assim é que, baseado no fenômeno, Charles Richet criou a Metapsíquica e dela surgiu a Parapsicologia com os mesmos objetivos só que pretendendo dar às suas teses um cunho bem mais materialista do que só ser o fenômeno paranormal em si.

Além dessa, a doutrina espírita encerra uma parte inteiramente filosófica destinada a orientar a criatura dentro do conceito de vida, sobretudo estruturado na realidade reencarnatória, o que envolve um novo aspecto, por vezes considerado transcendental, porém, com o mesmo escopo do bem viver ampliando seus horizontes em face das vidas futuras. E disso, pode-se concluir que os três aspectos – psicológico, metafísico e estético – estão presentes na filosofia “kardecista” sob forma de doutrina.

Com relação à psicologia, (do grego: *psykê* – alma), porque, como diz o nome, estuda a alma, seu comportamento, suas faculdades e operações; ninguém põe em dúvida que nenhuma outra doutrina se preocupa tanto com isso quanto o Espiritismo: a alma, ou espírito encarnado, é vista sob o aspecto espiritualista; seu progresso é o fator primordial das reencarnações para sua purificação, sem a qual não se pode processar a evolução do espírito.

A alma é o espírito vestido em um corpo carnal (ou sua parte encarnada) que lhe servirá de meios às suas provas ou às suas missões. É fundamental, portanto, em Espiritismo, o estudo da alma para que se conheça o espírito da criatura. Como tal, a psicologia espírita não foge e nem diverge da que se originou na Grécia; apresenta conceitos mais amplos que jamais poderão ser negados por um filósofo consciencioso, porque é vista sob o aspecto reencarnatório.

Moral, a parte que trata dos costumes – bons ou maus –, deveres e modo de proceder do homem em sociedade, também conhecida como ética, por vezes, é confundida com conceitos puramente religiosos, absurdo oriundo da falta de conhecimento que reina entre essas criaturas. E, com isso, lá vai o leigo com a moral do Cristo, de Bíblia na mão, a citar textos e a pregar as *Santas Escrituras* como se deveras, seus conceitos religiosos fossem sinônimos dos preceitos éticos, que, sem dúvida, também existem nos ensinamentos de Jesus.

O que ocorre é que a moral de Cristo (referência a Jesus), como a de qualquer missionário, é uma só: são os bons e sadios costumes que preestabelecem uma linha de conduta para o homem sem ferir os princípios da sociedade em que ele viva; em resumo, é o respeito mútuo, o bem e a integridade de caráter, os atos nobres que visem ao melhor propósito e à integração do homem ao meio em que esteja convivendo para uma sociedade bem formada. Como tal, representa uma das principais peças de qualquer doutrina.

E Jesus, na sua imensa sabedoria, jamais fugiria à regra, só que não criou sua própria moral: ele mesmo o diz quando afirma que não veio derogar as Leis e sim dar cumprimento a elas.

A falta de entendimento se deve ao fato de que muitos se prendem aos conceitos de que moral sejam apenas os *bons costumes* restritos aos conceitos de sua religião quando, em verdade, o que é moral para determinada sociedade pode não o ser para outra, daí, para nós, a importância de pretermos nossos ensinamentos morais aos que Jesus nos legou.

O Espiritismo prega o respeito mútuo; dentro do seu lema “*fora da caridade não há salvação*” encontramos encerrado um dos mais sublimes ensinamentos cristãos que é, além do amor ao próximo, um preceito de alta moral, pois diz que o homem não atingirá a evolução suprema sem que se lembre do seu semelhante e a ele estenda a mão para levá-lo junto, em sua caminhada para o progresso. É tacitamente a condenação do egoísmo. Só que muitos confundem caridade com “esmola”.

Buda pregava aos fiéis: *renuncia-te a ti por amor a teu semelhante*; e ele próprio deu o exemplo. Paulo, o apóstolo, não conseguiu ser tão sublime e, em um dos capítulos mais discutidos do Novo Testamento, apenas repetiu: *ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*. Pelo menos, foi mais real e mais adequado ao caráter humano.

Jesus, nosso mestre, elevado como foi, sabendo que suas palavras não seriam entendidas, como não o foram a dos missionários que o antecederam, fez mais do que pregar: exemplificou. E tão profundo foi o seu exemplo que calou fundo no conceito da humanidade; assim é que um cristão se torna capaz de respeitar um preceito moral se este tiver sido dito por Jesus, mas o ignora se oriundo de outra fonte.

A lógica, destinada a estudar as leis do pensamento e a expor as regras a serem observadas na pesquisa e explanação da verdade é fundamental em espiritismo, embora isso desagrade a muitos que querem impor suas idéias sem a análise do raciocínio, sem a argumentação devida com que pecam outras religiões.

Não poderá haver exposição de nenhum tipo de verdade sem a lógica e isto implica na morte do dogma.

Em relação à parte metafísica é que o espiritismo está mais evolvido que as demais doutrinas, pois, com a concepção da existência de outros mundos, quer inferiores, quer superiores ao nosso, bem como a de outras vidas encarnatórias, permite que façamos uma análise mais ampla de novos conceitos então desconhecidos (ou não abordados) pelo filósofo grego, por Kant e por quantos outros que cuidaram do assunto.

Com referência à estética, embora haja muito exegeta contrário a ela, obrigatoriamente, fazendo parte da vida, terá que estar contida também no espiritismo e o maior exemplo se mostra na mediunidade como a pictórica; além disso, nada há em Kardec que condene sua prática em nosso meio. E fazer arte não significa criar orgias, coisas inteiramente distintas.

Uma nova ciência filosófica que surge é a sociologia, ciência que se preocupa com os fenômenos sociais, a saber, a adaptação do homem à sociedade.

De um modo geral, em seu vastíssimo campo, a sociologia tem merecido dos sociólogos várias especificações. Marx e Loria chegaram a defini-la, em seus conceitos doutrinários até hoje incompreendidos, como a expressão do materialismo histórico ou da subordinação da evolução social à economia. Cabe aqui lembrar que Marx pretendia a reforma da sociedade pela mudança do sistema econômico dos povos. Pecou por pregar uma igualdade inexistente entre as criaturas.

Para Spencer, entretanto, teríamos que considerá-la como a anatomia das funções do hiperorganismo social, ou enfim, a luta das classes, o que seria mais lógico; assim, ouvimos falar em *alta sociedade*, *classe média*, *classe operária (operariado)*, *a burguesia* – oriunda da França, do tempo dos Luíses – e a *ralé*, último degrau da sociedade, todas elas lutando para se estabelecerem no meio. Mais modernamente e bem brasileira, a dos favelados; na Europa, os *hippies* estendendo-se pelo mundo em fora e encontrando muitos adeptos, bem como quantos loucos surjam, lembrando as orgias latinas.

De um modo geral, as Escolas socialistas, providas de teorias materialistas, pregam sempre a reforma da sociedade para o progresso do homem e nisso jaz a grande diferença entre elas e o espiritismo, que prega a reforma íntima (do caráter) para se ter melhores sociedades. Portanto, julga que a sociedade é fruto do grau evolutivo de seus constituintes, preocupando-se com ela.

Em si, o objeto do estudo da sociologia abrange vários ramos e divide-se em duas grandes partes: a *especial*, quando se relaciona com a geografia, o direito, a política, a própria religião, hábitos e costumes, incluindo a história, etc., e a *criminal* que se baseia especialmente nos trabalhos de Lombroso bem como nos de Tardi, Ferri e Rossi, atualmente reformuladíssimos.

Como se vê, embora nova, é uma parte filosófica das mais importantes para o homem e seu meio de vida, o que, para o espiritismo é o fato primordial na evolução terrena: a educação social.

Não se pode, pois, fugir à sociologia como não se pode escapar dos princípios imutáveis do progresso do espírito – fator primordial da evolução – que depende diretamente da sua educação quando encarnado em um corpo, ou seja, como ser humano. E a vida no seu processo encarnatório é o principal fator de educação do espírito, ou seja, a encarnação é a escola do progresso.

Então, o Espiritismo é ciência e é filosofia.

Resta-nos agora o terceiro aspecto:

Sobre ele serão dedicados os capítulos subseqüentes mostrando que é uma parte tão fundamental quanto as duas primeiras para que não se forme um tripé capenga sobre o qual se assenta a doutrina espírita. O nome pelo qual havemos de designar esta terceira parte torna-se deveras secundário. O proposto – **teonomia** – é mera sugestão.

Com a teonomia nascem novos conceitos; apenas, eles serão rijamente fundamentados em Kardec, sem dogmas, sem tabus e misticismos nem livros sagrados, com o estudo da razão, preocupado com tudo aquilo que fuja aos conceitos científicos ou que escapem aos preceitos filosóficos, mas que, apesar de tudo, seja de tal forma verificado que dela não se possa fugir nem ignorar sua realidade.

Como o próprio espiritismo afirma, seus conceitos religiosos divergem por completo das partes doutrinárias das demais religiões, mesmo as cristãs. Talvez, por isso ressurgam pontos incompatíveis e incompreensíveis aos doutos dogmáticos, quiçá aos neo-espíritas que ainda conservem a tradição de seus preceitos anteriores ou as tradições de seus antepassados próximos.

Mistérios, ritos, cultos que inspiram o fanatismo donde se extraem espectros cheios de mística, segredos e poderes ocultos não serão aceitos; embora impressionem e caem fundo no imo do espírito de tendências místicas, fogem à razão dos fatos para se acercarem de um certo marasmo confuso e mórbido que leva a mente do pobre infeliz à concepção fantasmagórica e doentia da existência de fatos e coisas transcendentais, quando, na verdade, tudo é tão espontâneo e natural quanto a natureza que nos cerca.

A teonomia será a análise simples da religião; a estilização do fato em todo o seu aspecto, porém restrito a ele.

DA TEOGONIA À CORTE CELESTIAL

No século V antes de Cristo a Grécia viveu seu esplendor como berço da civilização mediterrânea e até hoje, a Idade de Péricles é um marco desta cultura. Durante esse tempo, desenvolvia -se um conceito religioso que é tido como politeísta, contudo, que muito pouco diverge de certos regimes religiosos que se intitulam monoteístas.

A mitologia grega, influenciada pela cultura do Antigo Egito, apresenta de comum com o monoteísmo um *deus único, supremo*, chamado Zeus, que habitava o Olimpo – corte divina. – Presidia, reinava ou imperava posto que até hoje ainda não se escolheu ao certo o regime teocrático. De *Zeus* para *Deus*, uma simples troca de letra.

Acontece que tal corte divina ainda se compunha de outros áulicos que, por se tratar de entidade superiores, também eram considerados deuses no fito único de não os confundir com as criaturas humanas, estas mortais, aqueles com poderes menores que Zeus, obviamente, todavia, investidos de predicados superiores aos de uma vulgar criatura.

Nosso caso não é o de abordar especificamente a cultura helênica, contudo, sendo ela a base dos estudos teogônicos, forçosamente será o fundamento comparativo mais indicado. Assim, podemos dizer que também no monoteísmo existe muita seita com personagens divinificadas, como os *santos* para a Igreja Católica, etc., pequenos deuses em atributos semelhantes aos do Olimpo.

O Olimpo era o monte mais alto da Tessália, na Grécia, que os atenienses conheciam, e suficientemente inacessível para que nenhum homem o atingisse àquela época desprovida dos alpinistas atuais. Com isso, ninguém lá ia bisbilhotar suas intimidades, resguardando assim a privacidade do local para que nele se instalasse comodamente uma corte divina sem a impertinente curiosidade do indiscreto ser humano. Não havia lugar mais bem indicado para nele instalarem Zeus e sua corte.

O monte grego, pois, tornava-se indevassável de forma que lá poderia ser ficticiamente colocada qualquer coisa que ninguém iria verificar; salvo algumas cabras monteses, possivelmente atribuídas às cocheiras e criações divinas, só os pássaros das grandes alturas sobrevoavam a região.

Deve-se o conhecimento da teogonia às obras do poeta grego Hesíodo, traduzidas do idioma antigo por Ghérard para o francês.

A cultura grega era tanta e tão vasta que Roma, ao ocupar a península Ática, em vez de fazer valer sua cultura sobre os dominados, acabou-se curvando ante o valor dos subjugados e assimilou seus conhecimentos, nascendo, então, a nova fase intelectual do poderoso Império Romano; para não dizer que a cópia era fiel, resolveu traduzir os nomes dos diversos deuses ou compará -los: foi assim que Zeus foi assimilado a Júpiter, ou melhor, este último ganhou o mesmo *status*. E outros mais, pelo relacionamento, como Vênus e Afrodite, Marte e Ares, etc.

Acontece, todavia que o homem, na sua busca incessante, começa a atingir pontos até então inacessíveis geograficamente, dentre eles a morada dos deuses, desmascarando a lenda e a credulidade a seu respeito fazendo-as cair em descrédito. Tornava-se, pois, necessário encontrar urgentemente uma nova habitação para colocar as divindades adoradas pelos homens.

Enquanto isso, as fases de transição se sucedem; Roma continua imperando no ocidente; os sábios ensinados de Jesus começam a chegar da Galiléia trazidos pelos próprios soldados invasores. Parece que o destino daquele império poderoso é sempre o de ter que importar cultura e crença, pois seu povo, mergulhado em orgias e prazeres, nunca deu ao mundo uma capacidade intelectual filosófica marcante. Primavam por grandes reis e guerreiros, dentre eles a hierarquia dos doze Césares, conquistadores até nas letras. Caio Júlio, o César intelectual da dinastia, descrito em um poema épico – *De Belo Gálico* –

falando de suas conquistas. Todavia, Roma possuiu o maior tratado ou código de direito que é o exemplo, ainda hoje, para os de todo mundo.

Por essa época, já na era cristã, mais de um século após a vinda de Jesus à Terra (por volta do ano 140), nasce na Grécia, ainda a Grécia como berço das civilizações antigas, um sábio matemático e astrônomo chamado Cláudio Ptolomeus, o africano oriundo da Ptolemaida Hérnia – que, por vezes, é confundido com o Ptolomeu macedônio, fundador da dinastia dos lagidas e que deu uma série de reis egípcios, dentre eles Soter II, dito Ptolomeu X, contemporâneo do astrônomo.

A Ptolomeus deve-se o primeiro catálogo de estrelas, embora todo errado como tudo o que dele adveio. Apresenta a teoria geocêntrica do Universo que serviu aos cristãos para criar a lenda do *Céu-Inferno-Purgatório*. Estava novamente Deus colocado em outro “Olimpo”, desta feita bem mais inacessível que o do monte grego.

Estamos nos prendendo um pouco à História para mostrar como os dogmas e os conceitos religiosos sempre estiveram intimamente ligados à cultura e ao conhecimento de cada época na qual tenham sido implantados.

A “*Almagesta*”, tratado de Astronomia do sábio grego com o catálogo estelar e a teoria do geocentrismo, foi devidamente aprovada no ano de 150 d.C. pelo imperador romano Antonino Pio cuja importância histórica foi mais a de ter educado Marco Antônio para ser seu sucessor do que mesmo ter sancionado um *tratado astronômico* na dupla acepção da palavra.

Posto que aprovado pelo imperador todo poderoso das terras romanas, incluindo Grécia, e colônias africanas e territórios europeus ocupados, o estudo de Ptolomeus passou a ser oficial e consagrado mais que qualquer bula papal para os católicos; por esse motivo, ficou estabelecido que a Terra seria o centro do Universo e no seu interior o fogo que brotava pelas bocas vulcânicas e que, segundo os religiosos, seria a labareda das penas eternas em substituição às terras ilhadas do Estige da mitologia grega.

Só faltava Caronte e sua barca num rio de lava vulcânica.

Por fora, como ainda não era devidamente conhecida, em vez da atmosfera, a suposição da existência de camadas envoltórias formando o *éter* (do grego: *aithér* – etéreo), e quanto mais distante do globo mais etéreo. Envolvendo tudo isso tinha o *limbo* – nome até hoje empregado para definir a periferia dos astros, quase em desuso, porém conservado para especificar a graduação dos transferidores, principalmente os dos aparelhos ópticos – local para onde os religiosos resolveram mandar as almas em tempo de espera e que não tinham o direito de entrar diretamente no *Paraíso Celeste* a fim de aguardarem seu julgamento.

E, finalmente externo a tudo, como envolvente máxima, a abóbada celeste de estrelas fixas, onde imperaria a paz e a tranquilidade do Universo, morada ideal para se alojar o novo Deus substituído de Júpiter destituído de sua corte ou destronado com a queda da inviolabilidade de sua antiga residência.

A única diferença é que subtraíram a divindade dos demais deuses, no entanto eles continuaram a existir sob as mais diversas formas, como anjos, arcanjos, querubins, etc.

De qualquer forma, perdurava a idéia de um Deus único supremo com seu acompanhamento na corte celeste, respeitando-se já então militarmente influído pelos costumes romanos, os poderes e hierarquias das divindades.

O termo latino *Deus, dei* para diferenciar a nova autoridade religiosa de Júpiter, o deus do Olimpo, veio também do grego *Théos* por adaptação fonética ao idioma falado em Roma. Ainda, segundo Virgílio, “o guia” (*vesper deo*).

Por essa época o império romano estava entregue a Constantino, o Grande (277-337 d.C.) e representava, sem dúvida, a maior potência do ocidente pelo seu poderio bélico. Por influência de seus assessores, ele impôs a Igreja de Pedro aos seus domínios, como religião oficial do Estado; foi assim que o Cristianismo passou a ser praticado livremente e mais do que isto, como obrigação, somente que,

educado sob os princípios pagãos, aquele Império só poderia se adaptar a conceitos vinculados aos moldes pagãos, tomando o nome de Igreja Romana.

O Cristianismo, como veremos adiante, por si, nada mais era do que o Mosaísmo readaptado pelos preceitos que Jesus legou em sua passagem e pelas interpretações que deles deram seus instituintes denominados evangelistas. De saída, sofreu sua primeira mutilação: a de ser im posto pela força e não pela razão.

A nova Igreja tomou força, arregimentou sociedades e, para melhor governar seus fiéis, adquiriu forma hierárquica. Apenas de Cristo – como passou a tratar Jesus –, derivara o nome, de resto, era a tirania e a opressão em estilo pagão muito ao gosto da moral (*mor, moris* – costume) romana.

Este néo-cristianismo ressurgido adaptou o *Ser Divino* do Novo Testamento ao *Ser Supremo* do paganismo para que melhor pudesse ser compreendido, possuindo um aspecto humano – até barbas lhe impuseram – mesmo no caráter. E para dar mais ênfase ao Judaísmo transformado em Cristianismo, copiaram lendas das seitas asiáticas, sob influência do Hinduísmo, criando a idéia da santíssima trindade do Trimúrti – composto de *Brahma, Vix'nu e Çiva* – que, por adaptação de personalidades, transformou-se em *Deus Pai* incriado, *Cristo Filho* homem na Terra personificado por Jesus e a alma divina da Criação que é o *Espírito Santo*, amém!

Contudo, se verificarmos bem, veremos que são quatro e não três, a saber: *Nosso Senhor* – o Deus criador; *Jesus* – o filho amado, feito homem na carne; *Cristo* – o Krishna, guia supremo do planeta; completado pelo *Espírito Santo* (amém!). Confusão esta nascida da idéia de que a Terra, centro do Universo, seria a única preocupação de De us, no caso, o próprio Cristo.

Estava assim resolvido o sério problema para deificar nosso Guia e não ferir as estruturas da época. E como os recursos da Astronomia de então eram parcos e não permitiam se desvendasse o céu, melhor escolha não houvera que colocar a nova morava divina e sua corte celeste ou celestial no ultra -limbo idealizado por Ptolomeus e que era assaz indevassável. Contudo, ainda nesta concepção perdura a idéia de que os poderes destes seres celestiais, quais deuses mitológicos, são supre mos e intangíveis pela capacidade humana; pode-se dizer que isto representa o reflexo de toda uma cultura marcante que perdurava e ainda perdura na imaginação do povo.

Copérnico (Nicklauss) o astrônomo polonês, com sua teoria heliocentrista (1501) e posteriormente Galileo Galilei, nascido em Piza (1564), com sua indiscreta luneta desvendando o cosmo e com o seu estudo de Mecânica Celeste (1609) reafirmando as teses heliocentristas vieram comprometer seriamente a cômoda situação estabelecida em face dos estu dos ptolomaicos.

Tal como os alpinistas fizeram com a corte do Olimpo, desta feita, desalojaram a corte celeste do zimbório, deixando-a desabrigada e sem outro lugar apropriado para que se instalasse sem as curiosas observações humanas comprometedoras e destruidoras de dogmas, bem como pudesse se livrar do alcance da nova invenção – a luneta – do sábio italiano.

Ambos só não foram queimados vivos pela Santa Inquisição porque um desencarnou antes e outro, enclausurado, deixou-se desdizer sem nada contestar.

Apesar desse ato coercivo, a Igreja Cristã que adotara o cânone habitacional de Deus baseado nos estudos de Ptolomeus, teve que se reformular e, sabiamente, decidiu que *Céu-Inferno-Purgatório* seria meramente um estado de espírito da criatura, não sem antes punir ambos os hereges, como já foi dito.

Evidentemente, a idéia de que a *condenação* ao Céu ou ao Inferno seria um estado de espírito, não há que contestar, afastada a hipótese de *penas eternas e bem-aventuranças supremas* concedidas a critério de sacerdotes tão humanos como os fiéis.

E dessa forma, chegamos à Era atual: tem -se dito que o avanço da Ciência cada vez mais encurrala os dogmas religiosos. Engano tredo! Pois a religião é que tem sido a maior vítima dos cientistas, porque sempre estabeleceu seus critérios baseados nos parcos conhecimentos humanos, onde reside seu erro, tentando adaptar o conceito religioso a cada descoberta científica, como no caso do geocentrismo.

Para encobrir sobremodo a falta de conhecimentos, considerando -se que a Religião não poderia ser falha, já que emana diretamente de Deus, a solução foi admitirem os dogmas: *verdades* que não se discutem.

Nossa Ciência está muito longe da Verdade Universal e, por isso, induz sua rival e companheira no erro; assim, ao criar-se um dogma, ele passa a ser incontestado ante a falta de segurança e amparo que possa lhe dar o conhecimento humano sobre o qual venha a se estabelecer.

Só que Deus não se mete nessas questões. Apesar disso, Ele e sua corte encontram -se, no momento, sem residência; talvez esse seja o motivo, como saída, em criarem -Lhe novos atributos tornando -O onipresente, incriado e como tal, habitaria todo o Universo que é o seu corpo material; é Infinito e Perfeito, como tal, não se restringe a um Universo possivelmente finito.

E aí começam a surgir as incoerências.

Quanto à sua perfeição, Leibniz escreveu um tratado para justificar a criação de uma obra imperfeita e não conseguiu, ainda, convencer os filósofos laicos. Contudo, o que até então está deveras pegando, no conceito cristão, é o dogma da Santíssima Trindade: como revogá -lo sem modificar a situação divina de Jesus?

Surge, assim, um novo problema bem mais intrínseco do que a posição que Deus possa ocupar no Universo ou que mais: – será que todo esse cosmo foi criado exclusivamente para que se colocasse o homem (obra prima da Criação) num minúsculo planeta de um reduzido e insignificante sistema solar perdido em uma galáxia que longe está de ser a maior do espaço sideral? Será ainda, que, nesse infinito perdido na *eternidade do Evo*, não exista nenhum outro mundo habitado? Se for para dar esse privilégio exclusivamente ao homem por que não o colocar em um astro melhor?

E muitas outras perguntas e indagações relativas à Criação existem, que nem os dogmas da Religião nem a capacidade intelectual da Ciência podem esclarecer, muito menos os devaneios filosóficos.

De fato: não podemos ser a obra prima de Deus!

A LEI DE CAUSA E EFEITO E A FILOSOFIA EXATISTA

Não se pode negar a Galileu (Galileo Galilei) o grande valor e a influência que causou nos estudos religiosos permitindo aos astrônomos que o sucederam, continuar desvendando o imenso Universo com sua luneta astronômica, hoje aperfeiçoada e transformada em telescópios orbitais e sondas espaciais.

Nascido na cidade da torre inclinada (1564), viveu durante 78 anos, vindo a desencarnar em Arcétri, também na Itália, no calabouço de uma igreja; foi o verdadeiro fundador da Ciência Experimental, dando ao mundo, com seu trabalho e estudo, suas obras e suas observações, o conhecimento fundamental da era mecanicista. A partida de tudo.

Cientista, muitos poderão pensar como pôde ele ter tanta influência na reforma teológica; bastaria, apenas, citar a derrubada da teoria geocentrista, mudando toda a estrutura canônica do destino das almas para ser suficiente a sua atuação neste campo, porém, sem ser filósofo, com suas descobertas e seus estudos, mais destacadamente dentro da Mecânica, levou os filósofos a meditar seriamente nas suas conclusões.

Com suas observações siderais, descobriu as librações lunares e caiu na tolice de confirmar a teoria heliocentrista de Copérnico, começando sua desdita. (*) Transferido para Veneza, deu a lume em 1632 sua grandiosa obra “*Verdade do Sistema Solar*” que lhe valeu o prêmio da condenação eclesiástica por parte do Tribunal da Santa Inquisição. Para se salvar, no ano seguinte foi obrigado a abjurar de joelhos, ante o Altar da Inquisição, tendo tido seus trabalhos rebuscados e destruídos.

(*) Galileu descobriu a lei do isocronismo pendular, segundo uns, vendo o balançar de um candeeiro luminoso da catedral de Piza, aplicando-a, a seguir, na regularização dos relógios; enunciou a lei da gravidade; inventou, dentre muitas coisas, o termômetro clínico, baseado no de Reaumur, a balança hidrostática e, por fim, a célebre luneta astronômica. É autor, ainda, da Teoria da Relatividade Mecânica, dita clássica.

Confesso e reconhecedor da **heresia** que houvera cometido, teve sua pena capital comutada, outrossim, por medida de segurança, acabou encerrado em cativeiro na cidade de Arcétri, onde veio a falecer em 1642.

A Filosofia Exatista nunca se impôs porque Galileu não lhe deu corpo nem a vestiu com roupagens próprias; nasceu quando o sábio enunciou o princípio do equilíbrio universal: – “*a toda ação corresponde uma reação igual e contrária*”, que acabou sendo inserto no Tratado de Mecânica de Sir Isaac Newton como 3ª lei da mecânica (1701).

Este conceito matemático que serve para todo o fenômeno físico do Universo corresponde a uma série de pensamentos filosóficos tal como o que é atribuído a Kung -Fu-Tséu, “*não faças a teu semelhante o que não queres que te façam*”; ou então, na filosofia egípcia, “*a boa sementeira dá bons frutos, a má provoca espinhos*”; já os romanos diziam que “*quem com ferro fere, com ferro será ferido*”; além do anexo latino, os cristãos e bem os espíritas em particular adotam o sábio princípio das palavras do Mestre: “*assim como fizeres, assim acharás*”...

Esta análise pode continuar encontrando inúmeras citações com o mesmo fundamento filosófico e já os gregos garantiam que “*o mal gera o mal, enquanto que o bem gera o bem*”; só a boa sementeira, diremos nós, finalmente, é a que deve ser cultivada em nossos corações para que não sejamos vítimas de nossas ações.

Todo o significado moral desta filosofia de “*provérbios*” tem como escopo mostrar aos homens que só devem agir com correção. Nada, porém, foi tão exato quanto o Princípio físico de Galileu e mais

evidente se tornou quando foi matematicamente equacionado por Newton, transformando-se em lei física.

Preocupado mais com a Ciência do que com os homens, o sábio italiano pensou que, em dando a lume os conhecimentos da verdade, estaria atendendo à máxima cristã: “*conhecereis a Verdade e ela vos libertará*”, só que não podia imaginar que isto não convinha aos que se diziam seguidores de Jesus e, em vez de se libertar, paradoxalmente, acabou preso.

Na prisão, meditou e emitiu muitos pensamentos esparsos e deles podemos auferir:

Ser como os astros é o mesmo que não errar; eles caminham e em suas respectivas órbitas sem delas se desviarem e quando o fazem, como no caso dos meteoritos, são intensamente bombardeados pelo próprio cosmo, o organismo divino, até serem destruídos ou irem ter a lugares em que não causem distúrbios.

Se os homens pudessem conhecer – o que bastaria uma leve observação – todas as leis de equilíbrio e viver em consonância com elas, jamais caminhariam na trilha do mal. Isto muito incentivou Galileu a prosseguir nos seus estudos e mesmo, quando obrigado a abjurar, o fez clamando: – “*Os homens ainda não estão na condição de conhecer a verdade. O Universo sabe que tudo fiz para que os homens compreendessem em razão, a sabedoria da sua criação; eles não o querem...*”

Galileu jamais condenou seus algozes – ou não o pôde fazer – e, várias vezes, levado a confessar seu arrependimento, não fugiu de dizer que continuava com seus pontos de vista e que só lamentava não ser compreendido. O futuro deu-lhe razão. Até mesmo a Igreja.

Do extrato de seus estudos podemos tirar as seguintes conclusões:

I – A vida da criatura humana é por ela traçada em suas ações passadas e o futuro criado pela presente. *Assim como a trajetória de um astro é consequência das ações que ele trocou com seu meio.*

II – O que corrompe o equilíbrio e a perfeição é automaticamente destruído pelo próprio universo que o contém ou lançado a recônditas situações nas quais não possa continuar causando danos. *Um astro não contraria impunemente uma lei sideral.*

III – Essa destruição ou contra-ação de equilíbrio, atuando sobre as criaturas, representa o sofrimento. *Toda reação é igual e inversa à ação que a provocou.*

IV – Nossos sentimentos são fontes de energia emissora e a elas, como no caso geral, retornam para fechar o ciclo mecânico do equilíbrio e, evidente, causando a impressão do que fora emitido. *Assim como a eletricidade, que só se desloca pelo seu circuito e retorna à fonte de origem, também a ação mecânica é um ciclo cinético.*

V – Dessa forma, ao se praticar o mal, torna-se a recebê-lo tal como fora emitido, a fim de se retirar do meio aquilo que a ele tenha sido enviado. *Toda energia emitida por uma fonte mecânica terá que ser absorvida para que se restabeleça o equilíbrio.*

VI – *A isocronia pendular mostra que as oscilações podem variar de grandeza, só não podem se afastar do centro de equilíbrio e, como o mesmo tempo gasto em se ir dele, a ele retorna.* Também a vida humana não pode se afastar de seu rumo certo.

VII – *Todo o cosmo obedece à mesma lei de equilíbrio.* A lei é igual para todos.

Uma doutrina, sem dúvida, mesmo de caráter religioso, não pode prescindir dos preceitos filosóficos que se baseiam em fenômenos físicos ou ditos naturais.

As conclusões tiradas dos estudos de Galileu, se entendidas pelo homem e levadas a seu cumprimento, seriam, por si sós, capazes de fazer com que sua sociedade atingisse à perfeição, relativa, evidentemente, como o próprio Galileu sugeriu, quando enunciou sua teoria da relatividade mecanicista.

As reencarnações são consequência da necessidade que se tem de retornar à vida terrena para nela reabsorver tudo o que fora emitido em vidas pretéritas e que não obedeçam a essa lei universal, contrariando o princípio de equilíbrio. Em suma, é o reequilíbrio ou estabilização.

Não há dúvida de que a Doutrina espírita está intimamente ligada a essa filosofia e seus preceitos religiosos sugerem a perfeição aplicada ao Criador.

Além disso, a razão, principal fundamento de qualquer análise, nos diz que a perfeição reside na repetição sempre exata das coisas. A verdade sobre ela é que se faz relativa, de acordo com a capacidade dos conhecimentos humanos, por isso, até Jesus se calou quando indagaram dele o que era a *verdade*. Cada um a tem a seu modo. Em Ciência, é o conhecimento do fenômeno, em filosofia, a compreensão desse conhecimento e, em religião, a interpretação desta compreensão, ligada à Criação. E, para Buda, ela está dentro de cada um.

IV

MEDIUNISMO E RELIGIÃO EM TODOS OS TEMPOS

O homem, de um modo geral, não se preocupa com o que os outros animais possam sentir, pensar ou fazer; para ele, trata-se de seres inferiores e nada mais. Há quem, com rasgos científicos, seja capaz, até, de afirmar que os bichos nem sequer raciocinam, o que é um tremendo erro, comprovado pela vivência com eles.

Isto, porém, não envolve uma questão religiosa, senão o fato de que a vida biológica do mundo, fora das civilizações humanas, até hoje, não foi motivo de nenhuma apreciação técnica. Sabe-se, apenas, que os animais são influenciados pelas radiações espirituais e que uma grande parte deles pressente a vida do Além com muito mais acuidade do que a maioria das criaturas humanas. É a observação diária que o comprova.

Talvez, por isso, a História só registre o ciclo evolutivo das espécies humanas a partir do homem da caverna, o ser intermediário entre os símios e os antropóides.

Contudo, alguns dados paleontológicos registram uma peculiaridade: antes de habitar a caverna, o troglodita, na sua constituição primitiva, tentou criar suas primeiras casas nos galhos das árvores, segundo se garante, por temor aos ataques das feras enquanto descansasse. Era uma espécie de ninho de passarinho estilizado, já com cobertura protetora contra as chuvas.

Todavia, parece que os dados para tal conclusão se tornam pouco expressivos, senão para nos trar que eles ainda guardavam resquícios da vida dos primatas pré-históricos.

Já na caverna, as inscrições rupestres, ante a interpretação dos especialistas, mostram uma civilização muito primitiva, animalizada, que adorava rituais, todos eles voltados para o culto sacerdotal, comandado, provavelmente, por Entidades espirituais manifestas em médiuns que, mais tarde, se transformaram em *feiticeiros*.

A *Dança Ritual do Fogo* é uma das mais primitivas formas, pelas indicações litográficas, de cultuação aos deuses que, sem dúvida, nada mais eram do que Espíritos manifestados, com toda certeza, de elevação espiritual duvidosa e que se valiam daquela subserviência para exigirem sacrifícios, imolações, até coisas absurdas, capazes de mostrar a submissão de seus adoradores.

Assim nasceu o culto. Culto no lar, porque se realizava onde se morava: a caverna.

E parece que os dois grandes centros dessas pré-civilizações foram a Ásia Central e o norte da África.

A Antropologia, para não contrariar a Bíblia, inicialmente, admitia que o ser humano descendesse da formação adâmica e que, a partir dela, suas castas foram migrando e ainda que, para se adaptarem aos novos meios, transformaram-se, dando as diversas raças.

O negro, portanto, o mais antigo, pela influência da selva africana e seu tórrido clima, conforme perdia o pelame, ganhava a pigmentação protetora da pele, gradativamente escurecida até definir seu tipo padrão. Contudo, observam-se pequenas mutações, mesmo, nos povos dessa raça, o que se atribuía à variação do próprio clima de cada região.

Já a raça branca teria ficado com sua tez clara por causa do frio das regiões em que os primitivos foram habitar. E assim sucessivamente.

A própria Paleontologia, com suas descobertas, todavia, acabou provando que essa teoria estava errada porque cada tipo de raça tem ascendentes distintos e que, também por transformações, provavelmente na descendência de símios, a origem da espécie que permitiu a mutação dentro do processo evolutivo e que teria definido a variação racial.

Claro que o clima está intimamente ligado a essas variações, não só no caso das raças humanas, como no de todos os animais, às diversas espécies de cada família biológica.

Isto não faz muita diferença para o estudo histórico do conceito religioso paralelamente desen volvido sob influência de Espíritos manifestos através do processo mediúnico abordado.

À Europa custou-lhe tomar conhecimento desses rituais religiosos; o instinto natural de seus povos fazia com que cada um tivesse uma forma primitiva de adorar divindades , criando religiões que atualmente são conhecidas como politeístas simplesmente porque os diversos adoradores deificavam seus ídolos.

Já aí, também se distinguia uma ritualística própria, o que tudo indica que a criatura humana, por índole, assimila a idéia deificada de Entes superiores como formas de adoração.

Um remanescente desse “politeísmo” é o candomblé, onde as Entidades manifestantes guardam ainda os antigos resquícios de sua divinização: Ogum, Xangô, etc., ditos orixás.

A mística, aliada à falta de conhecimentos, juntas, fez com que essas criaturas se restringissem a um primitivismo tão rudimentar que o conceito religioso original acabou assimilando, somente, a idéia de adoração ao *Poder Superior Desconhecido*.

Contudo, em toda parte, a idéia do “médium” sempre existiu assimilada à figura sacerdotal, do oráculo, enfim, do mago e do feiticeiro que possuíam incontestes poderes ditos e tidos como sobrenaturais. É ainda a figura do pajé para os ameríndios e do xamã asiático.

Desse modo, o mediunismo foi assimilado aos rituais, até mesmo, alguns macabros, com finalidades específicas, comandadas por Espíritos trevosos, quando muito, apegados ao orbe e que precisavam de lastro ectoplásmico para gravitar na esfera terrena. Esse lastro – elemento de vida carnal – era e ainda é obtido pelo sacrifício (imolação) de seres vivos e funciona – à semelhança de pesos que permitem que o escafandristas possam mergulhar a grandes profundidades – como elemento de gravitação com o que os espíritos inferiores podem gravitar na atmosfera terrena por compatibilidades vibratórias com a vida encarnada, usufruindo de suas emanações.

Até hoje essa prática existe. São os trabalhos de terreiro voltados para a “magia negra”, o candomblé, todos conhecidos como *macumba* (do quimbundo: *ma'akuba* – macumbé, árvore sob a qual se realizam esses rituais), onde, sem dúvida, aquele mesmo primitivismo cultivado pelos povos antigos se manifesta no ritual.

A formação religiosa superior verificou que tais ritualísticas eram perniciosas. Como suas práticas estavam por demais vulgarizadas, o jeito foi excomungá-las ao poder diabólico de *seres das trevas* e, para tal, condenar todo e qualquer ritual que pudesse sugerir o fato. Assim, radicalizando, a mediunidade foi banida de uma grande parte das religiões modernas.

Há que separar, porém, essa ritualística mediúnica voltada para as energias terrenas da verdadeira prática que permita que os desencarnados se comuniquem conosco, sem a mínima necessidade de executarem nada daquilo que a referida *macumba* sempre usou.

Mais uma vez, a razão selecionando e adaptando as práticas à simplicidade doutrinária Kardec não poderia negar o mediunismo nem repudiá-lo, pois foi através das comunicações espirituais que ele teve contacto com as mensagens do *Espírito de Verdade*.

Assim, o mediunismo volta à prática religiosa e doutrinária.

O Espiritismo propõe colocar as coisas em seus devidos lugares; através do conhecimento, mostrar que a prática mediúnica não depende de nenhum ritual, pois a Doutrina dos Espíritos, ensinada por Entidades Superiores recomenda que se evite qualquer coisa que possa trazer à nossa convivência qualquer tipo de influência inferior.

Evidentemente, só aceitará a veracidade mediúnica da intercomunicação com o Além aquele que admita a sobrevivência da alma após o desenlace carnal e sua propriedade de viver em um domínio de existência ao qual somos paralelos, domínio esse que pode atuar em nosso meio energético (material).

A manifestação mediúnica não é ritual, embora muitas seitas que a praticam usem de ritua lística e inúmeros Espíritos adorem isso; há, até, os que exigem o formalismo e a cultuação; por dispensável e injustificável, o Espiritismo não adota senão a influência do Espírito comunicante sobre o médium a fim de que, por meio dele, usando-o como *aparelho*, possa se servir dos recursos de comunicação. Tratando-se de fenômeno, a ocorrência mediúnica é do âmbito científico e deverá ser estudada dentro dessa parte.

A importância do mediunismo na parte religiosa, além das circunstâncias fenomênicas na sua prática mística, prende-se ao esclarecimento de certos assuntos que só os desencarnados são capazes de informar.

V

A COLABORAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Não se pode separar o conceito doutrinário do todo para uma das partes: ele vale, no caso do Espiritismo, para seu tríplice aspecto e, como *Doutrina dos Espíritos*, não há que duvidar que a unanimidade das informações que trazem até nós, em qualquer parte do mundo, é que fundamenta seus princípios e neles incluídos os religiosos.

A Codificação é única e fundamenta-se nas obras de Kardec. Qualquer inovação que não seja coerente com seus postulados e que se restrinjam a grupos, não representa o Espiritismo. Não se admitem diversificações como *Espiritismo-cristão* (o roustaingismo), *Espiritismo Ciência*, *Espiritismo de Mesa*, *Alto Espiritismo* – principalmente estes últimos, por serem aberrações – e que mais, com introdução de obras inovadoras que modifiquem seus conceitos ou que introduzam novas idéias que não tenham o amparo no fenômeno, na sua comprovação ou na razão.

Só há um e único Espiritismo, o codificado por Allan Kardec.

Também não é válido diversificar as partes do tríplice aspecto, moldando aquela que não agrade porque Doutrina é um todo sem mutilações. Até mesmo as presentes considerações estão sujeitas ao mesmo crivo.

Nenhuma corrente doutrinária anterior a Kardec pode ser tida como sua predecessora: o Espiritismo nasceu com Kardec e, pelo fato de ser mediunista, nenhuma outra similar poderá ser considerada espírita; este neologismo nasceu para definir apenas o que advém da análise do mestre lionês atualizado pelos novos conhecimentos que o homem adquira, sempre coerente com sua base e nunca diversificado dela. Portanto, não existe Espiritismo antes de Allan Kardec.

O fundamento doutrinário do Espiritismo, sem dúvida está inserto no primeiro livro escrito pelo codificador, que é **O Livro dos Espíritos** (LE), um acervo geral que mostra, a partir de Deus e da Criação, todo o aspecto filosófico-religioso dos ensinamentos dos Espíritos.

Segue-se a ele **O Livro dos Médiuns** (LM) que contém os principais tópicos da fenomenologia e esgota o assunto com grande profundidade de conhecimento; é, assim, o segundo mais importante livro da codificação porque nos dá o conhecimento do processo de intercomunicação com o Além. Como tal, é, sem dúvida, o tratado científico da fenomenologia dita paranormal.

Contudo, o livro onde Kardec conceitua a doutrina dos espíritos é o mais ignorado por todos porque estabelece fundamentos que contrariam muita tendência religiosa existente. É ele **O Que é o Espiritismo**, onde define, sem contestações, o que vem a ser a obra por ele codificada, exemplificando sua explanação e estabelecendo seus princípios.

Reponde a uma série de indagações; nele, Kardec confirma a existência da parte religiosa, afirmando categoricamente, em diálogo com um padre, que a Codificação possui todos os fundamentos religiosos essenciais para substituir qualquer outra religião, como será dito adiante. E é, segundo o próprio Kardec, a principal obra dele, neste campo.

O quarto livro, sem ser considerado básico, **O Evangelho Segundo o Espiritismo** (ESE), estuda um pouco da filosofia do Novo Testamento, mostrando a beleza dos ensinamentos de Jesus, chamando a atenção para algumas sérias contradições de prováveis interpolações havidas no interesse à manipulação dos que pregavam um Cristianismo conveniente a eles. É polêmico e diverge dos que aceitam a Bíblia na íntegra, sem qualquer análise. Este livro encerra, apenas parte da moral espírita, mas era por demais importante à época porque toda sociedade européia estava enraizada nos fundamentos ditos cristãos e repudiaria qualquer outra idéia que não se estribasse nesses princípios. Além disso, nos fala do Cristo, nosso guia, a quem seguimos.

Contudo, até hoje, muitos adeptos ou possíveis seguidores do Espiritismo não conseguiram se libertar dos liames eclesiásticos e ainda mantêm a idéia do perjúrio e do pecado contra Deus o fato de divergir das Escrituras Sagradas. É o desconhecimento doutrinário.

Ainda, numa abordagem religiosa, vamos encontrar o quinto livro, **O Céu e o Inferno**, falando a respeito da *Justiça de Deus* sem as contrastantes conotações da Teodicéia e, apesar disso, é a obra menos conhecida pelos ardorosos adeptos da parte religiosa do Espiritismo, até mesmo nos que tentam transformar a Codificação em mais uma seita cristã, senão, estes tomariam uma outra posição, antagônica ao seu evangelhismo canônico.

Complementando a série de livros tem-se **A Gênese**, por demais polêmico e **Obras Póstumas**, como o próprio nome indica, publicada após o desencarne do seu autor.

Não pára aí, contudo, o trabalho da Codificação. Kardec reformulou alguns pontos, ampliou outros através de uma série de artigos editados em vários periódicos, destacando-se a *Revue Spirite* que ele próprio geriu. E desses artigos, vários foram os livros editados, juntando assuntos, como é o caso do *Desobsessão*, impresso pela Federação Espírita da Bélgica.

É preciso que se conheça toda essa matéria para que se possa ter uma idéia do que seja a Codificação. Assim nasceu o Espiritismo hoje acrescido de um sem número de depoimentos dos mais diversos observadores, alguns, até, inteiramente insuspeitos porque não eram seguidores de Kardec nem desejavam sê-lo. Só que nenhum deles conseguiu implantar novos princípios, até mesmo cientificamente, capaz de interferir nas bases doutrinárias; e note-se que, ao tempo de Kardec, segunda metade do século XIX, os ditos conhecimentos científicos eram parcos em relação ao que hoje se sabe; ainda se tinha a molécula como indivisível.

A comprovação dos fatos, a verdade de suas teses, o rigor da análise e uma fenomenologia que resiste às pesquisas até de fraudadores, formam o pedestal onde assentam os ensinamentos dos Espíritos e é nisso que reside a confiança de suas mensagens.

O mistificador por si só se trai e torna-se fácil bani-lo do meio.

Muita coisa já existia, quando Léon Hyppolite Denizard Rivail, o grande educador, discípulo emérito de Pestalozzi, foi convocado à sua missão na Terra. Ele era professor de renome, mestre em metodologia e autor da primeira gramática da língua sob forma didática, para sua aprendizagem. Não podia supor que acabasse se envolvendo com aqueles fenômenos de mesinhas girantes que possuíam personalidade, inteligência e capacidade informativa.

A pureza d'alma e a honestidade foram os predicados que levaram este mestre que adotou o pseudônimo de Allan Kardec a aceitar as comunicações mediúnicas e as determinações dos mentores espirituais atribuindo-lhe a função codificadora. A literatura a esse respeito é vasta.

Na época de Kardec, na Europa, imperava a Igreja, que ditava os princípios religiosos, do que, a sociedade não podia afastar. A Santa Inquisição deixara marcas indeléveis e não se podia fugir a seus princípios sem escandalizar a sociedade. A imagem de Jesus crucificado representava o Senhor na Terra, dogma que não podia ser contestado. E, apesar da *liberté, égalité et fraternité*, ainda, na França imperava **ou crê ou morre**, se não na fogueira, pela condenação social. Assim mesmo, esse país é tido como o mais liberal entre os demais.

Jesus era Deus na Terra e seus signatários de alguns países europeus pregavam sua doutrina à moda de seus interesses, manipulando a *lei de Deus* de forma que fossem os grandes detentores das pseudodeterminações emanadas do Criador. Eram senhores absolutos da fé e da crença; mandavam no Céu e determinavam na Terra e o condenado não alçaria aos páramos celestes. E todos criam; e todos temiam. O medo ao desconhecido ajudava a impor esse regime.

Pobre Jesus, que veio ensinar o bem, o amor e a misericórdia, transformado em aval ao despotismo.

Tornava-se preciso que surgisse algo sem ferir tais preceitos, que fosse capaz de abalar a sociedade, chamando sua atenção para a verdade das coisas o que talvez tenha levado o Kardec a acomodar certos pontos doutrinários.

O ranço do falso cristianismo imposto pelas castas dominantes que acabaram se transformando em religiosas, legando-nos o que hoje existe, foi tão prepotente que impôs à razão os seus preceitos e que imperaram até então. As palavras de Jesus foram modificadas, em parte, pela conveniência, outras foram devidamente supressas e algumas que mais acrescentadas para que o Cristianismo pudesse representar os interesses das castas dominantes e que acabaram se tornando as senhoras poderosas da religião.

A Igreja de Pedro, inicialmente condenada às catacumbas, tendo seus adeptos perseguidos pelos poderosos, foi assimilada por Constantino, o grande, de Naissus (306), imperador romano que a adaptou às necessidades do império, em vez de transformar seu poder público pelas benesses dos ensinamentos legados pelo Mestre da Galiléia.

Enfim, a deturpação tomando conta da idéia, daí a necessidade do *Consolador Prometido*, para reconstituir a verdadeira doutrina do Cristo e essa reconstrução veio através das mensagens mediúnicas e dos ensinamentos através delas trazidos pelos grandes mentores.

E esses Espíritos Superiores falam de Jesus como luminar e como mensageiro do Alto para ensinar o amor às criaturas, como mentor em quem se inspiram e a quem servem como discípulos na Espiritualidade. Esse, porém, é o lado filosófico da nossa existência.

É o que muitos chamam de “Cristianismo redivivo”.

A confusão religiosa não tem limites: várias são as correntes de pensadores dentro de um mesmo grupo ou linha de pensamento e cada qual, julgando-se infalível, tenta impor sua “verdade” como absoluta, do que não escapa o meio espírita. Dentro dele vamos encontrar os que combatem a parte científica, alegando que a era da fenomenologia espírita já passou; e esquecem-se de que os fenômenos existem, existiam e existirão por toda a *eternidade* da nossa vida, independentemente da sua natureza e os paranormais não fazem exceção.

Além disso, o progresso caminha a passos largos e as descobertas no campo espírico nos são deveras favoráveis, ampliando os conhecimentos e, cada vez mais, comprovando os estudos do mestre lionês.

Outros são radicais e querem banir a parte religiosa do Espiritismo, alegando (ou confundindo) que religião seja uma seita com dogmas, rituais, cultos, sacerdotes, infalibilidades, enfim, tudo aquilo que Kardec provou que não tem fundamento nem necessidade para se compreender Deus, não pelo lado filosófico da vida, mas por sua Criação e interligá-la a ela, o que nem a ciência nem a filosofia o fazem. Portanto, a religião é, sem dúvida uma *parte* integrante do tríplice aspecto do Espiritismo e é este o campo que será desenvolvido no presente trabalho, mostrando sua facetas na tentativa de banir as incoerências, e purificar os conceitos pelo conhecimento da Verdade.

Eis, pois, o motivo pelo qual a parte religiosa do Espiritismo existe sem dogmas, sem mentores absolutos, sem infalibilidades, residindo na coerência das informações e na sua universalidade. Não é uma religião estruturada, senão, uma parte correlata com o estudo relativo ao Criador, sua obra e seus fundamentos.

Essa parte religiosa do Espiritismo não é o evangelhismo que muitos tentam impor, nem tampouco tem fundamento nesse Cristianismo como é infligido por herança dos imperadores através das Igrejas tradicionalistas ou mesmo, as transformadas que insistam em se manterem no mesmo pedestal estabelecido pelos antigos Poderes constituídos em Estados. Não parte da premissa de que Cristo seja Deus nem que Jesus seja o filho de Deus na Terra, formando com um Espírito Santo uma santíssima trindade na qual uma só pessoa é verdadeira, ferindo todos os princípios matemáticos existentes.

Contudo, o que advém dos ensinamentos evangélicos, verdadeiramente cristãos, está contido no livro de Kardec, com toda sua pureza, com toda sua beleza, expressando uma filosofia de vida, como já foi dito, mas que só fala em parte nos preceitos religiosos por nós adotados.

Esta é a contribuição dos Espíritos; cabe agora, a nós, que também somos espíritos só que encarnados, dar prosseguimento à nossa parte porque nós, encarnados, é que somos os grandes responsáveis pelos acontecimentos terrenos e, como tal, pelo conhecimento doutrinário.

E é bom lembrar que o processo encarnatório é uma necessidade: para uns como resgate de seus erros, para outros, missão; de uma forma ou de outra, cada qual dá sua contribuição à formação social do mundo e é responsável pelo seu progresso.

É preciso que se pense nisso antes de achar que, sendo a Doutrina dos Espíritos, só eles sejam os responsáveis pelo seu progresso e capazes de ditar seus preceitos.

A verdade será sempre a verdade.

VI

LEI DE CAUSA E EFEITO

Já enunciava Galileu: “*A toda ação corresponde uma reação igual e contrária*”, princípio este que foi incluído por Newton no seu Tratado de Mecânica Física como sendo a terceira lei.

Há ainda um axioma que nos diz: “*Não há causa sem efeito, não há efeito sem causa*” o que significa que nada existe em vão no Universo. Ora, posto isso, a causa é uma ação e o efeito a reação do ato.

Evidentemente, sendo uma lei universal, ela tem que abranger todos os fenômenos que aconteçam dentro do espaço cósmico que nos contém.

Desde 1988, a equipe de Palomar, instalada com o segundo observatório astronômico Keck II a 4150m de altitude, na cratera do extinto vulcão Mauna Kea, no Havai, vinha observando a ação de forças estranhas que atuavam sobre a poeira cósmica em torno da estrela Alfa Centauro, forças essas que, sem dúvida, seriam as responsáveis pela formação planetária em si.

A partir desses estudos, Sten Odelwal comenta em sua obra “*A Teoria do Nada*” que o Universo é constituído de 23% de energia cósmica – a mesma que Newton chamou de fluido cósmico universal (FCU) – e 73% de nada, comparando o espaço sideral a um tanque cheio de espuma, onde, na verdade, a massa que o enche é mínima; a maioria é de bolhas, dando ainda o conceito do “peso sem massa”, ou seja a força oriunda deste domínio e que seria responsável pela estruturação do Universo.

Amit Goswami, físico indiano da Escola de Bose, conclui que este domínio seria o correspondente à Espiritualidade e esta, portanto, passaria a ser a causa da existência do nosso Universo, pulsante e anisotrópico.

Seu estudo corrobora as pesquisas de Murray Gell Mann à frente do fermilab (acelerador de partículas) da “Stanford University” quando, fazendo um pósitron (anti-elétron) chocar-se com um elétron, concluiu que os mesmos teriam “vontade própria”, ou seja, que estas partículas só podiam ser comandadas por um agente estruturador (mais tarde conhecido como *frameworker*) estranho ao domínio energético. Isto pode justificar a formação das mesmas a partir da ação deste agente externo sobre a energia cósmica fundamental que, por si só, não pode se alterar.

Neste caso, os aludidos agentes seriam os respectivos princípios espirituais das aludidas partículas, evidentemente, com as características correspondentes às mesmas.

Desta forma, a causa da existência dos corpos siderais estaria explicada, faltando, apenas esclarecer qual seria a da existência do próprio Universo, incluindo os ditos agentes que, segundo as religiões, seu grande culpado seria Deus, sem maiores explicações, transformando tal assertiva em dogma, ou seja, algo que não se explica, mas aceita-se como princípio, por pura crença.

Deus, como causa de tudo, seria o que a Ciência considera como sendo o “Agente Supremo” cujas características são ignoradas por falta total de informações a seu respeito. Assim, evidentemente, como não há efeito sem causa, tal “agente desconhecido” é algo compatível com o Universo e jamais poderia ser representado pelos deuses religiosos, em si, antropomórficos e exclusivamente compatíveis com a formação humana.

Todavia, cabe lembrar que a figura de Deus foi idealizada pelos povos primitivos que tinham a Terra como centro de tudo e que os demais astros é que giravam em nosso entorno, motivo pelo qual até a Bíblia comete o terrível erro de julgá-lo como sendo um Ser semelhante a nós, com sentimentos, erros e virtudes humanas.

Por esse motivo, a Ciência não aceita a tese religiosa embora admita a existência de algo que esteja acima de tudo e que tenha uma sabedoria cuja mente humana seja incapaz de imaginar.

Quando ao Deus religioso – cada Religião tem o seu individual –, ele é fruto, segundo a Psicologia, da necessidade que a criatura tem em se apoiar num Ente capaz de protegê-lo contra o desconhecido, que é a própria vida.

Kardec, em Gênese, nos diz que, quando apelamos para Deus é um Espírito amigo que vem em nosso socorro. Evidentemente, do mesmo modo que um diretor geral de uma empresa envia um seu auxiliar para resolver os problemas de seus operários, também, a Causa Suprema da existência do Universo não teria condição de se restringir aos problemas humanos em seu grande atraso existencial.

Enfim, o Universo existe por algum motivo que a mentalidade humana não pode compreender e, para tal, existe um motivo para tal que também é inteiramente ignorado já que nem se sabe a extensão do Universo, quanto mais como e porque teria surgido.

Num estudo teonômico, portanto, o assunto não poderia ser ignorado, já que a idéia principal gira em torno do aspecto divino da criação que se opõe ao racionalismo ideológico da lógica para a qual é fundamental que toda causa seja compatível com seu efeito. E vice-versa.

O que se pode concluir, portanto que esta causa não corresponde aos deuses das respectivas religiões porque a verdade é única e cada crença tem seu Deus exclusivo que só protege os seguidores das mesmas.

E finalmente, a esperança de que, algum dia se possa entendê-Lo é tão remota quanto o conhecimento da origem e do começo de existência do nosso Universo, bem como o porquê dessa existência.

VII

O CRISTIANISMO E AS SEITAS CRISTÃS

Breve histórico

Quintus Horatius Flaccus – que se notabilizou pela sua literatura poética na velha Roma – nasceu em Benúsia (65 a.C.) e veio a falecer em Apúlia, oito anos antes do calendário atual, com 57 anos vividos. Foi um entre os diversos protegidos de Mecenas. Destaca-se por suas *Odes* e pela diversificação literária, desde a sátira até os ensaios; no campo religioso temo-lo em *Letras Sacras* e celebrizou-se por suas *cartas*, onde a mais famosa é a *Epístola aos Pisões*, importante família do Lácio – *gens Calpurnia* –, constando, até, que nele teria se inspirado Paulo de Tars (sem o “o”) para escrever as suas.

Numa de suas cartas ao Senado Romano, Horácio refere-se a um jovem judeu da Galiléia que se intitulava rei, só que afirmava que “*meu reino não é deste mundo*” e que vinha sublevando as colônias do Oriente Próximo – a Palestina – para tornar-se *livre pela Verdade*.

Muita coincidência?

Horácio teria ignorado seu nome, ou, posteriormente, segundo uns, fora omitido de suas descrições. Adulteração de documentos já data daquele século. De alguma forma, aquele *agitador* citado por Horácio teria logrado seu intento já que, quase um século após, os documentos registram o fato de que deflagrou a revolta dos hebreus, obrigando Tito, o filho do então Imperador Vespasiano a retomar Jerusalém.

Horácio via sua previsão realizar-se, surgindo como artifício de tudo o *mítico filho de Deus*; só não coincidem as datas bíblicas com as históricas. Atualmente, a própria Igreja já admite que o sacerdote encarregado de armar o calendário em função de Jesus teria errado; prim eiro passo. Mas, ainda assim, teria ele nascido em 5 a.C., pelas correções, quando, há doze anos antes Horácio se referia provavelmente a ele de outra forma completamente distinta da que a Bíblia descreve, embora esta seja, apenas, a expressão de seus compiladores.

Lamentavelmente, para o idólatra que tem este livro como palavra de Deus, a verdade histórica será uma blasfêmia e, em detrimento dela, prefere aceitar a incoerência que os textos encerram. É a infalibilidade. Os que deificam Jesus, ainda, são um grande entrave à busca da verdade dos acontecimentos: preferem-no assim, fictício e ilusório, mas, miraculosamente revestido do manto divino, portando o cetro do Criador.

Outro importantíssimo autor romano foi Titus Livius (59 a.C. – 19 d.C.), natural de Pádova e que viveu na intimidade de Augusto César, sendo preceptor de Claudius. Vários autores garantem que a data e local do nascimento desse historiador romano são desconhecidos; desencarnou em Roma presumivelmente com 70 anos bem vividos e a ele são atribuídos 142 volumes dedicados à sociedade romana, suas conquistas e sua civilização, desde a Gália (França) às colônias do Índico. No *Tratado Histórico e Social de Roma*, sua grande obra, fala de certo personagem da Galiléia conhecido como o *Messias Prometido* pelos profetas e que teria sido o mestre de Pedro, o cristão das catacumbas.

Contudo, duas coisas importantes são preponderantes para que se tenha melhor posição; a primeira delas é o nome de Jesus que, antes da adoção do Cristianismo se chamava Josuah (ou Yoshua) Bem Yussif. A segunda: Nazareth ainda não existia, à época, como cidade, portanto, nem procede chamar Jesus de Nazareno, nem dar à sua mãe o título de Maria de Nazareth.

O que a Geografia registra é o povoado de Nashra, pertencente a uma das doze tribos de Israel, a de Zabulon, décimo filho de Jacó, situada nas montanhas palestinas onde teriam vivido José e Maria, pais de Jesus. Esta cidade veio a ser conhecida posteriormente ou denominada pelos europeus com o nome de Nazaré.

Aí, ainda, as descrições históricas não coincidem com as da Bíblia.

Curiosamente, da sua grande coleção de trabalhos restam apenas 69 volumes históricos e tudo indica que os demais, inclusive o que se refere ao Messias, teriam sido destruídos pelo incêndio da *Biblioteca Eclesiástica Romana* que inspirou Umberto Eco a escrever seu famoso romance “*O Nome da Rosa*” e que foi transformado em filme.

Também, os registros históricos da passagem de Pedro pela *cidade Eterna* são precisos e tudo o mais que encerra a vida inicial dos cristãos; mais uma vez, a descrição bíblica da vida de Jesus é que apresenta discrepâncias, lamentavelmente.

Isto não significa dizer que Jesus não tenha existido; pelo contrário, lança a certeza de que os interesses *religiosos* da época sobrepujaram a verdade e disso nasceu uma lenda mítica onde um *deus* nascido na Terra teria os poderes Superiores da Criação e a Igreja (que era o próprio Estado romano) seria sua lúdica representante para salvação e glorificação dos povos ou dos que a seguissem. *Si non è vero, è bene trovato.*

A origem dos nomes e dos princípios

Conforme Caius Plinius Secundus, naturalista e escritor latino nascido no ano 23 da era cristã, o termo **Christus**, *i* da segunda declinação seria de origem sânscrita, como se sabe, linguagem na qual Vjyasa, autor indiano do *Bagavad-Ghita* escreveu suas obras, e significa “*Nosso Senhor*” ou nosso guia espiritual, segundo as concepções religiosas atuais.

Isto contraria a idéia de que o termo *Cristo* seja de origem grega, da palavra *Krestos* (em latim seria *Krystus*) – ungido –, e que daria, provavelmente, se real, uma palavra da quarta declinação, *Chrystus, us*, segundo os doutores em ortoépia filológica, o que mostra que essa origem é forjada.

Já Joseph Ernest Renan (1823-92), filólogo e historiador francês, nascido em Tréguier, tendo feito inicialmente o noviciado para o sacerdócio, quando se aprofundou na filologia hebraica, perdeu a oportunidade de seguir a vida eclesiástica pelo seu ímpeto polêmico: escreveu sua famosa obra em oito volumes intitulada *Histoire des Origines du Christianisme* (1863-89) que foi tida como verdadeira reformulação do pensamento bíblico porque discutia o valor histórico do Novo Testamento através da crítica a seus textos, o que gerou terríveis polêmicas.

Antes já ele fora criticado por ter trazido da Alemanha para a França, um misto de parte religiosa e parte positivista, a Doutrina do *Racionalismo*, considerada heresia, à época.

Seus argumentos são irretorquíveis e só um fanático será capaz de contestá-lo, por isso, é-de se admirar que alguns que outros espíritas ainda preferam seguir a imposição eclesiástica – da qual não se libertaram – pela adoração a textos impuros que admitir a lógica da razão, como se isto ferisse a lisura religiosa e desrespeitasse o Cristo *imposto*.

Louis Jacolliot (1837-90) – outro espúrio para os cânones –, famoso escritor francês nascido em Charolles, conhecido e citado principalmente pelos seus romances de aventuras, mas abjurado pela Santa Madre Igreja por causa da sua famosa obra *Les fils de Dieu*, que, curiosamente, é sempre excluída de suas referências bibliográficas, diz:

– *Le Christianisme que ne fut suivant l'opinion des gnostiques, qu'une renovation des mystères de la haute Asie, qui a emprunté à la religion des brahmes son rédempteur Christna (sic), toutes ses cérémonies, et la trinité.*

O texto mereceu de meu pai a seguinte tradução: “O cristianismo, na opinião dos gnósticos não foi senão uma renovação dos mistérios da alta Ásia que copiou da religião dos brâhmanes o seu redentor Crishna (ou Krshna), todos os seus sacramentos, todas as suas cerimônias e a trindade. – Obra “*Os Filhos de Deus*” pág. 102

Então, se formos ler “*O Avatar de Crishna*”, mesma obra, pág. 335 em diante, a nossa convicção será capaz de se abalar e não fora a palavra dos Espíritos e os exemplos e a segurança com que os demais luminares falaram do nosso Mestre, seríamos capazes de afirmar que tudo não passa de uma ficção legendária extraída da gênese hindu, que data de quatro mil e oitocentos anos antes da nossa época.

Ainda Jacolliot quem escreve, já traduzindo (pág. 208):

– *O insucesso dos missionários de todos os cultos, católicos ou protestantes (cristãos), vem de que eles não puderam trazer à Índia nenhuma verdade moral, filosófica ou religiosa que não fosse, de muitos séculos, registrada no livro, gravada nas pedras do altar ou inscrita na frente dos pregadores.*

O que se presume – e é o eterno engodo humano – é que os antigos jamais supuseram que seus conhecimentos pudessem vir a ser descobertos. Aconteceu na Grécia, quando fizeram no Olimpo a residência dos deuses, recentemente, a escolha do planeta Marte para base de lançamento dos discos voadores e de uma civilização superior e também, a cópia das lendas hinduístas escritas em sânscrito, língua que ninguém conhecia na Europa.

Sânscrito significa “escrita sagrada ou transcendental” – *Sanskrito* – não se devendo confundir *kritó* (escrita em bramânês) com *krypton* (do grego, oculto); aquele era o idioma nobre da Índia, só falado pelas castas superiores e iniciados no sacerdócio, daí distinguir-se dois dialetos, digamos assim, o védico e o épico, ou clássico. No védico havia termos considerados de sacra formação que falavam do Poder Superior e foi o que Vjyasa usou para escrever toda sua obra.

Este idioma opunha-se ao *prácrito* – língua popular – ou linguagem vulgar.

Hoje há tradução de trechos da obra de Vjyasa, até em português e qualquer Enciclopédia dirá que este autor, do século XVI a.C. teria vivido cinqüenta lustros – o Matusalém asiático – dedicados às letras e aos princípios instituídos da sua era. Sua obra divide-se em três categorias: os Vedas, os Brahmanes e os Puranas.

Nos Vedas – ciência das revelações – encontramos a explicação da causa da vida, escrita sob a forma de poema, e das existências, a formação do mundo e a vontade superior da Criação. Divide-se nos seguintes tomos: *Riga, Sama, Iadju, o Livro das Preces* e o *Artava*, o mais recente dos Vedas, considerado, até, posterior à sua época.

Para explicá-los encontramos uma série de obras – como se fosse uma cabala com sua hermenêutica – dentre elas os *Brahmanas* (não confundir com brâhmanes), o *Upanichad*, destacando-se o mais antigo deles que é o *Mahab-Harata* – epopéia escrita pelo próprio Vjyasa onde descreve a vinda do *filho de Deus à Terra*. E aqui é que começa a verdadeira história do Cristianismo, a ponto de se dizer que este nada mais é do que o Hinduísmo grosseiramente adaptado ao Judaísmo.

Parece que, até mesmo as enciclopédias fazem uma terrível confusão a respeito do orientalismo hindu, por isso, nunca é demais fazer-se um resumo do assunto, para que se entenda a provável origem do Cristianismo.

Brahma, ao contrário do que se afirma, não é o Deus; representa o Poder da Criação, o que é muito diferente de ser o “Criador”; como tal, é a essência de tudo, de onde vem e advém a vida e emanam as reações, como sentimento e que mais.

Assim se formaria o *Trimurti*, com *Brahma, Vichnu*, o Espírito conservador do Universo e *Xiva* (Çiva ou Shiva), a fecundidade, responsável pelo bem e pelo mal, pela existência em si. Isto mostra que existe sempre uma trilogia que acabou dando *Pai, Filho e Espírito Santo*.

Vjyasa ainda se refere ao *Avatára* (hoje avatar), encarnação de Deus em Vichnu.

Nos Puranas – que é uma coleção de tomos considerados distintos –, encontra-se a instrução religiosa para os excluídos pela lei brahmânica do direito de ler (o sânscrito), estudar e conhecer os *mistérios da Criação*. Enfim, a doutrina para o povo.

Separadamente encontra-se o “*Pandava*”, termo patronímico dos sucessores de Pandu, condenados a renascer para resgatar as suas faltas – eram cinco os filhos putativos de Pandu. – Assim, os que seguissem os maus exemplos de Pandava estariam condenados à sua mesma sorte. Esta nada mais é do que a essência da filosofia palingenética que também será encontrada nas obras dos pensadores chineses.

Concluindo, também no Cristianismo tem-se o conhecimento eclesiástico dos que são encarregados de pregar essa doutrina, os mistérios que não podem ser revelados – ou conhecidos pelos fiéis não iniciados, por comprometedores – sob alegação de que é assunto superior, o pré-estabelecimento dos fundamentos doutrinários, por dizer, os dogmas, e finalmente, o culto. Como se vê, nada difere.

A origem das lendas

A Índia, ao velho tempo, dividia-se no que se pode chamar de principados ou *Radjapunas*, governados, sob forma imperial, pelo Radjah (ou rajá). Atualmente são 17 estados que falam a mesma língua, o *hindi*, que se diversifica em dialetos, todos, demonstrando a mesma etimologia. Por ser o país mais densamente povoado, possui as duas religiões de maior número de adeptos, o Hinduísmo e o Budismo, este, muito conhecido no ocidente por sua corrente Zen de influência nipônica.

O Bhagavad-Ghitá (canto da bem-aventurança) teve sua primeira tradução parcial feita pela senhora Hélena Petrovna Blavatsky, quando misturou seu orientalismo com as correntes teosóficas de San Martin e Swedenborg, criando o dito Ocultismo. Ela foi prudente em só traduzir aquilo que não causasse celeuma, motivo por que os ocidentais não tiveram acesso a certos conhecimentos que comprometeriam profundamente o Cristianismo adotado, em suas histórias.

No terceiro livro das histórias – que não foi traduzido – é que se encontra a narração da vinda de Yésu, encarnação do Krishna anunciado pelos *Iniciados* (leia-se médiuns) na Sabedoria Suprema da Criação de Brahma e sua vida terrena em oitava encarnação.

1ª lenda – Os iniciados anunciam a oitava vinda do Krishna à Terra.

Como se vê, os hindus não tinham a pretensão de se julgarem os únicos privilegiados com os ensinamentos do *Cristo* – ou Krishna –, Guia do planeta em que habitavam.

Foi dito aos homens que viria entre eles o novo Enviado que nasceria entre eles para trazer os ensinamentos superiores; a narrativa é um pouco (ou bastante) confusa, mas dá conta de que o Rajá de Ragipur, ao saber que era anunciada tal vinda, tomou todas as providências para saber de quem se tratava e, talvez, por isso, não foi dito quem seria. A própria mãe o ignorava, o que fez com que o Rajá mandasse imolar todas as crianças que nascessem por aquela época. E conta:

Quis a sorte, porém – porque esta era a Vontade brahmânica – que sua emanação se dignificasse na véspera do nascimento e só nesse dia teria a mulher escolhida sagrada pela Criação, recebendo em seu ventre o *sopro divino da fecundação* de Brahma para que o filho nascesse no corpo de um bebê humano. Como tal, foi escolhida uma mulher virgem.

Foi então providenciado para que esta mulher se encaminhasse ao estábulo – lugar sagrado na Índia – da purificação e lá nasceu Yésu, a oitava encarnação de Krishna que trazia em si o espírito de Vishnu e o Poder de Brahma, a Criação. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, em linguagem e compreensão atual.

Escolhida a manjedoura porque na Índia é limpa e segura; porque nela habitam os animais sagrados – os bois –. Já na Palestina, teríamos um bostal da pior categoria onde o judeu jamais deixaria que lá nascesse, sequer, o filho de uma prostituta, pois tinham (e têm) pela maternidade um respeito absoluto.

2ª lenda – que fala da perseguição e do retiro.

Não podendo identificar o dia do nascimento do Enviado de Brahma, quis o Rajá que ele fosse exterminado, a fim de que não ferisse seu poder superior, mandando dizimar os recém-nascidos. Mais uma vez, os sacerdotes (chamemo-los assim, por falta de melhor termo) atuaram para que Yésu e sua

mãe se retirassem para local ignorado, onde o novo Enviado teria sua formação terrena para poder cumprir sua missão. Posteriormente foi esclarecido que mãe e filho se recolheram ao Himalaia onde transcorreriam trinta e três anos até que completass e o ciclo da perfeição.

Tudo é muito coincidente, há que se convir, mas, se se levar em conta que as lendas do Hinduísmo foram escritas quinze séculos antes do nascimento de Jesus, não se pode dizer que as mesmas tenham sido forjadas na história evangélica. Pelo contrário, o que se pode admitir é que as lendas da Índia é que seriam consideradas subversivas aos interesses do Cristianismo.

Coincidência ou transcrição? Ou será que a História se repetiu?

Da existência de Jesus ninguém pode duvidar. Dos acontecimentos, não se tem provas.

3ª lenda – da revogação das castas.

Como se sabe, antes da instituição do Hinduísmo a religião brahmânica, em consonância, já naquele tempo, com o poder do Estado, dividia o povo em quatro castas sociais, sendo elas:

Brâmanes – a primeira delas, dos potentados, compreendendo primeiramente, os superiores religiosos (sacerdotes), senhores do poder da criação e que ditavam as leis do povo e os sacrifícios; seguiam -se os nobres e livres, arianos de origem, os chefes de estado e os senhores que detinham o poder, todos, tidos como superiores.

Xátrias – Os guerreiros, compondo a casta imediatamente inferior, contudo, com idênticos privilégios.

Vaixás – a terceira e última casta com credenciais de existência; compreendiam os agricultores, os criadores de gado, os comerciantes e os abastados que, com suas rendas, não só podiam pagar os tributos impostos pelos governantes como ainda tinham condições de viverem com certo conforto financeiro.

Além dessas três castas existia o que hoje chamaríamos de plebe e que eram os sudras, sem direito à vida eterna, tidos pelos tãmeis como sendo os párias da sociedade, cujos privilégios se resumiam à vida presente. Estes, quando morriam, eram considerados como findos.

O tãmul é a mais culta das línguas dravídicas, ou seja, asiáticas, falado pelos tãmeis, povo que hoje habita o Sri Lanka.

Yésu, após sua iniciação nos templos do Himalaia, veio à sociedade dizer que todos eram iguais, criados por Brahma e que, como tal, não podia existir diferença de castas; os privilégios sociais eram devidos ao mérito de cada um, porém, por ser um pária, quando morresse teria o mesmo destino que um brâhmane, ou seja, seria julgado pelos seus atos.

E as castas foram reformuladas, surgindo, assim, o Hinduísmo que, em resumo, banuiu os privilégios, sob alegação de que, se tudo foi criado pelo Mayá de Brahma, nada pode gozar de privilégios fora dos que ostentam na existência terrena.

Mayá é a energia criadora de Deus.

Como se vê, se, de fato, Jesus vem a ser a reencarnação de Yésu ou não, seus princípios filosóficos das existências são rigorosamente idênticos.

Seguir o Cristo é nos orientarmos pelos desígnios de nosso Guia Supremo (terreno) em todos os tempos, porque, a cada passo, os mesmos ensinamentos, desde a pré-história, são rigorosamente pregados aos homens.

A análise da prudência

Do mesmo modo que há *católicos-espíritas*, (catoritas) isto é, aqueles que praticam a eucaristia, confessam-se e aceitam a salvação pela Igreja, mas procuram os *pais-de-santo* para se aconselharem, também pode-se encontrar o *espírito-católico* (espíritico) que aceita a reencarnação, o médium, a intercomunicação com o além e os ensinamentos dos Espíritos mas que continuam presos aos princípios

eclesiásticos, para os quais Jesus é muito mais que o Mestre Supremo na Terra, responsável pelo seu progresso, um *deus* ao qual devemos eterna reverência e respeito e que se afrontaria contra aquele que ousasse contestá-lo.

Para estes, qualquer consideração em contrário, não passa de blasfêmia; não levam em conta que Jesus, um luminar, jamais se ofenderia com qualquer opinião a seu respeito, porque ele está acima das vaidades humanas. E o evangelho é tido como sua palavra suprema.

No seu egoísmo, é uma tendência natural da criatura achar que o seu Guia espiritual seja o único e verdadeiro. Melhor do que todos. É, sem dúvida, uma aberração assim pensar, mas impossível tirar da imaginação do crente que adora e divinifica seu Senhor.

Ora, pois, para se considerar bom cristão, tem que se ter Jesus como Salvador e a Imagem do Criador na Terra. Os outros missionários seriam mero acaso na decorrência social da vida.

Perante o Espiritismo, de acordo com os ensinamentos espirituais, Jesus existiu como homem, sem corpo fluídico, sem ficções, sem divergências encarnatórias, foi o grande missionário que nos trouxe os ensinamentos do Cristo (guia do planeta) e, como tal, abriu o conhecimento da filosofia de vida à civilização ocidental, a quem legou seus ensinamentos no que tange às coisas divinas. Devemos a ele a *Boa Nova*, o conhecimento dos princípios da Criação e tudo mais que os orientais já sabiam através de seus enviados.

Se Jesus foi o Cristo ou se foi seu enviado, ou como afirmam outros, o seu médium, seja como for – o que não faz a menor diferença –, veio iluminar uma época e trazer a palavra do Alto a um povo que a fazia por ignorar. Se a civilização ocidental é a que se diz cristã, não lhe segue os verdadeiros ensinamentos, citando-o, apenas, como Mestre. Emmanuel, em *“A Caminho da Luz”*, declara que Jesus é um dos seres angélicos, responsáveis pelo planeta.

O que se pode ter em conta é que existe uma corte espiritual de Mentores de elevadíssima formação, acima do que possamos imaginar, encarregada de guiar o planeta para dar cabo à tarefa de encaminhar as criaturas que nele se encarnam. E Jesus pontifica entre eles, sem dúvida.

Pelo Hinduísmo, poder-se-ia concluir que **Cristo** Guia, nosso Mestre e responsável pela orientação na Terra dos homens que devam ter seu progresso através de reencarnações neste planeta, se fez sempre presente através de *enviados* que nascem e trazem sempre o mesmo ensinamento acrescido dos conhecimentos a que o homem possa alcançar. Segundo uns, Yésu teria sido o oitavo e Jesus o nono ou décimo. E os outros?

Escreve, ainda, Geoffrey Watson, em citação de Morris Sullivan, que uma corrente indiana defende a tese reencarnacionista de que Krishna teria nascido em Yésu, seu corpo para pregar o espírito divino da criação, unindo, da mesma forma, outra trindade numa só pessoa. Diz ele, ainda, que, com isso, a hipótese de Jesus ser o Cristo não é nenhuma inovação, apenas, a repetição de um dogma de determinada corrente hinduísta. Este não fala de outras encarnações.

Provavelmente o legendário Osíris, ou quem tenha orientado o povo egípcio àquele tempo, tenha sido o primitivo já que, historicamente, tudo indica seja o primeiro dos grandes enviados, anterior, até mesmo, a Kung-Fu Tséu (Confúcio). Buda pode ter sido o intermediário, pois viveu entre um e outro. Ou Sócrates, apontado a Kardec, segundo seus arquivos particulares, por determinada Entidade, como presidente da falange do Espírito de Verdade e, neste caso, o próprio Jesus. (Tese defendida por Dr. Pena Ribas)

E por que não?

Contudo, não nos esqueçamos de que todas essas considerações, curiosas e coincidentes, são especulações para estudo e não tábuas rasas, sem discussões, tidas e havidas como absolutas.

Seria uma grande injustiça o privilégio de determinados povos sobre os demais terem eles tido o único e verdadeiro enviado do Kris, Krishna ou Cristo, inclusive, de acordo com o que pregou o próprio Jesus,

o que justificaria, até mesmo, sua reação perante a vida e o sofrimento que enfrentou: estaria ante mais uma de suas missões.

O que não se admite é a fé cega. Ter Jesus como único e supremo é ignorar o resto do mundo, pensar que a injustiça teria punido os demais sem lhes dar o direito de seguirem o caminho certo, principalmente aos que viveram anteriormente à sua vinda ao mundo e, pior, negar a razão e as suas próprias palavras.

Há, ainda, uma corrente espiritualista que tem Jesus como o enviado ao nosso mundo, vindo de outro planeta superior, habitado, em missão, como Mestre, para ajudar -nos em nosso progresso espiritual. Um desses defensores é Pietro Ubaldi, no seu último livro, intitulado "*Cristo*". A esse respeito há uma série de interpretações e considerações, alguns tentando explicar seu martírio, como uma necessidade para exemplo; outros esclarecem que seria resgate de seus últimos débitos trazido do mundo de origem. Na verdade, o que se afigura é que, o grande sofrimento de Jesus foi ver que a humanidade ainda não estava preparada para recebê-lo e entender-lhe as palavras, bem como o exemplo. O resto, as dores corpóreas, para ele, devem ter sido insignificantes.

O Espiritismo é universalista, este é um ponto fundamental; defende o direito de cada um e acha que o seu mérito está em suas ações e não em sua ideologia; o Cristianismo bíblico é restritivo e exclusivista, negando o direito aos demais, mesmo que perfeitos em suas ações, de se agraciarem com as benesses divinas se não o seguirem pela sua Igreja. Neste caso, o importante não é agir corretamente nem praticar os ensinamentos do bem, é ser de sua Igreja, independente da conduta que leve. Pratique o mal, mas salve-se na crença!

Foi contra isto que os ensinamentos dos Espíritos, legados a Kardec, se insurgiram.

Está na hora de se tomar uma posição definitiva de liberdade e esta só será possível quando se conhecer a Verdade.

2ª parte

dos fundamentos teonômicos

Nenhuma doutrina poderá subsistir se, no seu corpo doutrinário, não houver sólidos fundamentos para neles se assentar.

PROPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS

1ª Proposição – Impõe-se a substituição da Teodicéia, da Teologia e das demais idéias empíricas existentes por novos conceitos fundamentais na exatidão do Universo e em consonância com os conhecimentos atuais.

Considerando, de início, que a Teologia, pelo seu próprio conceito, é um estudo dogmático estabelecido pelo princípio da crença sem raciocínio, isto faz com que se torne incompatível com as ocorrências universais que obedeçam a uma lógica racional e exata, calculável pelos fundamentos matemáticos; enquanto que a Teodicéia se volta para o falso conceito da existência de Deus e sua *Justiça* totalmente fundamentada na dita razão humana, mantendo a figura antropomórfica do Criador; e as demais crenças disso não se afastam.

2ª Proposição – O mundo material – ou Universo em si – formado de energia em expansão é a vida paralela de outro domínio de existência que nele projeta suas formas e suas *sombras* sob aspecto espectral materializado, também denominado “*encarnação*”.

Muitos espiritualistas têm a falsa concepção de que os Espíritos, depois de se encarnarem, adquirem a forma humana e as levam para o seu mundo de existência e assim se apresentam a nós quando se mostram a videntes ou se *materializam*; esquecem-se, porém, de que esses Espíritos possam ter tido várias encarnações e, como tal, viraria um amálgama a sua conformação espiritual partindo das diversas formas dos seus respectivos corpos somáticos.

O que se tem, baseado em experiências científicas a respeito das partículas atômicas, é que as formas espirituais existentes moldam os diversos corpos materiais de todo o Universo, dando-lhe a aparência espectral correspondente à sua existência espiritual.

3ª Proposição – A vida ou existência é uma imposição que independe da energia universal e atua sobre ela para lhe dar a consistência biológica ou morfológica em si, que se estende do mundo ou reino animal, passa pelo vegetal e vai ao mineral, respeitando a classificação geral.

Embora os biólogos separem os minerais (Geologia) das suas diversas classificações de seres vivos, independentemente de qualquer conceito que possa ter a esse respeito, as experiências físicas admitem que até as partículas elementares possuam um *agente estruturador* que atua na energia cósmica e moldam-na dando-lhes origem. Mesmo que esse agente não seja capaz de dotar o mineral da concepção de vida sugerida pela Biologia, ele se engloba na lei universal de formação, que é única.

Por outro lado, cientificamente tem-se como certo que essa energia cósmica em expansão, por si só, não poderia se alterar dando a si própria a forma condensada de matéria. Logo, para que apresente as formas, é preciso que sobre ela aja esse agente interador externo que, por exclusão, pertence ao domínio dito espiritual (ou mundo do Além, na expressão popular).

4ª Proposição – Lei da Evolução – **A vida se integraliza na matéria através de processo encarnatório que obedece a uma escala de progresso e que depende da forma de vida do Universo, inclusive a mineral.**

Em síntese, nenhum Espírito ou agente espiritual poderá se encarnar em um corpo que não seja compatível com seu grau de evolução; caso a biota ainda não tenha atingido seu grau correspondente, o Espírito pretendente à encarnação terá que aguardar que ocorram as diversas mutações até que possa estruturar um corpo somático compatível com seu campo espiritual.

5ª Proposição – **A vida obedece a ciclos evolutivos distintos e não representa o brigatoriamente a evolução espiritual em si. A evolução biológica só depende da atuação encarnatória de seres mais evoluídos enquanto que a espiritual depende da reformulação e do progresso individual de cada ser.**

Por outro lado, se o Espírito tem que aguardar que o progresso evolutivo carnal atinja a seu grau, também tem-se que levar em conta que as respectivas evoluções não sejam paralelamente dinâmicas. Isto significa dizer que o espírito influi no aperfeiçoamento das espécies mas já veio para a Terra no seu grau evolutivo que define sua espécie e não terá tido obrigatoriamente que começar sua evolução dos processos inferiores; o nosso espírito já era humano quando veio influir na formação da vida terrena, como também, um animalculo da era geológica antepassada pode ainda não ter chegado a graus superiores e esteja nascendo em espécies ainda atrasadas.

A rocha nem sequer reencarna.

6ª Proposição – Lei da repetição – **Todo fenômeno físico se repete; a vida é um fenômeno físico, logo, ela se repete através da reencarnação.**

Essa é uma das assertivas físicas em que se baseia a doutrina palingenética. A vida em si não se diferencia dos demais fenômenos físicos que obedecem rigorosamente à mesma lei de formação, sejam de que natureza for o aludido fenômeno. E como as únicas regras que possuem exceção são as gramaticais, também a vida tem que admitir um sistema repetitivo.

7ª Proposição – **A existência do Universo é uma necessidade para o progresso divino.**

Enquanto as criaturas humanas, através de seus sistemas teológicos, concebem um Deus *imperfeito*, cheio de “predicados” humanos, como vontade, reações de personalismo, conceitos legais de justiça e que mais, todos, atributos do sentimentalismo, enquanto que, restrita pela sua capacidade de pensar e de interpretar, o homem imagina que a *perfeição* seja absolutista e estagnária, o Universo nos prova, através da sua expansão que a perfeição real só existe dentro da lei evolutiva do progresso, ou seja, esse progresso é definido pela própria evolução dos seres contidos no mundo sideral.

Se imaginássemos um Deus estagnado, não seria Ele perfeito, porque não teria a dinâmica essencial ao conceito de perfeição cósmica. E teríamos que admitir que, num sistema de evolução eterna, os seres acabariam atingindo o patamar do Criador e se tornariam Deus, como pretendem os homens, em sua ânsia de poder.

O Universo não se encontra parado, muito menos seu Criador.

A necessidade do progresso não significa nem falha nem defeito, nem melhora, todavia, um avanço pela eternidade.

Considerações gerais

Não é, pois, de se admirar que o Ateísmo tenha sérios argumentos para se contrapor à existência do Deus religioso pelos absurdos existentes, contudo, esquecem-se eles de que não há efeito sem causa e, portanto, não existe criação sem criador. O Universo é uma Criação.

Posto o óbvio, cabe à Ciência apresentar uma hipótese de trabalho que justifique a tese existencial da causa de cada fenômeno, até que suas pesquisas permitam que as técnicas usadas identifiquem, sem erros graves, dentro das tolerâncias admissíveis – condição satisfatória para aceitação do fato, ou seja, com um índice de aproximação da verdade deveras compatível com a sua concordância tácita –, a verdadeira causa da ocorrência.

Quanto à filosofia, após as conclusões chegadas, compete a ela adaptar os conhecimentos às regras de vida que devam ser enfrentadas pelo homem, para melhor orientar sua conduta.

Deus, Criador, causa do Universo, é algo inconcebível superior à capacidade humana de raciocinar, por isso, sua concepção científica se torna impossível de ser retratada, o que, por conseqüência, não permite que as divagações filosóficas sejam aceitáveis e levem o pensador a algum preceito compatível com o conhecimento que se tenha a Seu respeito. Contudo, pode -se garantir que Ele existe como causa Suprema da formação do Universo.

O que não se pode é restringir à limitação da criatura humana toda a existência de vida e, a partir da hipótese de que haja no Universo uma escala ascendente de seres superiores, há que se admitir também, que, nessa escala, ela avance para a perfeição cujo limite será Deus, dentro da concepção matemática de *ponto de acumulação superior*.

Pela concepção do *Big-Bang* ou de qualquer outra tese que tente explicar a formação cósmica até seu ponto de partida para expansão que ocorre, o que se pode ter em mente é que, inicialmente, para partida de tudo, necessário se torna que exista um *Agente Superior* capaz de reunir toda a energia cósmica num fulcro central para dar partida a essa aludida expansão.

Esse Agente, capaz de reunir a energia básica para a formação integral de tudo o que venha a existir, insere na formação do mesmo as leis da criação, imutáveis, perfeitas e absolutas, a partir das quais o sistema cósmico passa a ter forma.

É um processo encarnatório superior que foge ao domínio científico e, por conseguinte, às ilações filosóficas: esse Agente formaria seu próprio corpo *material* e nele induziria a vida através de partículas, tal como, em escala biológica somática, o Espírito o faz para nele nascer. Deus não nasce, mas cria o cosmo.

Seguindo a lei da repetição, admitiríamos que esse processo seria reencarnatório: o mesmo Agente formador do nosso Universo já teria tido *vida* anterior num outro anteuiverso que se expandira como o nosso e se esvaíra ao perder seu poder de expansão, o que definiria sua *morte*.

O mesmo pode-se supor, quando o nosso Universo perder sua elasticidade e deixar de existir: o próprio *Agente* reagregaria todos nós e tudo o que compõe o Espaço, para formar um outro Universo. Evidentemente, é uma hipótese, não é uma afirmação. Sugerida por Hume.

Em síntese – e respeitando o grau de proporção –, Deus corresponderia ao *Espírito* do Universo, em decorrência do que, este seria seu corpo; nós e todo o princípio de vida nele existente seremos meros micróbios de seu organismo. A evolução do Universo é a nossa melhora, ou seja, a transformação das criaturas, não só humanas como também as que, superiores ou inferiores a nós, possam existir no incomensurável domínio da energia em expansão.

A nossa necessidade evolutiva *teria levado* Deus a criar o Universo.

Este estudo, então, compreende a Teonomia.

I

DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Teomática

Do grego: *Théos* – Deus; *mathein* – conhecimento.

Quando se formula um novo estudo, não há dúvida de que se torna necessário dar as devidas denominações às coisas e às idéias e não se permitir que usem conceitos dúbios ou que sirvam para definir outros aspectos distintos do que se vá estudar, para que não se misturem esses conceitos.

Na atualidade, com o rigorismo, não se admite a existência de um mesmo termo para definir idéias distintas ou que não sejam afins, embora muitos, por ignorância, reajam contra as mudanças que se tenham de fazer; no rigor, chega-se a ponto de padronizar conceitos e delimitá-los, excluindo noções extensivas que não correspondam com precisão à conceituação estabelecida.

Na Teologia, o capítulo referente ao estudo da existência de Deus é denominado *Teologia Dogmática*, completamente incompatível com os princípios espíritas que não aceitam nenhum dogma, por impositivo. A razão acima de tudo, apesar dos *teólogos espíritas*.

De qualquer forma, pode-se analisar a existência de Deus pelos três aspectos, o religioso, o filosófico e o científico.

Aspecto religioso

De um modo extensivo, todas as religiões, mesmo as ditas politeístas, admitem um Deus único, supremo, reinando sobre os demais, que não passam de seus vassallos ou seres subordinados inferiores. O mesmo ocorre com as seitas e religiões monoteístas, só que nestas, os demais componentes da corte celestial não têm regalias de deuses nem prerrogativas desse jaez.

Contudo, um conceito geral une todas as idéias: – Deus seria um Ente todo poderoso, responsável por tudo o que exista no imenso Universo.

Para algumas correntes, Deus cria os seres e as coisas pelo simples sopro; seria uma soprada geral. Outras dão atributo de “*obreiro*” e, com esses predicados, Deus faz tudo. E mais, governa o Universo, deleita-se com isso, determina o que deva ocorrer, até a hora em que as folhas das árvores devam cair, predispõe as coisas e **manda** que isso aconteça com poderes absolutistas. É o Deus antropomórfico, afinal teríamos sido feitos à sua imagem.

Em ambos os casos, trata-se de um Deus pensante que fala com privilegiados, que consagra a seita que o venera, denotando preferências em detrimento das demais, que dispõe e repõe, que comete toda série de vontades mas que, ao mesmo tempo, é *Pai*. Pai da Criação: castiga os maus ou os ímpios, os que não se guiam através da respectiva seita e manda punir os hereges.

Bastante discricionário, convenhamos.

O Deus religioso é capaz de cometer uma série de iniquidades em nome da Religião que o professe e ser violento com aqueles que não o aceitem. Não é, pois, de se admirar que o ateísmo tenha sérios argumentos para se contrapor à existência de tão ignóbil criatura; ademais, Ele nunca foi encontrado no Universo pelos pesquisadores, senão pelos religiosos, inspirados, ungidos, potentados da Religião, que chegam a conversar com Ele, tudo sem comprovação, sem esteio, pelo prisma dogmático da aceitação tácita, porque foi o *inspirado* que o revelou. Deus que chegou a escrever livros, inclusive a Bíblia.

O erro, porém, está nos homens sacerdotais que impingem tal balela e nos fanáticos que a aceitam sem discutir.

Uma outra grave incorreção religiosa é a char que Deus só se *preocupa* com a Terra, como se fôramos o centro do Universo – influência ptolomaica – e das atenções do Criador, daí a idéia de que tenhamos sua similitude, e todo o resto cósmico, existindo, apenas, para nosso deslumbramento.

Destaca-se ainda um aspecto de circunspecção e adoração a Deus; algumas seitas limitam -se à veneração, outras chegam ao exagero de afirmar que *o princípio da sabedoria é temer a Deus – Timor Domini* –; enfim, o medo de desagradá-Lo como se o Criador fosse atreito a susceptibilidades dessa natureza, predicado assaz peculiar a muita gente. E temos que amá -Lo adorá-Lo, divinizá-Lo, enfim, arrastarmo-nos submissos a um Senhor que, por essas lendas, exigiria do homem uma subserviência extrema.

Entretanto, o mais curioso, a inda, é dar-Lhe personalidade humana.

Justifica-se tudo isso com uma única explicação: o desconhecimento total do que venha a ser o Supremo Criador. Junte-se a isso uma necessidade imperiosa e premente de se acreditar no Poder extranormal de um Ente que esteja acima de tudo, com predicados humanos, que governe com pulso firme nossos destinos, dispondo a seu bel entender, com um critério duvidoso de justiça, misto de vontades e determinações. E que possa nos ajudar em nossos momentos de aflição, mesmo, por s imples apelo do sofredor.

Justifica-se, pois, isso porque o homem, na sua fragilidade, precisa de algo que, para ele, defenda -o contra tudo, até mesmo contra seus defeitos.

Há, contudo, uma conclusão categórica: Deus é *eterno*.

Aspecto filosófico

Do fanatismo religioso ao pragmatismo filosófico relativo à existência de Deus, a distância é mínima, porque, apesar de usar a razão, escopo da lógica, para garantir que exista um Criador como causa e o Universo como efeito, o filósofo que reflete não encontra expl icação para sua afirmativa. Simplesmente assevera que existe. Apesar de usar o critério da verdade pela verdade em seu valor prático, não admitindo que ela seja absoluta, pelo menos, dentro dos nossos conhecimentos, tem Deus absolutista. Não lhe dá predicados teológicos nem personalidade humana, não lhe cria barbas, deixando à razão de cada um aceitá-Lo como aprouver ou entender.

Surgem, assim, inúmeros pensadores emitindo opiniões em grande parte gritantemente antagônicas, o que não permite que se tenha com exatidão a posição específica da interpretação filosófica a respeito da existência de Deus. Justificam -se: trata-se de correntes de pensadores.

Ele criou as suas leis, afirmam uns; alguns que outros defendem a idéia de que Deus só existe dentro de nós, que Ele seja mero princípio matemático que regulamenta a existência de tudo; há os que O tenham com poderes específicos para dispor o Universo; destaca -se, ainda, o pensamento de que possa ser uma divindade criadora que tudo faz a seu prazer.

Na Teodicéia, a grande preocupação é provar que Deus é justo, em tudo o que ocorre, como já foi dito. E finalmente, para Immanuel Kant, a própria vida em si supõe a existência de Deus; para Blaise Pascal, opondo-se ao jesuitismo da sua época, não entendíamos Deus porque ele é perfeito; David Hume, no seu *empirismo*, contrapondo-se à razão pura, achava que era uma questão de fé; René Descartes apresentava a prova ontológica para justificar Deus; sem falar no célebre conceito anônimo de que Deus seria o próprio universo.

Aspecto científico

Atualmente, o materialista ateu é tido como a negação da cultura, a desatualização do conhecimento, o pedestal da vaidade; um contraste, sem dúvida, com a posição científica de algumas poucas décadas atrás.

As ciências exatas provam que o Universo não veio do nada, que, por si só, a energia cósmica não poderia se alterar para formar os seres e as coisas; sem ser um princípio espiritualista existencial, garantem que, para que a vida biológica possa existir, por trás dela haverá uma inteligência que transcende à energia dita material, pois a matéria só poderá se apresentar como *ser vivo* se tiver uma causa (ou agente) atuando sobre ela.

O grande problema tem sido conciliar a concepção do Deus religioso, dominante e predominante na nossa imaginação, prepotente e absoluto, com o que tenha tido o poder e a capacidade de instituir um sistema sideral tão perfeito, com leis imutáveis que nenhuma *Vontade Superior* seja capaz de modificá-lo. Daí o grande escrúpulo de designar este ser criador perfeito pelo epíteto religioso e personalístico de **Deus**.

Há, portanto, o **Deus** em que os religiosos acreditam, o **Ente Supremo** de que filósofos cogitam e o **Agente Estruturador** que a ciência admite. No final, são o mesmo, com conotações distintas.

Talvez, por isso, a fim de não ferir susceptibilidades, os maçons, os rosacruzes e os templários prefiram chamá-lo de *Grande Arquiteto do Universo*.

A opinião científica que possa se ter desse *Supremo Arquiteto do Universo*, ou o Agente Criador Maior, ou ainda, a Causa Suprema da formação universal – para evitar chamá-lo escrupulosamente de Deus e confundi-lo com a forma religiosa –, parte do discutido e contestado *Big-Bang*, apesar disso, teoria mais aceita para a formação dos mundos, destinada a justificar a formação cósmica:

Antes da existência do nosso universo (poderia haver outros com outros deuses), admite-se que toda essa energia que se acha em expansão – e que não provém do nada – dando origem às nossas existências, deveria estar integrando outro sistema dominial físico a partir do que um *Agente Físico Estruturador* – o Deus –, com seus predicados específicos que fogem a qualquer conhecimento do qual possamos dispor, passou a reuni-la sob forma de implosão, num fulcro central (admitido por todos como origem da expansão) até os limites suportáveis de implosão, a partir do qual teria havido a *grande explosão* ou qualquer outro fenômeno de partida.

Lembra o efeito de um motor a diesel onde este combustível é borrifado dentro de um pistão limitado e comprimido por seu êmbolo; no ponto máximo de compressão o diesel explode, sem necessidade de nenhuma centelha.

Qualquer raciocínio lógico parte da premissa de que, para que se tenha a implosão, necessário se torna a existência do agente implosor. A Ele dá-se, apenas, um predicado muito simples: foi capaz de realizar o fenômeno criando o universo.

É mais do que claro de que esse Deus científico está muito longe do que os religiosos elaboram em sua mente porque Ele não comanda com punhos de ferro, como se fora o timoneiro de um barco, levando-o a seu destino, contra as intempéries das correntezas. O dito *Agente Físico*, apenas, teria criado o Universo com leis imutáveis, as quais têm que ser rigorosamente cumpridas por tudo e por todos os que possam integrar seu orbe sideral.

O que se oponha a elas será imediatamente corrigido, configurando o que se possa ter como *punição* contra um ato de rebeldia. Apenas, a cosmofísica não admite esse conceito de punição: tudo ocorre segundo os desígnios da lei de equilíbrio que rege o Espaço celeste à qual também estamos sujeitos em nossas prerrogativas existenciais conhecidas como *livre-arbítrio*.

E, se lembrarmos que, segundo Werner Heisenberg, as partículas também têm vontade própria, não é de se pasmar que o homem, possuidor de uma personalidade mais alta, incomparavelmente superior, possa também tê-la; e que arque com ela.

Um outro aspecto importante da concepção científica é que o *Deus Criador* não possui nenhuma identidade com os homens já que, provavelmente, nessa imensidão universal existam seres bem superiores a nós e, como tal, não estando sujeitos à nossa mediocridade, seriam incompatíveis com um Criador antropomórfico. Ou estariam acima Dele, o que se torna inadmissível.

Também se considera que seu domínio de existência – habitação – não seja o ambiente cósmico, isto é, não esteja Ele em seu interior, nem se manifeste à criatura humana, por incompatibilidades de correspondência dominial. Algo matemático.

Veja-se que, em qualquer religião, o seu Deus particular – já que cada uma tem o seu, distinto – está sempre em contato com o missionário que prega a respectiva seita, fala com ele, dá -lhe orientações e determina como deva ensinar seus seguidores. Por vezes, como no caso do Pentateuco, ouve, até, conselhos de Moisés, para que se volva da sua ira.

Nada disso existe em Ciência, porque Deus não tem nem pode ter *defeitos* humanos, ou seja, os predicados que lhe sejam imputados, mesmo anexos ao prefixo *oni* que O tornaria superior a tudo. Não pode, ainda, ter privilégios nem ser monopólio de nenhuma corrente ou de nenhuma seita, não se envolve com casos particulares e, como o próprio nome da criação indica, universaliza tudo dentro de um mesmo princípio.

Para isso, há que estar por fora da Criação; eis porque nenhum telescópio, nenhum aparelho de sondagem irá localizar sua *habitação*. E nenhum cientista terá a infantilidade de colocá -Lo num monte ou numa constelação inatingível como fizeram os gregos com o Olimpo, na treta ilusão de que seus aparelhos jamais possam alcançar tal ponto para verificar a irrealidade da afirmativa.

Conclusivamente, pode-se dizer que esse Agente, o *Deus científico*, nada se assemelha ao homem, possui predicados próprios compatíveis com seu poder criador, estabeleceu, no ato da formação, todas as leis de equilíbrio universal. Por ser externo ao Universo, não pode ser compreendido pelos humanos nem pesquisado por seus aparelhos.

E, considerando-se que os Espíritos desencarnados são personalidades com os mesmos predicados do encarnado, sem as vestes corpóreas, também eles – que somos nós quando libertos do corpo – não têm esse acesso à compreensão superior.

Universo pulsante e anisotrópico

Ao contrário do que diz a Bíblia e do que afirmam as religiões, as novas descobertas astrofísicas a partir dos estudos de Edwin Powell Hubble, astrofísico norte-americano natural do Missouri, a respeito da curvatura do Universo, este, na forma por que se apresenta, não pode ter sido criação de nenhum Deus, principalmente antropomórfico porque ele é apenas uma fase de uma existência pulsante e que, como tal, vem a ser a repetição de outras existências.

Por que pulsante?

Em decorrência dos estudos, pôde-se verificar que o Universo é uma certa massa de energia em expansão e que, como tal, para se expandir, inicialmente, ela teria que ser implodida em um fulcro central, o que definiria, então, duas etapas, a de implosão e a de expansão que ocorrerá até que se esvaia sua condição de massa de energia comprimida.

Por que anisotrópica?

Porque a implosão não é inversa da expansão. Ou seja, o caminho percorrido num caso não é o caminho inverso do outro. O pêndulo vai e volta num movimento isotrópico.

Já o Universo, para ter toda sua energia concentrada no fulcro central, teve algum *Agente Supremo* atuante que a teria implodido até este fulcro central para dar -lhe condição de existência. Este Agente substituiria o Deus religioso e por ser puramente físico, acima de tudo o que exista no Universo, sem sentimentos humanos, teria a perfeição que o Deus antropomórfico não possui. Assim, é capaz de

estruturar o Universo a partir do momento em que, depois de reunida no aludido fulcro central, a energia passa a se expandir, segundo leis imutáveis. Eis a perfeição.

Há duas hipóteses, ainda em vigor, a respeito da origem desta etapa em que vivemos. A mais antiga, defendida, dentre outros, por Stephen Hawking, baseia-se na existência dos buracos negros que se transformam em estrelas novas. O Universo seria algo como um buraco negro cuja propriedade vem a ser a de atrair toda energia universal para seu interior, explodindo, em seguida. É o Big-bang analisado sob diversos aspectos e a partir dessa explosão, durante a expansão, seria desencadeada uma série de reações produzidas pelo efeito explosivo, reações essas capazes de estruturar os astros e a vida em si, formando os mundos.

Peca pela própria definição, porque a expansão universal é homogênea e contínua, enquanto que a grande explosão faria dela irregular por causa do distúrbio provocado pela mesma. O fenômeno que se vê quando ocorre qualquer explosão que libere fumaça: ela não sai de forma constante e uniforme, em todas as direções e sentidos, mas, em catadupa, que não é o que ocorre com a energia universal.

A segunda hipótese surgiu depois que Murray Gell Mann, à frente do acelerador de partículas (FermiLab) da Stanford University, descobriu que as partículas atômicas sofrem influência de agentes – ditos estruturadores – externos ao Universo e que comandam suas ações.

Estes agentes – atualmente chamados de *frameworkers* – justificariam a formação da partícula sem necessidade de nenhuma outra ação. Viria a ser “a alma” da mesma e que, atuando sobre a energia amorfa do Universo, teria essa capacidade estrutural.

O fenômeno se enquadra na famosa equação de Einstein: $E = mc^2$

Estes agentes pertenceriam a um domínio externo – provavelmente o que chamamos de mundo espiritual – intimamente ligado ao domínio dito material e, como tal, comandaria a existência de tudo, inclusive da “vida” biológica.

Ambas as teorias se encaixam perfeitamente dentro do conceito de existência do Universo, quer pulsante, quer anisotrópico.

Com isso, toda reformulação religiosa se faz necessária para que não se tenha a idéia de que um “Espírito” Supremo, antropomórfico, seja o grande e único responsável por tudo o que existe no espaço sideral. Essa estrutura do Universo está muito acima de qualquer concepção divina e de qualquer superdote de um simples Deus religioso.

O Universo atual seria mera consequência de um outro anterior que, como o nosso, todavia, teria se expandido até esvaír-se, quando, então, entraria a “mão de Deus” para fazer com que novamente ele implodisse para recomeçar um novo ciclo de existência.

Esta hipótese elimina a incoerência de um Deus onipotente a fazer tudo a partir da formação do Universo (atual estágio de existência, que seria único) para seu goáudio e prazer, senão, pela necessidade de dar prosseguimento ao processo evolutivo da existência em si.

É difícil aceitar tal hipótese para quem se imbuíu das teses religiosas, só que ela está estribada em observações científicas que comprovam que existem agentes externos à energia cósmica atuando sobre ela e modulando-a, sem dúvida, não só para elaborar um novo sistema planetário – como é o caso do que o observatório Keck II do Haway detectou – em torno da estrela Alfa Centauro, agregando a poeira cósmica, como ainda, a partir da comprovação da curvatura celeste, a conclusão de que este Universo terá fim, quando sua energia atingir à expansão máxima.

E o que resultaria da existência de tudo o que está contido dentro dele? Extinguir-se-ia segundo a “vontade” de um Deus religioso? Ou teria continuidade, como prevê a hipótese científica? E como ficaríamos todos nós?

Na hipótese de se extinguir, para que, então, o processo evolutivo, se tudo acabaria? É, portanto, mais lógico admitir-se que tudo isso terá que ser reaproveitado em nova existência; e se isto é mais

provável a ocorrer, também o será como antecedente ao atual estágio por que atravessa todo o sistema cósmico.

Tal posição científica é cômoda para o Espiritismo primeiro, porque, admitindo a existência de um outro domínio externo ao material onde habitariam os estruturadores, assim, estaria a um passo de reconhecer a Espiritualidade como causa de tudo. Destruiria, porém, a hipótese de que o princípio de existência se restringiria apenas à espiritual das criaturas humanas e incluiria, também, os vegetais, os minerais até as partículas subatômicas mais elementares como possuidores deste mesmo princípio, guardadas as equivalências. Isto é assunto para outro capítulo.

E o mais importante de tudo é que obedeceria à lei reencarnatória, ou seja, até a vida do Universo se daria por etapas e formações distintas de novo corpo de existência.

Dessa hipótese, o que não se pode contestar são as descobertas científicas, principalmente as de Gell Mann, que destrói por completo qualquer hipótese materialista da existência das coisas, como supõe Hawking e seus colegas de idéia.

Porém, a necessidade que têm as criaturas em crer num Deus absoluto, onipotente, tido como “pai amantíssimo”, feito à imagem e semelhança do homem, como reza na Bíblia, é que impede que a grande massa humana possa antever nos estudos científicos uma verdade para que se medite no porquê de nossa existência decorrente da formação do Universo a partir de ciclos evolutivos e não mais como uma “criação” divina feita para satisfazer a vontade do Criador.

É mais fácil, contudo, e mais cômodo, bem como conveniente, admitir -se um Deus de “ternura e bondade” capaz de perdoar todos os nossos defeitos, do que nos curvamos ante a realidade de que teremos que nos reformular por esforços próprios, como admite Kardec ao pregar a “reforma íntima” para que possamos acompanhar a fase evolutiva das existências. Esta hipótese obriga -nos a resgatar os erros para compensá-los – como determina a lei do equilíbrio universal –, o que não é deveras nada agradável.

O homem gosta de se iludir.

Aspecto espiritual (ou teonômico)

Quando Allan Kardec afirmou que Deus seria *a causa primária de todas as coisas*, apenas, antecedeu-se ao estudo científico, admitindo que nada exista sem que tenha sido por Ele estruturado.

Evidentemente, a grande influência do Cristianismo na formação doutrinária de espíritas fá -los seguir, quase integralmente, os preceitos doutrinários estabelecidos pela corrente predominante, mesmo sem o devido amparo filosófico-científico.

Kardec foi sóbrio e prudente e, como são suas obras a base natural do Espiritismo, é nelas que temos que buscar a concepção de Deus, contida em *O Livro dos Espíritos* (LE). Temos que levar em conta, ainda, que nosso estudo se restringe ao nosso Universo e tudo o que se refira a ele, posto que, a existência de algo mais fora dele é mera hipótese.

Assim, Deus, perante o universo, é **Incriado**, pois é seu criador.

Se Ele existe, deve haver uma causa; mas, se nem sequer conseguimos imaginá -Lo, quanto mais do que decorra!?! Além disso, há que se partir de um ponto referencial. Para nós, este é Deus.

Os conceitos de *Infinito* e *Eterno* são inteiramente impróprios, por serem, como consta no LE, abstratos e indefinidos perante a concepção humana que não conhece o que possam ser ambas as coisas por inexistentes em seu domínio. Mesmo sendo matematicamente explicáveis, são figuras e, como tais, abstracionistas.

O grande predicado de Deus, conhecido por nós, é *ser Único*. Evidencia-se isso pela coerência universal: tudo obedece à mesma lei de equilíbrio. Se tivéssemos uma obra feita por diversos autores

notar-se-ia, de imediato, a contribuição individual de cada um e não uma unidade contínua. E tudo é válido independente da forma pela qual o Universo tenha surgido.

Os outros predicados são mera formalidade, como explica o aludido livro de Kardec:

Imaterial - todo Espírito o é; só a energia condensada, como se sabe atualmente, é que se transforma em matéria. De qualquer forma, tem-se como mundo material a tudo o que seja formado pela energia (cósmica) em expansão.

Todo poderoso - conceito medíocre que se lhe dá o homem porque, sendo único e criador, tudo tem que girar em função do seu poder de criação.

PANTEÍSMO

Do grego: *pan* – tudo; *théos* – Deus, o Panteísmo é um sistema de doutrina que identifica Deus e o mundo e cuja expressão máxima é Baruc Spinoza (1632 -77), filósofo holandês de origem portuguesa, para o qual não há diferença entre Deus e o mundo, pensamento pontificado em sua obra *Tractatus theologico-politicus*.

O Panteísmo manifesta-se sob uma forma religiosa e grandiosa nas doutrinas da Índia, segundo a Enciclopédia e, entre os gregos, define uma doutrina filosófica para o estoicismo e o neoplatonismo. Contudo, ainda é Spinoza que encontra sua expressão mais vigorosa e mais coerente com a idéia de que Deus é único em tudo; é necessariamente uno, infinito, independente, simples e indivisível. Em si, possui dois atributos conhecidos por nós: o pensamento e o entendimento. Os seres são nódulos desse atributo.

As substâncias divinas desenvolvem-se conforme as leis essenciais da natureza. Deus é determinado por si próprio, mas dentro de um senso único e irrevogável.

Com Spinoza, tem como consequência o determinismo universal.

Outros autores importantes e de destaque a admitirem o panteísmo são John Gottlieb Fichte (1762 - 1814), alemão de Berlim, discípulo de Kant e Hegel (1770 -1831) – alemão de Stuttgart – com seu monismo, considerado uma doutrina científica e que mais recentemente vem apresentar uma hipótese relativista que reconhece os resultados da crítica e do conhecimento.

A eles junta-se Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775 -1854), também alemão, de Wurtemberg que segue a mesma escola dos compatriotas.

O panteísmo é considerado uma doutrina metafísica que ultrapassa a experiência e pretende atender a essência das coisas. Popularizou-se *culpando* Deus de tudo.

Sua grande dificuldade é a de não distinguir a causa e seus efeitos. Além do mais, não se pode aceitar a hipótese de que tudo esteja sob responsabilidade de Deus e nada aconteça sem que Ele o determine (para cada caso) ou assim o queira, pois fere, dentre outros aspectos, o livre -arbítrio. E, ainda, determina que seja ele o responsável, também, pela dor do que sofre.

É um absurdo supor que Deus se preocupe com tudo e com cada coisa, minuciosamente, que possa ocorrer e que venha a dar uma solução para cada caso, de acordo com seu julgamento, o que tornaria um paradoxo ter um Criador perfeito reunindo predicados antagônicos: ser onipotente e não evitar que ocorram fatos contrários à sua doutrina, como o religioso o prega. Fazer com que tudo aconteça segundo Sua vontade é negar a própria lei de criação, é admitir que permita a maldade a seu prazer, e que o destino de cada um seja por Ele traçado e determinado.

E onde ficaria a lei universal? Seria contrariada a cada instante, como se fosse uma lei de trânsito que se possa desprestigiar impunemente, se o guarda não vir. Enfim, por absurdo e contrário ao determinismo e ao livre arbítrio, os conceitos panteístas são antagônicos ao que se tenha como perfeito.

Conclusão – Finalmente, é tácito, como afirmaram os Espíritos a Kardec, que o homem não pode compreender nem fazer idéia do que seja Deus porque, para tanto, falta -lhes sentido. Estamos restritos,

segundo os pesquisadores modernos, a dezoito deles, faltando uma série já caracterizada, como o sentido que detectaria a quarta dimensão energética e, com estes, restringimo -nos ao que nos cerca. E tudo indica que essa situação prevaleça na Erraticidade.

Quanto às dimensões, basta lembrarmos que, se perdermos um dos três anezinhos de nossos ouvidos, perderemos também a noção dimensional a ele correspondente. Nós não possuímos os anéis dimensionais necessários para penetrarmos no domínio de existência de Deus.

Em Teonomia teremos que nos contentar com as especulações científicas e as prudentes observações do LE.

Resumindo, o que se pode afirmar é que Deus está acima de tudo e de qualquer compreensão humana. Suas leis imutáveis comandam a existência universal dentro do que todos nos enquadramos e que, como tal, a elas estaremos sujeitos. Tudo o que possa ocorrer conosco se restringe ao cumprimento único de tais leis. A perfeição será esse fiel cumprimento. Enfim, o que se define como sofrimento não é senão a consequência natural das determinações de equilíbrio a que estamos sujeitos e que nos leva às devidas correções do que tenhamos feito de errado.

II

DA CRIAÇÃO

Cosmogonia

Do grego: *kosmo* – mundo; *gonos* – geração.

Foi Hesíodo de Ascra, poeta grego nascido na Beócia, provavelmente oito séculos a.C., o primeiro autor ocidental a escrever sobre esse tema. Abordou a criação do Universo de uma forma poética, restrito a conhecimentos precários e limitados a preceitos ptolomaicos daí, ter sua obra, sentido literário. Contudo, é a ele que se deve o termo.

Atualmente, a Cosmogonia é um capítulo da Cosmofísica, de um modo generalizado, posto que a Bioquímica e a Paleontologia de forma restrita, preocupem-se com o aspecto da formação da vida e dos seres terrenos na constituição dos mundos em geral e do nosso em particular.

Teonomicamente, a Cosmogonia está presa ao estudo da Criação como obra, partindo do Criador; engloba os aspectos científicos da mesma e deduz as suas conseqüências existenciais.

Evidentemente, por ser anticientífica, do nosso estudo está afastada qualquer hipótese adâmica, já que se tratar de uma lenda restrita e fundamentada no fato de que só a Terra seria o mundo escolhido por Deus para ser habitado.

Partindo-se do *Big-Bang* – ou de qualquer outro fenômeno que tenha dado origem à expansão da energia cósmica reunida em um fulcro central – e da afirmativa atual de que, por si só, a energia em expansão não poderia se modular nem sofrer mutação em suas formas, duas correntes científicas tiveram origem:

A primeira delas parte do pressuposto de que toda a configuração atômica das partículas e subpartículas provenham do próprio conteúdo que explodiu e que essa explosão teria desencadeado toda a espécie de ação modulatória. Contudo, resta saber a que comando obedeceria, o que não afasta a hipótese da existência do *Agente Criador*. E aí vamos recair no segundo grupo de pesquisadores.

Para estes, apenas a energia implodiu e, então, uma série de agentes externos, integrantes do sistema comandado pelo *Agente Inicial* responsável pela implosão passaria a atuar na massa cósmica, modulando-a e dando origem às formas.

Neste caso, mais temerariamente, ter-se-á que admitir que outros agentes, superiores, com propriedades agregativas, ajuntariam as partículas assim obtidas para reuni-las em moléculas e substâncias.

Um Físico moderno que ainda não aceite a teoria dos *Agentes Externos* garantirá que o Universo já veio dotado de todas as condições essenciais à sua formação, inclusive de vida, só que, neste caso, entra em choque com os estudos biológicos que, pelo lado materialista, não teve condições de determinar como um ser se torna animado, ou mesmo, possuído de vida orgânica pura, como os vegetais.

A velha tese de que as células orgânicas seriam as verdadeiras responsáveis pela vida ruiu por terra quando Einstein equacionou a relação entre matéria e energia ($E = mc^2$) provando que aquela é mero estado transitório desta porque, como tal, sendo um efeito, a matéria jamais poderá ser causa de nada. Hoje em dia, o materialista, geralmente biólogo, que defenda essa tese e continue ferrenhamente preso a ela é considerado um inconseqüente. Essas hipóteses sugeridas a partir de resultados matemáticos são consideradas mera contribuição à pesquisa, como pura sugestão de trabalho.

A Religião em si, mesmo que queira se basear em fatos verdadeiros, não tem o compromisso científico da equação. Sua prova será a evidência e a lógica do raciocínio; por isso, ela existe

separadamente para que se possa estabelecer um estudo acerca daquilo que fuja ao domínio da pesquisa clássica. Nesse ponto, encontra-se o exame referente à existência de Deus e, sem dúvida o Espiritismo se esquadra perfeitamente nele.

Os aparelhos nem sequer vislumbram qualquer capacidade para detectar algo relativo à cosmogonia; seus dados, obtidos a partir de radiações estelares, são divergentes a ponto de permitir que as hipóteses relativas à formação do mundo sejam altamente contestáveis. Já, baseado nos conhecimentos correlatos com a Espiritualidade, na coerência de ensinamentos que os Espíritos trazem até nós, na repetitividade de informações dadas em lugares distintos, com grupo de pessoas diferentes, pode-se, então, estabelecer um estudo religioso acerca da cosmogonia geral.

A existência de Deus – ou *Agente Inicial* da formação do Universo – é tácita. Dele partem ou emanam os princípios da integralização cósmica, suas leis e suas formas.

Partindo-se, pois, dessa premissa, pode-se imaginar que a forma espiritual seja uma colônia de *micróbios* e células do organismo divino e que Deus tenha elaborado o Universo como um Espírito estrutura seu corpo para nele encarnar, guardadas as devidas disposições harmônicas de grandeza. Este posicionamento é coerente com a afirmativa científica e matemática de que o micro se repete no macro – ou vice-versa – e que, numericamente, se a expressão vale para $n = 1$ e para $n + 1$, valerá para todo e qualquer valor de n .

Deus, então, teria o cosmo como nós possuímos o somático induzindo nele seu organismo espiritual com o fito de melhorá-lo. Estes, no caso, então, seriam os diversos Entes espirituais, indistintamente do grau evolutivo e correspondentes a tudo o que se estrutura no domínio sideral. A hipótese será coerente com qualquer uma das posições científicas adrede abordadas por que satisfaz a condição de já ser atuante a partir do *Big-Bang* e também à possibilidade de atuar, já no período de expansão, sobre a energia cósmica.

Este princípio seria válido para tudo o que existisse, independentemente de galáxia, de tipos de vida que outros astros possam ter ou das substâncias que os venham integrar, partindo de escala química estequiométrica de elementos quíçá distintos dos que conhecemos.

O próprio organismo animal nos mostra que cada parte do seu corpo é diferente da outra e varia conforme a espécie, diferindo em suas composições; não é de se admirar, pois, que, no complexo sistema astrofísico as formas e as vidas possam ser distintas para cada nebulosa, para cada canto sideral.

O que vale como regra para a Terra, todavia, valerá para qualquer outro sistema.

A Cosmogonia teonômica, portanto, admite que outros mundos existam e todos a partir da ação de elementos próprios que comporiam esse *corpo* divino antes da formação e assim, entende-se que Deus tenha criado os seres, simples.

Entende-se ainda, a afirmativa de que são dois os princípios existenciais, o *inteligente* ou espiritual e o material, hoje dito energético, ou físico.

Temos que nos lembrar que os pensadores de séculos anteriores – e até mesmo Kardec – viveram numa época cujo conhecimento e noção das coisas eram restritos, o que os fazia ter uma concepção muito vaga do que pudesse ser o *mundo material*; para eles, por exemplo, tudo o que transcendia a seu conhecimento era *fluido*. E eis uma prova; na pág. 65 do LE o Espírito de Verdade informa a Kardec que o *fluido universal* é o mesmo *fluido magnético* ou *fluido elétrico animalizado*. Muito tácito de que aí não se tratava nem de líquido nem de gasoso e sim de energia.

É fácil, pois, admitir que, sem os *agentes espirituais* (seres inteligentes) não haveria formas físicas e que eles não pertencem ao mesmo domínio, senão, deixariam de agir sobre sua energia.

De forma dedutiva, pode-se chegar a uma figuração do que tenha ocorrido:

Imagine-se inicialmente a energia amorfa, antes, durante ou depois da grande explosão ou do que tenha dado partida à sua expansão e, sobre ela, a ação primitiva dos entes estruturadores ditos elementais, pertencentes ao domínio espiritual responsável pela formação cósmica.

A existência desses entes atuantes nas subpartículas já foi equacionada por Murray Gell Mann, em expressões tensoriais, a partir da colisão de partículas num Laboratório Elétron -Próton (LEP), publicado como reportagem no *Courrier CERN*.

Assim, estariam plenamente justificadas as mais fundamentais partículas atômicas não só dos elementos encontrados em nosso planeta como em qualquer outra parte sideral.

É bem provável que isso tenha ocorrido até mesmo antes ou durante a implosão e que, como tal, seja anterior ao *Big-Bang*. Os cálculos matemáticos dão essa idéia.

O de que, no entanto, ainda não se chegou à conclusão foi a maneira pela qual, a partir daí, o átomo tenha se estruturado. Em dados estruturais, o que se pode supor é que essas subpartículas teriam agentes estruturadores controlados por outros superiores, agregantes, que os comandassem e determinassem a forma à qual pertenceriam.

Essa mesma hipótese pode se desenvolver em uma cadeia de ligações a partir da mais elementar forma, indo até as espécies pensantes. Isto explicaria o efeito pelo qual um agente estruturador atômico, pertencente ao domínio espiritual, poderia associar as partículas necessárias para dar formação ao elemento químico a ele correspondente. E vários átomos da mesma consistência agregarem -se dando origem à molécula simples. Ainda, a existência espiritual de uma estrutura completa agregaria em si os elementos que agiriam para moldar o corpo material correspondente.

Portanto, um *agente espiritual superior* teria em si os subagentes correlatos com o que seria estruturado no domínio físico. Para isso, é-de se supor que um cão seja estruturado por um *espírito* canino, um gato por um felino, e assim sucessivamente; a molécula por algo compatível – o hidrogênio espiritual teria um agente correspondente a seu elétron e outro a seu próton –, o vegetal pela vida espiritual correspondente e sucessivamente. Em síntese, analisando nosso corpo, cheio de células e micróbios, o que se imaginaria é que, a cada um desses componentes corresponderia um espiritual análogo contido no corpo espiritual e atuante no perispírito, para que possa arregimentar a formação material.

Isso justifica a presença, nas vidências mediúnicas, de cenas e *aparições* correlatas com as formas encarnadas; há literatura mediúnica dando -nos conta, até, de que a arte espiritual se projeta em nosso mundo material, sendo aquela bem mais sublime.

O que não se pode admitir é que o espírito de um vertebrado seja evolutivamente igual ao de um inseto, entretanto, são ambos seres pertencentes ao *metazoa*.

Em resumo, os Espíritos superiores seriam espíritos-colônia que conteriam em si os respectivos princípios formadores do seu corpo, desde a parte química da substância à flora e fauna contidas nela. A molécula, portanto, seria um agente que agregaria em si os correspondentes estruturadores dos átomos que a formem; o corpo mineral seria um campo estruturador capaz de reunir as substâncias que o compõem e assim sucessivamente.

As substâncias orgânicas biológicas estariam diretamente orientadas por seres vivos que fariam ou dariam condição de vida aos seres primitivos como os plânctons e demais elementos unicelulares simples. Com estes plânctons um agente atuante tê -los-ia reunido numa célula orgânica viva.

Estes seres unicelulares ainda hoje têm a propriedade de se reunirem em colmeias; daí, fica fácil compreender como um ser formador de vidas imediatamente superiores teve condição de nascer na matéria assim elaborada, ou seja, reunindo tais células.

Não é geração espontânea nem deixa de ser, se levarmos em conta que, anteriormente a cada espécie, ela não existia: foi preciso que seu agente estruturador reunisse, pela primeira vez, os seus componentes,

gradativamente escalonados, para, então, encarnar -se nele. Pelo processo evolutivo, as espécies materiais foram gradativamente se aperfeiçoando a fim de que pudessem permitir que os *agentes de transição* deles se servissem como elo da cadeia e moldassem os corpos para que os imediatamente superiores tivessem onde nascer.

Sob o prisma encarnatório, isso só foi possível porque, preparando a colmeia – atualmente conhecida como princípios de *alma grupo* – este ser superior imediato passou a ter existência física. No momento em que a teoria da evolução, de Charles Darwin, naturalista inglês, está sendo contestada, a hipótese relativa aos estruturadores (*frameworkers*) poderá trazer alguma contribuição para as novas descobertas.

Por outro lado, são os *Químicos* e os *Biólogos da Espiritualidade*, segundo os mensageiros espirituais informantes, os responsáveis por esse trabalho de elaboração evolucionista e, para essa tarefa, tal como na vida terrena, também eles dispõem de laboratórios para sua labuta.

Este estudo não é filosófico nem se reveste das peculiaridades científicas; enquadra -se, portanto, dentro da área teonômica (ou religiosa) que só é estudada pelos reencarnacionistas.

O sistema é gradativo e a teoria da evolução das espécies nos dá uma posição, embora não muito precisa – como é a teoria, por causa dos elos perdidos – de como, gradativamente, elementos fitológicos superiores foram sofrendo mutação e transformando-se, da alga, um simples talófito, às grandes árvores e de como no fundamento inicial, onde não se diferencia um fito de um protozoário, os dois ramos se separaram, o primeiro para formar os vegetais e o segundo iniciando a escala animal.

Poderíamos chamar de *psicofitóides* os fundamentos espirituais da vida biológica vegetal ou *metaphyta*, na linguagem técnica específica; e de *psicozoóides*, a começar do dito protozoário, os alicerces espirituais dos unicelulares, até a larva. Só então, depois de stes, é que se tem a *alma* propriamente dita, dando vida aos vertebrados, todos dispostos de características peculiares, até que, segundo os estudos paleontológicos, na Terra, teriam surgido, aproveitando a transformação genética de corpos de símios, os primeiros espécimes ancestrais do homem. A eles, evidentemente, também correspondem espíritos de transição e que, no processo evolutivo espiritual, ainda não houveram alcançado os estágios hominiais perfeitos.

Aos invertebrados admite-se o princípio anímico rudimentar.

O que se tem que ter em mente é que cada espécie conhecida (ou não) tem seu correspondente espiritual compatível com ela. Um Espírito adiantado jamais poderia nascer num corpo de um *pitecantropo erecto*; o Espiritismo não aceita a metempsicose. Quando muito, em casos cármicos, espíritos rebeldes nascem na espécie humana tolhidos circunstancialmente por corpos anômalos que não lhe permitam dar azo a seus instintos perversos.

Em síntese, portanto, cada espécie espiritual teve que esperar a evolução terrena dos corpos – independente das hipóteses darwinianas – para que, em chegando ao escalonamento compatível, pudesse nascer nesse corpo. E assim devem ter -se formado todos os demais mundos.

Na Astrofísica, a única preocupação cosmogônica é a geológica porque a Ciência, no caso, não tem condições específicas para equacionar nada mais além do que o comportamento da energia. Isto, por falta de acesso ao mundo psíquico, com seus aparelhos insipientes para tal.

O LE, nos seus primeiros capítulos é, sem dúvida, um estudo profundamente religioso acerca das existências, restrito, todavia, aos poucos conhecimentos do período em que fora escrito. O mal dos cépticos é pensar que, para se considerar Religião precisa -se do culto e do dogma das seitas, além dos sacerdotes responsáveis pela sua prática.

O Espiritismo tem uma parte religiosa muito profunda, só que livre da imposição fanática de preceitos que possam ou não se verificar.

III

DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS

Asceticismo

Do grego: *askété* – que exercita, prática, + *ismo* – sufixo de doutrina

Inicialmente, o Asceticismo era uma doutrina grega que se opunha ao sensualismo e sua prática; não teve nenhum nome destacável na Grécia antiga, o que prova que seus devotos eram meros praticantes de seitas religiosas que pregavam a abstenção e os preceitos de conduta que visassem especificamente ao combate do liberalismo sexual existente em seus domínios.

Tinha-se como grupo retrógrado e que, para evitar a libertinagem, pregava uma temperança de desejos e paixões através de mortificações corpóreas.

William Scott refere-se a severas abstinências e a mortificações ritualísticas a que os ascetas se submetiam quando se sentiam contagiados pela luxúria, a ponto de se martirizarem doentamente.

Já Walter Lippman garante que o Ascetismo racional será capaz de disciplinar o corpo e levar a mente à capacidade de tornar o indivíduo apto ao serviço de um ideal. Não fala em mortificações.

A Igreja abraçou o Asceticismo (ou Ascetismo) como uma forma religiosa de comportamento de seus seguidores. A terceira parte da Teologia é inteiramente consagrada ao estudo das práticas religiosas e tem como fundamento o próprio Asceticismo grego.

A *ascese* é tida como o estado d'alma capaz de levar a aspiração ao mais alto grau da virtude. O termo advém do grego *askésis* – aplicação, e que deu *askétes* – pessoa aplicada.

O Asceticismo envolve desde os mais rigorosos flagelos corpóreos, impostos, até as simples abstinências de prazeres inconseqüentes, como forma de educação para o domínio da vontade.

O Espiritismo não aceita a parte das auto punições, da dita mortificação e dos sofrimentos provocados como forma de educação, no entanto, adota a parte da força de vontade quando prega a *reforma íntima* para que a pessoa domine os instintos que o levam a praticar a ações que exijam um resgate futuro.

O sofrimento e a dor não precisam ser provocados: eles virão inexoravelmente pela mão do destino para aqueles que tenham cometido atos que o gerem, como conseqüência; o resgate virá de forma lógica e perfeita porque nossos atos de vida são regidos pela mesma lei de equilíbrio que comanda o movimento dos astros.

Temos, pois, que encarar a *ascese* de dois modos: desprezar a parte auto punitiva do martírio e reformular o lado da educação para a virtude, ensinando que cada um é responsável não apenas pelos seus atos como pelo que acarrete com eles a terceiros. (*)

Pode-se destacar três aspectos para a formação ascética do indivíduo na busca da virtude: a educação intelectual, o aprimoramento físico ou corpóreo e a preparação espiritual.

Da educação intelectual

A aprendizagem do conhecimento é importantíssima para que cada qual se torne mais apto para compreender as verdades da vida. Sem dúvida, a sabedoria é uma virtude; quando mal empregada pode se tornar funesta, contudo, ninguém poderá compreender nada, diferenciando a prática do bem em relação ao mal apenas pelo sentimento.

A razão é fator preponderante. Falta mérito a quem não erra por incompetência. Apenas evita acarretar débitos para resgates futuros, continuando estagnar ou evolutivamente.

A cultura ou o saber é fundamental para a evolução. Não se alcança a nenhum estágio superior sem que esteja devidamente preparado para alçar ao novo patamar.

E a prova disso está no atavismo encarnatório daqueles que fizeram mau uso de seus conhecimentos. Sujeitam-se à vida, bloqueados em corpos cuja capacidade cerebral não permita que sua memória pretérita possa atuar na encarnação presente; as vicissitudes também são forma de educação. Esta mudança reencarnatória para uma experiência onde o saber esteja bloqueado é uma forma de aprendizagem prática baseada no *“fazendo é que se aprende”*.

A dor também ensina. Pelo menos, mostra que não devemos fazer nada capaz de provocá-la, mas o maior meio de se aprender é estudando e angariando saber. Os Espíritos altamente elevados são todos sábios. Os Mestres ou missionários terrenos trazem consigo um lastro de sabedoria para que possam compreender seus seguidores e ensinar-lhes o caminho do progresso.

Há que se lembrar de que o processo reencarnacionista também é outro tipo de aprendizagem; a vida é uma escola, frase por demais difundida; cada indivíduo tem sua tendência cultural, as especializações são uma conseqüência disso e, de fato, pelo que nos mostra a própria Espiritualidade, os mentores desencarnados que nos assistem, conservam após seus desencarne, as mesmas tendências e os mesmos conhecimentos - o que é genérico -, daí a importância do estudo enquanto encarnado, para que se leve uma bagagem de conhecimentos capaz de nos dotar, na vida do Além, de melhores condições para alcançarmos a níveis superiores do progresso.

Parece que se está malhando em ferro frio, mas ainda há os refratários que vêem na cultura uma forma de envaidecer a criatura, mais por egoísmo, geralmente porque não são capazes de fazê-lo. E também porque o sábio é uma pessoa superior em relação ao ignorante.

O saber é o único bem inalienável que possuímos; nenhum governo de força é capaz de confiscá-lo, nenhuma catástrofe arrebatá-lo de nós, nenhum fenômeno inverso anula-o e é o que podemos levar da vida; mais nada. Também, fora da carne, continua sendo o único predicado que só poderá ser acrescido e que não se perde por nada, nem por necessidade cármica.

As formas passageiras de bloqueio terreno cessam tão logo tornemos ao mundo do Além para nos reconstituir com todo o acervo de conhecimento que permanece arquivado em nosso inconsciente.

Concluindo: a verdade é que não se pode progredir sem conhecer, não se conhece sem estudar e o estudo é a melhor forma de adquirir tal patrimônio, o único a ser capaz de nos mostrar a verdadeira moral a seguir.

Do aprimoramento físico

Ao contrário da tese da mortificação corpórea, os reencarnacionistas em geral sabem que é duplamente importante cuidar do seu corpo e trazê-lo sempre em boas condições de saúde para que possa usá-lo no processo encarnatório com êxito.

O primeiro critério de importância é o preparo das raças para as futuras reencarnações não só a nossa própria como as dos demais seres que venham a precisar delas, em seu processo palingenético. E como se espera que cada um melhore através das encarnações, é preciso que também os corpos se aperfeiçoem para que acompanhem a evolução espiritual.

Lembre-mos de que o progresso é uma forma de imposição universal ditado pelo expansionismo, e que todos os mundos habitados caminham para a perfeição, no mínimo, relativa. Ora, portanto, como se pode querer que espíritos mais puros nasçam no meio de raças corporeamente degradadas pelo mau uso do veículo encarnatório!?

Cabe, portanto, a nós, no presente, aprimorarmos a espécie humana a fim de permitir que nós mesmos, em processo evolutivo superior, e os demais que acompanharem a lei do progresso tenhamos condições somáticas para a nova vida planetária.

Ora, o martírio, a mortificação, de algum modo, será sempre degradante para o corpo e, como tal, ambos ferem frontalmente esse primeiro critério. Ao contrário, tem-se que dar ao corpo um tratamento digno e sadio para seu aprimoramento, com noções alimentares, exercícios físicos saudáveis e tratamento adequado para que os males e doenças não encontrem condições de dilapidarem -no.

A responsabilidade é nossa, relativa ao corpo dos futuros seres; e mais ainda pelos nossos sucessores sangüíneos, afinal, não será por mero acaso que irão nascer como nossos descendentes.

Uma prole sadia é o desejo racional de toda criatura.

O segundo critério de importância é o próprio uso do corpo: o velho provérbio latino, *mens sana in corpore sano*, diz bem a importância que o corpo como veículo de vida exerce em nossa mente, fonte fundamental da existência encarnada.

O uso do corpo é decorrência da vida; vamos ter que enfrentar isso e se não cuidarmos devidamente dele teremos que arcar com o ônus de uma roupagem estragada por nós mesmos. E essa deterioração irá se transferir para o perispírito, modulando-o, tal como as vibrações do cabeçote de um gravador fazem na fita de gravação; por decorrência, iremos influir diretamente no próximo corpo que esse perispírito tiver que moldar o que irá proporcionar o desconforto de um corpo doente, com o sofrimento carnal correspondente.

É comum dizer-se que *o corpo limpa a alma*, ou seja, as impurezas que trazemos gravadas no perispírito transferem-se para a forma somática que nos servirá para aquela encarnação. Por decorrência, o tratamento dessas mazelas que se corporificam é uma forma de curarmos o perispírito, aliviando -o das impregnações causadas pelo mau uso do corpo da encarnação passada.

De um modo geral, quando se pratica alguma ação, boa ou má, suas vibrações irão gravar -se no *campo psicoenergético* todas as impressões provocadas pelo ato cometido e isso reflete -se em nosso arquivo perispiritual.

A concepção da fita gravada é a que mais se aproxima do que ocorre com o perispírito: este é ou possui um campo energético, tal como a fita; os impulsos provocados pelas nossas ações funcionam como se estivéssemos atuando sobre essa fita, gravando, assim, a modulação correspondente. A reencarnação é como se fôssemos tocar a fita: ela irá impressionar o aparelho receptor com esses mesmos impulsos gravados e o *aparelho* do perispírito é o somático.

O corpo, sem dúvida, é a estrutura carnal do campo perispiritual de cada um. Ao corrigir seus defeitos e doenças aprimora-se o campo anímico, livrando-o dessas impurezas causadas pelos atos passados e indevidos.

Isso completa o ciclo das necessidades de aprimoramento físico.

Entretanto, nem o sofrimento físico provocado pelas necessidades cármicas nem as dores provocadas pela auto flagelação irão melhorar a conduta de cada um, visando às virtudes; pode ajudar, pois leva ao raciocínio, isto porque sua finalidade é a de livrar o sofredor de seus compromissos e erros passados. Compete à própria pessoa não cometer mais enganos fatais.

Da preparação espiritual

As virtudes são predicados inerentes à personalidade da pessoa. Para alcançá-las há que haver uma preparação espiritual específica.

A vida não se resume em existências terrenas, num simples ciclo reencarnatório até se atingir a um estágio elevado de progresso; e, mesmo que fosse isso, ter-se-ia que pensar nas demais encarnações e não nos bitolarmos à vida terrena presente como se ela fosse única, nem deixarmos para a próxima o que pudermos fazer em prol da nossa melhora.

As informações mediúnicas nos dão conta de que todo mundo habitado progride e, quando atinge a um determinado ponto, aqueles renitentes que insistem em permanecer no atraso, sem acompanhar os demais, são banidos e têm que edificar um novo lar reencarnatório, dentro da lei da cosmogênese.

Por outro lado, todos os que atingiram o *estágio absoluto*, onde a compreensão ultrapasse os limites de seu mundo, pela própria escala evolutiva, como o aluno que completa uma fase escolar e enfrenta um novo curso, superior, também o Espírito migra para campos ou esferas onde possa continuar seu programa de aperfeiçoamento.

Sendo a vida na Terra uma dessas escalas onde a Espiritualidade projeta seu espectro, analisando as ocorrências da nossa existência, é fácil de se deduzir que também haja no mundo espiritual algo correlato e que, como tal, é o que cerca nosso orbe. Os mundos inferiores e os superiores terão uma frequência espiritual compatível com seu nível, o que nos leva a insinuar que, provavelmente, haja esse escalonamento a partir do domínio espiritual.

Observa-se que um atleta, antes de competir, executa uma série de treinamentos para sua preparação; um aluno, ao sujeitar-se aos exames escolares também se prepara, estudando para as provas; enfim, cada qual, ao exercer suas atividades, deve estar devidamente apto. A vida espiritual é o conjunto de tudo isso: estudo, exercício e demais planejamentos para enfrentar cada uma de suas etapas, como se estivesse ante nova prova a ser vencida.

Iniciados na preparação espiritual, como Buda, garantem que isso é um encontro pessoal com a verdade e que está dentro de cada um: *não há forma específica de alcançar o nirvana senão encontrando-se a si mesmo.*

Apesar disso – e para se chegar a tal grau – urge que se leve em conta o que possa ser o progresso espiritual:

O aprendizado e a cultura como bens inalienáveis, fazem parte das etapas mais simples; segue-se a elas a fase da aplicabilidade na própria vida e aí, tem-se que diferenciar o bem do mal com discernimento e precisão, o que só é possível através do saber; compreender que a regra do egoísta, *tem que ser bom para mim, para ser certo*, não deve ser aplicada porque, na verdade, só é bom o que é para todos.

O bem é um conceito muito relativo: numa disputa que vise à vitória, o que é bom para o triunfante é mau para o perdedor.

Vencida a etapa da vivência e da experiência, após o aprendizado, cada qual tem que se encontrar dentro de si para achar seu destino e compreender os processos teonômicos. Vem a meditação e a análise introspectiva que muitos confundem com *retiro espiritual*. Meditar não é estagnar para pensar; a evolução, fator preponderante da existência de tudo, não se faz pela lei de inércia. Há que continuar a jornada do trabalho, pensar que cada ato na vida se projeta para a preparação do futuro. Daí em diante, só os Espíritos superiores poderão dizer o que se faz.

O importante, pois, é vencer essa etapa até atingir a esse ponto em que, então, saberemos o que fazer. As nossas imperfeições que não nos permitem que encontremos o caminho da vida têm que ser combatidas.

E note-se, de importância: todo luminar da Espiritualidade irradia paz por onde passa, a tranquilidade dos justos, a sensação de felicidade acima das glórias efêmeras ou dos prazeres restritos, a glória de compreender Deus e a vida.

Para quem quer ser um deles...

(*) Sempre ouvi meu pai dizer que, *se o canalha soubesse usar sua inteligência, ele próprio se corrigiria, como forma de evitar as conseqüências de seus atos no reverso das ações.*

IV

DA ÉTICA RELIGIOSA

Moral

Do latim popular: *mor, moris* (da terceira declinação) – costume.

Ética – do grego: *éthikos* – é um termo rigorosamente sinônimo do latino e que também tem o significado de “costume”, modo de viver, regras sociais; tanto assim é que deu em francês, derivado do latim, *mœurs*, uso, costume.

A moral é um capítulo da Filosofia e atualmente é estudada em conjunto com a Sociologia na parte a que se refere ao conhecimento dos costumes dos povos.

Como tal, é muito relativa; basta partir do princípio de que *cada povo com seu costume*, para se supor que, o que seja *moral* para uns não o será para outros.

Em princípio, levando-se em conta este acervo de condutas, pode-se ter em conta que o capítulo da Moral não seja uma Ciência perfeita, apenas um estudo de observação e constatação variável. Portanto, o espírita só tem que se preocupar com seus princípios doutrinários e nada mais; isto, admitindo-se que tenha se integrado e aceitado os ensinamentos dos Espíritos como lema de conduta.

O princípio fundamental ético está na conduta de cada um e isso foi o centro dos ensinamentos de Jesus: a prática do bem e a observância rigorosa das leis ditas naturais para cumpri-las como obrigação e respeito à existência universal, ou seja, à Criação. Não se precisa de cópias nem de estereótipo porque o espírita conhece, pelos ensinamentos que lhe são transmitidos em toda parte, pela Espiritualidade, que a boa conduta é aquela que constrói em vez de ferir, que não faz distinções nem privilégios, que integra a criatura na sociedade para ser mais um elemento capaz de torná-la melhor e apta ao progresso; que caminha junto com seu semelhante na ascensão, que repudia o erro e que não titubeia em condenar os maus exemplos.

A perfeição não se limita à prática do bem; inclui o repúdio ao mal, condena o erro e pune os que o cometem. Essa perfeição compete ao homem, está em cada um e se rege pelas leis imutáveis da Criação. Não podemos interferir nela nem dela fugir.

A cada um segundo suas práticas, eis a grande máxima da moral.

Todos os grandes missionários tiveram frases antológicas que se tornariam repetitivas se fôssemos transcrevê-las. A filosofia exatista de Galileu poderá contê-las, no enunciado do equilíbrio, que nunca é demais repetir: *A toda ação corresponde uma reação igual e contrária*. Isto resume a filosofia de Jesus, quando disse: *assim como fizeres, assim acharás*. Já é consagrada a máxima: *cada um constrói seu destino*. Sem nos esquecermos do *não faças a teu semelhante o que não quiseres que te façam*.

Levando-se em conta que a parte religiosa do Espiritismo é bem distinta da de toda e qualquer Religião ou Seita, que não se prende a nenhuma delas e nem aceita a imposição pela determinação de seus mentores sacerdotais, também é de se admitir que seus preceitos, inclusive os morais, sejam rigorosamente distintos de toda e qualquer outra posição doutrinária.

Não é bem assim. Baseia-se o Espiritismo – e nunca é demais lembrar – na unanimidade das lições transmitidas aos encarnados pelos Espíritos, em toda a parte do globo. Desse modo, a moral espírita é coerente com todos os princípios correlatos com tais ensinamentos.

Por peculiaridade, tem em comum com as doutrinas reencarnacionistas o princípio de que as vidas sucessivas são seqüenciais, onde cada ato presente acarreta uma decorrência futura, da mesma forma que, das encarnações pretéritas trazemos o destino presente.

Por outro lado, não pode nem deve se deixar influenciar por outras correntes contrárias, embora, a elas devota respeito, acatando-as, sem assimilá-las. Esta é a moral espírita.

Dos princípios éticos

Dentre os pensadores mais antigos, oficialmente registrados, destacam-se os filósofos chineses Shin Tó, Lau Tséu e Kung-Fu Tséu (Confúcio) que viveram, segundo registros, entre os anos 650 e 450 a.C., cabendo ao último destes os *Preceitos de Bem-viver*, um tratado de costumes dos mais perfeitos. Toda sua filosofia se resume em diferenciar o bem do mal, este como motivo de sofrimento e aquele como a virtude que deva ser alcançada. Todos reencarnacionistas.

Uma outra corrente de pensamento que influenciou a antiga civilização grega advém do Egito, do legendário Osíris, (*) que, tal como Jesus para os cristãos, acabou deificado pelos seus seguidores. Dele vêm as primeiras idéias do verdadeiro monoteísmo que influenciou o ocidente, contrapondo -se à mitologia grega correlata com a romana. Vamos encontrar seus princípios d e moral nos *Lemas de Conduta*, onde o fundamento principal ainda é a prática do bem como forma de procedimento em busca da perfeição. Nesse trabalho inspirou-se Nefertíti para fazer o código de Aton, junto com seu irmão e marido Akenaton (seguidor de Aton), combatendo a escola de Amon-Rá.

Mais recentemente, sem dúvida, o marco das leis morais por nós seguidas vai -se encontrar na obra de Aristóteles, *Ética a Nicomaque*, onde, tudo o que poderia se estabelecer para definir a boa conduta é realçado de forma categórica. Esta obra encerra a falada moral aristotélica e foi dedicada pelo filósofo grego a seu pai Nicomaque de Estagira e que se destacou, principalmente, por ser médico de Felipe II da Macedônia.

O trabalho de Aristóteles encaixa -se com perfeição na doutrina espírita.

O grande destaque do conhecimento histórico que nos interessa deve -se a Plutarco, filósofo grego, nascido por volta do ano 50 da nossa era, natural da Beócia que, após suas excursões pela África e pela Ásia, escreveu um compêndio de várias obras encerrando um tratado profundo sobre os estudos morais. É tido pelos enciclopedistas (Diderot e cia) como sendo um autor inspirado por um platonismo eclético e provavelmente seja o primeiro autor que tenha escrito esse tipo de trabalho que ainda hoje muito serve para se conhecer a moral dos povos antigos.

Allan Kardec, provavelmente impelido pela grande influência da Igreja, fez inserir no capítulo I do seu livro *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (ESE), a Tábua dos *Dez Mandamentos* de Moisés que, segundo Mário Cavalcanti de Mello (meu prefaciador), no seu livro *“Da Bíblia aos nossos Dias”*, não passa de uma cópia grosseira e desdobrada dos *Sete Preceitos de Vida* da filosofia hindu. E que na Vulgata latina são apenas nove.

Essa Tábua peca, de imediato, pelo primeiro mandamento que sugere que o próprio Deus – como se fora humano – tenha estado ditando a Moisés suas ordens, lembrando que Ele teria tirado o povo judeu do Egito, ordenando que não se tivessem outros deuses estranhos pela Ele. Prudentemente, Kard ec cortou essa parte do mandamento porque seria muito gritante um Deus perfeito a *ordenar*, como se disso precisasse para que se cumpram suas leis.

O segundo mandamento, desdobrado do primeiro, para dar dez, também é descabido posto que ambos pecam pelo princípio de que Deus seria uma criatura humanificada. E o restante se reveste de um materialismo profundo, apesar das recomendações prudentes que possam encerrar, além de não levar em conta o processo reencarnatório. E para nós, espíritas, isso é fundamental .

Contudo, dignificando sua parte sadia, podê-la-emos resumir num dos princípios básicos da moral espírita: – *Não cometa nenhum crime*.

Afinal, o crime não compensa, de acordo com o anexam, destacando -se dentre os contidos ou não na Tábua de Moisés, o roubo ou o furto, o assassinato, a injúria e a calúnia, o perjúrio e qualquer outra

forma de atentado à integridade do seu semelhante, como a vingança e a desforra, mesmo como vindita, a justiça pelas próprias mãos, a execução letal e demais agressões físicas, e morais. De roldão, vemos que, na lista, está incluída a relação dos sete pecados capitais.

Por outro lado, o terceiro desses mandamentos só é válido para os judeus e fere a organização mundial dos dispositivos correlatos com os dias semanais, portanto, não é a moral dominante, ou seja, ter o sábado pelo domingo e se fosse cumprir a determinação de Moisés, o mundo poderia não virar um caos, mas ia ter muito transtorno.

No que se refere ao adultério, este não tem a mínima lógica porque só era aplicado contra as mulheres, tidas como seres inferiores e submissas ao homem. Pela lei reencarnatória, um espírito tem que saber nascer com qualquer um dos sexos, portanto, não há diferença espiritual entre eles.

Kardec foi muito mais sensato que Moisés ao escrever: – *Quando o mundo for perfeito só haverá casais ligados pelo amor, pela compreensão e pela comunhão da vida; todos os outros laços ruir -se-ão.* E ainda garante que os pares serão perfeitos e indissolúveis para aquela existência terrena.

E a natureza concorda com isso porque, sempre que a humanidade se envereda pelas orgias, ela própria, natureza, cuida criar um dispositivo que compila as criaturas ao comedimento; foi assim com as doenças venéreas que encontraram a cura quando os homens aprenderam a se precaver contra o prazer orgiaco e depois, com a SIDA (ou AIDS) síndrome altamente contagiosa que atinge os toxicômanos e os desregrados sexuais, ambos mais do que promíscuos em seu modo de viver.

No campo da moral, um outro autor de destaque foi Immanuel Kant, com sua obra *Princípios Metafísicos de Moral*, menos conhecida que suas *Críticas*, mas que, unindo os dois capítulos filosóficos, encerra profundos pensamentos de conduta dos quais, o destaque para o que, resumidamente, diz: – *A razão acima de tudo, porém, é preciso que se conheça a razão, eis o fundamento para a moral sadia.*

Kant foi um dos severos críticos a certos preceitos de vida tidos como éticos para várias sociedades e, impiedosamente, condena-os.

Para Pierre Abélard, teólogo escolástico francês (1079 -1142), a moral humana reside na sua vontade; apaixonado por Héloïse de Nantes, casara-se secretamente com ela, o que acirrou a ira do sempre pio Cônego Fulbert, tio da moça que, como castigo, mandou castrá-lo. Só assim perdeu sua vontade.

Contudo, tem-se que convir que este filósofo está certo; cada povo cria sua moral segundo suas conveniências.

Um outro pensador de destaque – já citado no Panteísmo – a preocupar-se com os costumes foi Baruch Spinoza (1632-77) que, ao lado do seu famoso *“Tratado Político”*, escreveu outro livro intitulado *“Ética”* onde expõe uma série confusa de coisas, idealiza um Deus estranhamente composto de substâncias de pensamento na defesa de um panteísmo liberal e declara que a moral é um pensamento de Deus. Sua popularidade entre os filósofos é grande.

Diversos autores, alguns com conclusões absurdas – e, assim mesmo, com seguidores –, a maioria presa à vida material e a seus costumes sócio-financeiros, dedicaram-se ao estudo da ética em si, só que, para os preceitos espíritas, não a apresentaram nenhum conteúdo digno de destaque.

Uma Entidade espiritual, através de comunicação mediúnica, declarou -nos que *a conduta dos outros pensadores não influi na moral dos espíritas; para o bem não há regras.*

Conclusão

Como conseqüência moral, temo: – *a cada um segundo seus méritos.*

Todo o estudo ético pode ser definido da seguinte maneira:

– *O princípio da moral humana reside nos preceitos da vida espiritual para a qual o encarnado se prepara, através de vidas sucessivas.*

– *Ter como conduta um procedimento reto e ilibado, respeitar seu semelhante e só praticar atos que não contrariem o equilíbrio universal dentro da área social.*

Eis a sabedoria dos costumes da vida.

(*) N. da R. - As narrativas egípcias que envolvem esse legendário personagem estão contidas no livro *Lendas de Osíris*, do mesmo autor.

V

DO CULTO A DEUS

Ritualismo religioso

Da Encyclopædia: **ritualismo** – nome dado à doutrina de Edward Bouverie Pusey (puseísmo) que surgiu por volta de 1850 em Oxford, movimento que se acentuou tendendo a restabelecer na prática da Igreja anglicana a observação dos principais ritos em uso na Igreja romana. Rito é sinônimo de culto, seita, ligado às religiões; é, também normas de ritual.

Ritual (do latim: *ritualis*) é o livro que contém as cerimônias que se devam observar na administração dos sacramentos e durante a celebração do serviço divino. O termo se generalizou, por extensão, para definir o cerimonial a ser realizado em uma reunião social, distinguindo-as, de acordo com seus fins.

Cícero ainda nos fala do culto e das cerimônias consagradas aos deuses como religião.

Análise teonômica

Neste capítulo, sem dúvida, reside a diferença crucial entre as demais seitas e religiões que adotem um princípio teológico e a parte religiosa espírita, motivo pelo qual, muitos teóricos insistem em não aceitar a parte religiosa da codificação. Os principais tópicos serão analisados a seguir.

O Espiritismo:

- Não tem cultos religiosos.
- Não adora imagens nem consagra personalidades.
- Não admite qualquer tipo de infalibilidade, inclusive a mediúncia.
- Não pratica qualquer tipo de rituais.
- Não possui dogmas de fé nem admite mistérios.
- Não cultiva casta sacerdotal que exerçam a pregação doutrinária remunerada como meio de vida, nem possui missionários ou orientadores doutrinários específicos em sua pregação.
- Não adota o proselitismo nem a catequese.
- Respeita qualquer posição religiosa e não interfere em seus cultos.
- Não admite que as Entidades espirituais manifestas mediunicamente sejam aquinhoadas com qualquer forma de bens e ou utilidades materiais, muito menos bebidas, alimentos e imolações consagradas a elas.
- Não compactua com a fraude fenomênica.
- Não admite interesses pecuniários no exercício de qualquer atividade doutrinária, recomendando que seus adeptos, todos, tenham seus próprios meios de vida exercendo uma atividade profissional.
- Não possui templos religiosos.
- Coloca o estudo e a razão como condições doutrinárias precípuas.
- Não idolatra Deus nem venera Espíritos ou Entidades mentoras, ama-as, respeita-as e as admira sem cultuá-las como infalíveis ou santificadas. Nem admite infalibilidades.

Só os que não conhecem as obras de Allan Kardec é que são capazes de afirmar o contrário, pois o codificador da doutrina espírita não aceita qualquer envolvimento ritualístico, apesar de saber que o rito é íntimo nas criaturas, mas considera que seja um entrave ao seu progresso.

Muitos hão de se chocar com algumas ou até todas as negações; são os que ainda não se libertaram dos vínculos eclesiásticos e não se livraram do ranço de sua doutrinação. Não são capazes de resistir às verdades espíritas perante a coação religiosa imposta à nossa sociedade predominantemente católica durante tantos séculos.

Considerações

Façamos uma análise de cada caso.

– **O culto** a Deus está dentro de cada um e depende da forma pela qual Ele seja compreendido, já que, em verdade, os conhecimentos humanos estão infinitamente aquém da possibilidade de se imaginar como seja o Criador.

Nunca nos esqueçamos de que **culto**, aqui, refere-se à liturgia ou ofício divino, o ato e não o sentimento. O Espiritismo não possui missas de nenhuma natureza, logo, não possui culto. E ainda é bom se ter em mente que os próprios alfarrábios garantem que o **culto** a Deus é a ordem de cerimônias e preces determinadas pelas autoridades eclesiásticas competentes. Este será o caso do culto no lar (ou fora dele): cumprir determinações eclesiásticas. Convenhamos, um igrejismo inconfesso. Ressalve -se, pois, que muitos (no meio espírita) chamam erroneamente de *culto no lar* o que deveria ser “*reunião no lar*”.

E ainda cabe lembrar que Deus, por não ser humano, jamais está preocupado como que o homem possa pensar Dele; o importante é que suas sábias leis sejam cumpridas.

Como observação final, não se deve confundir o ato de cultuar memórias, lembranças amigas e recordações, etc., no sentido figurado do termo, com o aludido culto religioso.

– **A liturgia** – o termo advém do grego (*leitos* – público; *ergon* – obra) e define, como todos os dicionários indicam, o serviço público de Deus, sua adoração e os ritos em seu louvor. Vai mais além quando afirma que os ritos públicos e serviços das Igrejas cristãs, principalmente os encontrados em missas ou cerimônias, englobam a eucaristia.

As liturgias diferem nas formas externas ou na invocação a Deus. No seu estudo, diferenciam -se os estilos distinguindo-se as que são praticadas pelos povos do oriente, quase todas muito parecidas com as que as Igrejas que adotaram a formação grega usam. De permeio, encontra-se, ainda, a ritualística do Oriente Médio, que não sofre influências de nenhuma das duas clássicas liturgias.

Considerando que a Doutrina dos Espíritos não adota clérigos, que respeita o formalismo de cada um, que admite que a forma de compreender e sentir Deus é individualista, por certo não acolherá posições correlatas com o que se possa ter como cultos adotados de qualquer natureza e, portanto, liturgias.

Adoração de imagens – quanto à idéia de figuras tidas como sagradas, como ídolos e personalidades religiosas sacerdotais de qualquer natureza, não são admitidos numa doutrina em que o individualismo seja resguardado.

Não se justificam tais adorações pelo próprio posicionamento encarnacionista já que se sabe que nenhuma e qualquer imagem substitui a personalidade de quem representa, nem ali estarão suas radiações, já que se trata, apenas, de mero objeto figurativo.

Além disso, a adoração é injustificável.

Relativamente a sacerdotes, como o conceito é de que os mesmos sejam os representantes de Deus na Terra e como não possuam a respectiva credencial, sequer a capacidade de conhecer o Criador, não se justifica que se tenha neles a figura representativa de quem pudesse possuir tais privilégios, regalias ou poderes.

Entenda-se, porém, que isto não significa que tenhamos retratos de pessoas queridas em nossos salões, já que, apenas, o mesmo representa simples e singela lembrança do fotografado.

A infalibilidade – é outro ponto importante: só os fanáticos a admitem e esse tipo de paixão é cega e obsessiva, não tem acolhimento entre os que estudam e conhecem os ensinamentos espíritos. O pior, é que se estende a qualquer coisa ou pessoa, incluindo médiuns e mensagens, patuás e superstições. Tudo, porém, deveria passar pelo crivo da análise; o simples fato de se ter recebido determinada comunicação de um desencarnado, no caso mediúnico mais afeito a nós, não significa que a mesma represente a verdade plena, primeiro, porque os Espíritos fora de um corpo continuam sendo os mesmos, com as mesmas características e idêntico saber ou conhecimento. Depois, porque não se pode garantir que o fenômeno tenha sido puro, sem influências mistificatórias indistintas. O que prevalece ainda é a razão.

Independentemente de fraudes, essas mensagens mediúnicas estão, ainda, sujeitas a inúmeras interferências e nem sempre acabam representando rigorosamente o que a Entidade manifestante pretendia transmitir. Tudo isso mostra que não existem infalibilidades. Só a Criação é perfeita.

Os rituais são mero formalismo; foram criados para impressionar o leigo e dar aos assistentes a idéia do transcendental. Provêm dos velhos cultos e do ritual primitivo.

As cerimônias religiosas como o batismo, casamento sacro, unção, missa, todos revestidos de ritualística, são perfeitamente dispensáveis e substituíveis por solenidades simples que visem à realização comemorativa dos eventos em causa sem a característica aparatosa, contemplativa e idólatra do culto sacerdotal.

Além disso, ninguém está credenciado para celebrar tais solenidades em nome de Deus, como seu representante. O que o Espiritismo combate é a credence religiosa, o que nada tem que ver com as festividades simples, comemorativas desses eventos.

Dogma – outro ponto inaceitável, que é o estabelecimento pela fé e pela crença de princípios improváveis, o que será a negativa da razão. O dogma é sempre imposto e indiscutível, mostrando que não espelha a verdade porque esta, onde estiver, resistirá incólume a qualquer análise, sem temor de que possa ser desmascarada.

O mistério, principalmente divino, se mistério, ou seja, de causa desconhecida, tornando -se um enigma, pela própria definição, não pode ter aceitação porquanto ninguém será capaz de explicá -lo. Nesse ponto, o Espiritismo segue a linha da Ciência: os pontos desconhecidos não são passíveis senão de estudos para averiguação e só podem se constituir em fato aceito quando forem devidamente esclarecidos ou provados.

A casta sacerdotal – é uma hierarquia terrena, estabelecida segundo os critérios de poder e escolha que nem sempre coincidem com o grau de adiantamento espiritual de seus componentes e só a evolução é que poderia definir as categorias, as patentes ou qualquer outra classificação de dependência, comando e subordinação no campo moral.

O simples fato de não se admitir o sacerdote, ou seja, o que se diga representante de Deus na Terra (ou detentor de seus poderes), por si, já eliminaria o critério de casta.

No lugar do sacerdote o Espiritismo adota o expositor, aquele que, com seus estudos e conhecimentos, esteja apto a transmitir para os demais companheiros de doutrina os ensinamentos que tenha adquirido.

Proselitismo – quanto a isto, cada qual deve seguir a linha de conduta que melhor lhe aprouver, levando em conta suas tendências, o que é válido para tudo, inclusive na linha doutrinária. Não adianta tornar-se adepto do Espiritismo, como uma grande parte faz, e continuar seguindo as linhas de sua antiga posição religiosa, ainda, querendo que os demais corroborem com isto. Não é o Espiritismo que deve se adaptar a seu seguidor.

Por esse motivo é que, no Espiritismo, há uma enorme diversidade de posicionamentos anômalos, alguns, até, condenados por Kardec. A tendência de cada um não pode ser contrariada. Esse é o mesmo motivo pelo qual não se recomenda a catequese, pois, cada qual só deve se tornar espírita depois de se inteirar dos seus critérios, aceitá -los pelo raciocínio e adotá -los conscientemente. Ainda aqui a razão.

O respeito – o Espiritismo não visa à competição nem pretende ser a única verdade a ser admitida, muito menos o único dos caminhos que levem a Deus e sua compreensão. Assim, é que respeita qualquer culto e os julga essenciais para atender aos afins. Cada qual é livre para praticá -los. O que não se aceita é tê-los como espíritos.

As oferendas – por outro lado, há inúmeras seitas que praticam o mediunismo e que, nessa prática, adotam ritualismo, oferendas e que mais. Elas não podem ser confundidas com a linha pregada por Kardec, mesmo que se arvoreem em denominar -se como tal. Mediunismo não é Espiritismo, é apenas o lado fenomênico por ele estudado.

As Entidades espirituais que exigem oferendas, inclusive alimentos e bebidas, só o fazem para adquirir lastro a fim de que possam gravitar dentro da esfera terrena; são atrasados espiritualmente e necessitam desse recurso para que possam materializar seus instintos, só que essa prática lhes é prejudicial, motivo pelo qual não se deve atendê -las; quem o fizer, estará acarretando para si os mesmos problemas que irá causar a esses Espíritos.

Os desencarnados não necessitam disso nem deveriam usar as energias materiais para nada. Usam -na, todavia, para a prática de atos contrários à ética espírita.

Fraudes – muitos são os que, não só pelo resguardo doutrinário, como numa falsa idéia de caridade, acobertam os fraudadores. Kardec, em *O Livro dos Médiuns* (LM), foi categórico na condenação a tais pessoas que se dizem médiuns, mas que, por vaidade ou por vantagens pessoais, usam o processo da fraude para mistificar, enganando seus seguidores.

A falta de caridade está em permitir que tais falsos médiuns continuem praticando quais atitudes, dentro do erro que lhes irá trazer um lastro assaz pesado para encarnações vindouras. Basta lembrar que todos os enganados pelo mistificador terão que ser espiritualmente ressarcidos e isto representa sofrimento para aquele que fraudou, ou seja, o preço do resgate.

Sem dizer que a doutrina perde muito mais no acobertamento de tais fatos que, quando desmascara o enganador. E todo aquele que, sabendo da fraude, se deixar envolver por ela, por comodismo, por compactuação ou meramente por descaso, também responderá por cumplicidade perante o tribunal da sua consciência e será condenado por seu turno. É a lei.

Interesses pecuniários – o espírita não pode fazer da doutrina um meio de vida, afinal, ela representa o ensinamento dos Espíritos (que nada cobram por isso) e que não legaram a ninguém seu sacerdócio nem deram aos encarnados o direito de usarem seus recursos como forma de sustento. Cada qual, como encarnado, terá que possuir sua profissão, sujeitar-se ao trabalho terreno como os demais, lutar pela sobrevivência e não fazer, sob quaisquer aspectos, de seus conhecimentos e seus predicados, principalmente se mediúnicos, uma forma de facilitar sua vida pecuniária.

O esforço e a luta pela manutenção são parte do processo encarnatório. Contudo, não significa dizer que o espírita seja obrigado a gastar seus recursos, quando forem poucos, em detrimento do seu sustento, na pregação doutrinária. Auferir lucros é uma coisa; aceitar ajuda, sem que esta se transforme em vantagem pessoal, para que possa levar sua mensagem a quem a solicite, é outra. Nem sempre um expositor tem condições financeiras de se deslocar para onde seja solicitado, o que permitirá que aceite o meio de transporte oferecido pelos companheiros.

Cobrar é que representa uma grave falha de caráter.

Templos – Os templos religiosos, embora, em sua imponência, sejam um veículo ideal para a pregação doutrinária, não fazem parte do Espiritismo. Qualquer lugar é local para uma reunião doutrinária, salvaguardados os casos de trabalhos mediúnicos.

No lugar de Igrejas e recintos arquitetônicos específicos, adota -se a *Casa Espírita* ou o Centro de reuniões, à semelhança de sociedades culturais que, evidentemente, têm que ser mantidas por seus participantes, sob forma agremiativa, comportando sócios mantenedores e uma diretoria por eles

escolhida para administrá-las. Condena-se a perpetuidade do cargo, o que evita que novas idéias possam ser trazidas para a Sociedade, além de representar um vício social.

O vitalício é um vaidoso. A administração seguirá a ordem natural e legal de uma sociedade estabelecida, de modo que não desrespeite as leis do país.

É importante a existência do Centro espírita porque ele representa a reunião em comunidade e a Sociologia registra que o homem é, por excelência, um componente social. Entretanto, os estudos doutrinários – e não cultos religiosos – podem ser feitos em qualquer lugar, até mesmo em domicílio, no seio da família ou em reunião com amigos e companheiros.

A manutenção de costumes religiosos estranhos é um ranço que não pode existir no meio espírita sem profaná-lo; a liberdade de cada um e o respeito a ela é um direito de todos, porém, isso não permite que se chame de *culto* espírita àquilo que seja reminiscência de outras correntes filosóficas, até mesmo de práticas religiosas. Kardec condena esse culto de exteriorizações, por isso, não temos templos para ofícios religiosos.

A posição de Kardec – O estudo espírita, bem como o conhecimento da doutrina, são de vital importância aos seus praticantes. Sem isso, sem a razão e sem a independência para seguir a doutrina não se pode ser espírita. É um direito seu o de não se subjugar a outras correntes, mesmo predominantes e prepotentes.

Esta é a grande causa da confusão que existe no meio espírita, uns achando que a doutrina codificada por Kardec é **uma** religião, outros, tendo-a como um estudo filosófico científico de conclusões morais, enfim, uma diversificação total de opiniões. O pior de tudo é o uso de textos isolados que alguns empregam para justificar sua tese, principalmente os inimigos da trilogia, onde a terceira parte doutrinária seja a religiosa e que, chegam a ponto de cometerem a barbaridade de substituí-la pela moral que é um capítulo da sua parte filosófica.

Baseiam-se estes na definição que Kardec dera no seu livro “*Qu’est-ce que le Spiritisme*”, ao fim do preâmbulo, assim se expressando: – *Le spiritisme est une science qui traite de la nature, de l’origine et de la destinée des Esprits, et de leurs rapports avec le monde corporel.* (O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos e de seu intercâmbio com o mundo corpóreo) só que, se esquece de que, nesse mesmo livro (pág. 89 da 4ª ed.), o mesmo Kardec, respondendo a um padre, afirma:

– Si le spiritisme niait l’existence de Dieu, de l’âme, de son individualité et de son immortalité, des peines et des récompenses futures du livre arbitre de l’homme. S’il enseignait que chacun n’est ici -bas que pour soi et ne doit penser qu’à soi, il s erait non seulement contraire à la religion catholique, mais à toutes les religions du monde; ... Loin de là; les Esprits proclament un Dieu unique souverainement juste et bom; ils disent que l’homme est libre et responsable de ses ates, rémunéré et puni selon le bien ou le mal qu’il a fait; ils placent au-dessus de toutes les vertus la charité évangélique, et cette règle sublime enseignée para le Christ: Agir envers les autres comme nous voudrions qu’on agît envers nous. Ne sont-ce pas lá les fondements de la religion?

Traduzindo: – *Se o Espiritismo negasse a existência de Deus, da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade, dos resgates e das recompensas futuras, do livre arbítrio do homem. Se ensinasse que cada um cuide si sem pensar nos demais, ele seria não apenas contrário ao catolicismo, mas a todas as religiões do mundo; ... Ao contrário disso, os Espíritos proclamam um Deus único soberanamente justo e bom; dizem ainda que o homem é livre e responsável por seus atos, recompensado ou punido co nforme o bem ou o mal que pratique; colocam, acima de todas as virtudes a caridade evangélica e a regra sublime ensinada por Cristo: fazemos com os outros como queiramos que façam conosco. Não seriam esses os fundamentos da religião?*

Mais explícito do isso, só se mandasse gravar um título em destaque garantindo que o Espiritismo contém uma parte religiosa. Só que os que desejam abolir esta faceta doutrinária, simplesmente ignoram

tais declarações que emanam do próprio codificador. E depois de se ler esse texto, quem continuar negando a parte religiosa do Espiritismo está querendo ser mais realista do que o próprio rei.

A idolatria – é outro ponto polêmico que o Espiritismo combate; ela não representa nem o respeito, nem a admiração, muito menos a aceitação da existência de Deus como o grande Criador do Universo, nem dos idolatrados como dignos do respeito, senão do medo, até temor que têm dos mesmos. Coloca Deus na condição de simples humano, como predicados – que, para um Criador Supremo tornam-se defeitos – de poderes tais, competitivos com os nossos, que seja capaz de fazer o que bem entenda, até mesmo o de contrariar suas próprias leis, identificando -se com a imperfeição.

Venerar vem do latim – *venerari* –, verbo que, segundo Plauto, significa adorar com submissão, reverenciar e, até mesmo, pedir com submissão. Cícero também empregou esse verbo com este sentido, lembrando que se trata de *dedicação do homem aos deuses*, no caso, romanos.

O espírita não pode, pelo simples fato de estar diante de uma Entidade, endeusá-la, venerando-a; pior, se for a própria Entidade a incentivadora, demonstrando com isso, que não se trata de nenhum luminar, senão um de enganador que se faça passar por orientador espiritual, geralmente, divertindo -se com isso. Desses, devemos fugir, quando muito, evitar.

Nosso respeito, nossa admiração e até mesmo gratidão pela assistência que nossos mentores desencarnados nos dão, tudo isso deverá ter rigorosamente o mesmo tratamento como se estivéssemos ante um semelhante encarnado que nos presta ajuda e mereça o mais profundo afeto. Sempre lembrando, porém, que os sentimentos que dedicamos a terceiros, independente de situação, é uma questão de afinidade, afinidade essa que existe, até, numa substância química.

Apreciação final

O capítulo todo é muito delicado porque irá ferir susceptibilidades e contrariar aqueles que querem continuar praticando seus antigos cultos e fazer com que o Espiritismo os aceite.

Do mesmo modo que cada indivíduo deve ser respeitado em suas práticas e no seu direito de fazê-las, também ele deve respeito ao Espiritismo e suas normas evitando mesclar o purismo doutrinário com seus pontos de vista individuais.

Ninguém precisa mudar, contudo, ninguém deve alterar a doutrina para se auto realizar.

VI

DA VIDA ESPIRITUAL E DA VIDA SOMÁTICA

Ontonomia

Do grego: *on, ontus* – ser; *nomos* – lei, regra.

Neologismo, por decorrência da reformulação léxica para uso de vocábulos próprios, criado para definir a parte religiosa dedicada ao estudo do ser e das leis que regem sua existência, o que, não só, foge do alcance da Ciência, como também da Metafísica.

Os conceitos materialistas que envolvem a Ontologia não permitem que se faça um estudo real sobre o assunto baseado em seus preceitos, a partir da própria definição, o u seja, parte da Metafísica que estuda o ser enquanto ser. Estudar a vida sob este prisma é fugir à existência dos Espíritos – fundamento do ser – e da sua atuação sobre a matéria para lhe dar vida e configuração.

Por outro lado, a Metafísica Escolástica não aceita o processo palingenésico da vida, o que também elimina as condições de se analisá-la sob o prisma da influência reencarnatória em cada existência.

Urge, portanto, abrir um capítulo religioso dentro do qual, usando a razão, se possa apresentar teses e hipóteses baseadas nos preceitos fundamentados nas vidas sucessivas, desde sempre adotados pelos orientais em suas correntes filosóficas.

Partindo-se da *Cosmogênese* teonômica, o primeiro ponto a ser observado é que, na hipótese de trabalho, admite-se como fato a existência (o *Dasein*, segundo Heidegger) do mundo ou domínio espiritual antes da formação do Universo que só teve origem como necessidade de vida dos Entes espirituais em formas e espécies.

Dentro desta conceituação, há que se admitir que a ocorrência mineral, mesmo que não seja considerada biológica, só foi possível porque os elementos químicos de formação já existiam no domínio espiritual para que, a partir deles, fossem moldados os espectros minerais correspondentes. Regra geral para a Criação.

Levando-se em conta a premissa de que os minerais não tenham vontade de ação, para que possam se manifestar na vida material, o que se admite em essência é que, também na Espiritualidade exista *operários* encarregados de construir os mundos usando as energias desses elementos ditos inativos ou geológicos, melhor dizendo, formas *sem vida*.

A coerência com a posição científica das pesquisas físicas em laboratórios de aceleradores de partículas leva a se afirmar que haja um princípio geral ativo que atua na massa cósmica, modulando-a ou construindo essas formas, porque, por si só, como já foi dito, a energia em expansão não seria capaz de se transformar e dar origem a nada.

Partindo, pois, dessa premissa, o reencarnacionista admite que haja um mundo espiritual onde habitam as formas; estas formas é que, então, são lançadas pelos *operários da Espiritualidade* na conformação material dos mundos para dar-lhes as devidas estruturas.

Em síntese, os minerais possuem no dito mundo do Além seus correspondentes com as mesmas características, ou, com propriedades capazes de dotar a vida sideral com características minerais não biológicas. O mesmo pode-se dizer para o que mais seja encontrado.

Estruturalmente, portanto, dividiremos que, no Universo atuam três tipos de moduladores da sua energia, responsáveis por tudo o que exista. São eles:

Agentes de forma – são elementares e têm, apenas, capacidade de estruturar, quando muito, as partículas atômicas, os átomos, as moléculas e a matéria pura (substâncias químicas), formando, com

isso, o reino mineral. Tal agente será, no mínimo, quadridimensional, para que possa atuar sobre a energia amorfa – fundamento da existência material – posto que esta possui, sem dúvida, quatro dimensões, verificáveis através de aparelhos chamados TEE (tensores espaciais energéticos). Esses tensores são capazes de comprimir um campo de energia que, por não possuir vazios, é incompressível. O resultado obtido mostra que o campo em experiência foge, com sua energia, para uma outra dimensão, como se estivéssemos apertando a massa do pão com as mãos e ela fluísse pelos dedos.

Agentes de vida – não são elementares quanto os anteriores, tendo, mesmo, capacidade de atuar sobre as estruturas materiais – a chamemo-las assim por falta de outra designação – por eles formadas. Agregam o princípio básico vital, que é o vegetativo. São responsáveis pelas formas fitológicas, a partir do *psicofitóide*, incluindo o *psicozoóide*, o reino virótico, as cianofíceas, enfim, os vegetais em qualquer classificação que se adote. Da monera de Hæckel às angiospermas (árvores frutíferas) e tudo o que a velha Botânica estudava.

Agentes anímicos – estruturam a vida e dão-lhe animação; são os espíritos dos animais em seus diversos graus de adiantamento, inclusive a espécie hominal e não o somente ela. Estruturam organismos capazes de se constituírem desde as formas paleontológicas primitivas até os animais conhecidos, sendo capazes de agregar os agentes inferiores essenciais na elaboração de seus aludidos organismos.

Sob sua influência, as vidas inferiores, células e micróbios, podem ser agregados estruturalmente pelo seu campo vital, dito estruturador, que age como o campo magnético de um ímã sobre as limalhas de ferro e níquel, agregando-as.

Os espíritos, portanto, encerram em si o campo que irá atuar no mundo material e neste campo encontram-se também os princípios indutores de tudo o que possa se constituir organicamente no corpo somático.

Tal conclusão deve-se às pesquisas e Sir Williams Crookes quando auscultou as aparições estereológicas – fantasmas (*ghost*) – a partir de Kate King. Esse *fantasma* apresentava as reações correlatas com batimentos cardíacos, pressão pulsos sangüíneos, respiração, e várias outras peculiaridades inerentes à vida humana terrena a ponto de fazer com que o experimenter garantisse que Kate mantinha consigo as características da vida encarnada.

Lembremo-nos, apenas, que a médium era miss Cook.

Temos, ainda, pesquisas desenvolvidas a partir de experiências suecas conhecidas como pesagem da alma e americanas, como o *Life's Field* de Harold Saxton Burr, registrando, através de aparelhos específicos, a existência do campo indutor de vida provavelmente estranho ao domínio físico de existência da energia universal.

O que se pode concluir, portanto, é que, como o espírito vem a ser anterior ao corpo, induz neste, a partir do feto e através do referido campo de vida, as propriedades registradas por Crookes quando auscultou Kate King. Como tal, os espíritos encerram em si o campo do que vá estruturar no organismo material dando origem a essas funções biológicas.

O mesmo pode ser dito em relação à vida vegetativa e correlatas como ainda no caso dos minerais, guardados seus respectivos graus evolutivos.

Generalidades

Tem-se a errônea opinião de que o espírito encarnado utiliza toda sua estrutura espiritual para formar o corpo e, como tal, radicaliza-se dizendo que a alma é um espírito encarnado. Tudo indica, porém, que a alma seja apenas uma parte do espírito posta em jogo durante cada processo encarnatório.

A favor dessa afirmativa temos: o campo psíquico que constrói o corpo só define um dos sexos em que a criatura deva se encarnar, o que resta garantir que o outro sexo não entra na configuração e, como tal, seu campo correlato permanece na estrutura espiritual que não foi posta em jogo. Por outro lado,

temos o inconsciente, memória das vidas pretéritas, que também não é lançado no processo encarnatório e que, como tal, permanece arquivado na memória do espírito que não se manifesta no processo da encarnação.

Se fosse sempre o mesmo campo estruturador moldando os diversos corpos nas diversas e respectivas encarnações, a diferença entre eles seria mínima e perfeitamente identificável, principalmente em se levando na conta de que, nos diversos casos sugestivos de reencarnação, o que se tem é sempre uma personalidade idêntica e um corpo distinto.

É bem mais admissível, portanto, supor que, em cada encarnação, o espírito disponha, apenas, das linhas de força da parte do campo estrutural que possua, necessária à formação daquele corpo, para aquela vida.

Justifica também a escolha genética dos pais para esse fim; é a necessidade biológica.

Pode ser que um dia a Ciência (espírita) comprove a veracidade desse posicionamento, ou desminta -o. Só o tempo dirá. Porém, será difícil encontrar uma justificativa para a diversificação dos sexos para que a criatura não seja hermafrodita, no caso, possua simultaneamente ambos os sexos, pois, energeticamente, eles são opostos e reequilibrantes, o que explica a necessidade de se ter um macho e uma fêmea para a reprodução da maioria dos animais, o que se verifica ainda na polinização para a frutificação das plantas.

O sexo

Um dos casos mais polêmicos e difíceis de se abordar é a correlação entre o campo espiritual e o corpo na parte relativa ao sexo. Uma série de configurações define ências entre os pontos de vista e as hipóteses de trabalho das diversas correntes existentes correlatas com ele.

A natureza mostra que, sem dúvida, os seres animais e, mesmo, as flores dos vegetais, possuem dois sexos distintos e contrários energeticamente sexos esses que se compõem de uma série de conseqüências vitais, inclusive a perpetuação das espécies pelo acasalamento desses dois tipos de campos opostos.

O Espírito não procria, porque isso seria negar a propriedade criadora de Deus, como causa primária de tudo. Logo, o campo sexual dos espíritos, obrigatoriamente, terá outras finalidades que também irão se manifestar no corpo e correspondente às funções psíquicas desse campo. Lamentavelmente, portanto, sem querer criticar a posição dos Papas, somos obrigados a dizer que eles estão completamente errados quando querem interpretar o ato sexual exclusivamente com o fito da procriação.

Neste sentido – e baseado em Kardec, quando garante que os pares serão únicos numa civilização adiantada –, temos que admitir que tal prática só obedecerá a esses desígnios espirituais de reequilíbrio energético quando realizada com a pessoa certa, o que tem fundamento dentro das conclusões acerca do reequilíbrio de um elétron com o seu antielétron (o pósitron) correspondente e não com qualquer outro, fenômeno verificado nos aceleradores fermi.

Uma faceta importante de destaque é, ainda, o aspecto espiritual de que todos deveriam saber se encarnar em ambos os sexos cabendo respeitarem os vínculos correspondentes, fator preponderante para o progresso individual. Ninguém pode misturar as tendências sexuais encarnatórias do sexo de seu corpo com os desejos recônditos de seu imo; o processo encarnatório, em casos contrários, é uma forma educativa para corrigir tendências erradas.

Finalmente, há que supor que a reprodução sexual deva ter sido a única forma até então encontrada, correlata com os vínculos espirituais, para que a procriação da espécie pudesse ser efetivada. Os novos estudos já sugerem os clones. O futuro dirá.

Um outro ponto a se ponderar é o cruzamento de espécies afins, porém não idênticas, gerando seres híbridos, por vezes, que não se perpetuam, porque sua miscigenação não corresponde ao processo

biológico natural reprodutivo. Há, todavia, casos, principalmente em botânica, em que se consegue obter uma nova espécie a partir de cruzamentos distintos.

O que se afigura é que tudo isso, inclusive o processo dos clones, obedece às leis sábias da natureza; ninguém as contraria impunemente.

Do mesmo modo que, por força da necessidade, foi aproveitada a reprodução sexual da maioria dos seres vivos para perpetuação e reformulação das espécies, também outros processos redundarão, com êxito, para que, numa civilização superior, se possa ter a reprodução, mesmo sem necessidade do processo sexual, sem dúvida, para desagrado dos aficionados.

A religião não pode ser – como tem sido – entrave ao progresso e às novas descobertas.

O grande problema que faz com que a Teonomia divirja de todo e qualquer fundamento teológico ou divinal é que ela aceita o progresso, a evolução e acompanha a par e passo os conhecimentos que os homens possam adquirir, enquanto que as seitas, com seus dogmas, tabus e infalibilidades, são obrigadas a repudiar todo e qualquer avanço científico que possa atingir qualquer um de seus lemas proclamados em nome de Deus.

Eis, pois, o grande motivo pelo qual há, sobre o *mistério* do sexo tanto tabu, tanto preconceito e tanta coação!

Se um Espírito detém ambos os sexos, independente de qualquer prática que possa realizar, é porque isso representa uma forma universal, pois as flores completas também apresentam, no seu primitivismo existencial, o gineceu ou pistilo (carpelo), órgão feminino e o androceu ou estames, masculino, mostrando que, sem dúvida, no processo espectral, os agentes fitológicos correspondentes possuam ambos os princípios reprodutores e que, como espécie rudimentar de vida, possa se manifestar dessa forma, na materialização do corpo físico correspondente.

Da formação somática

Já foi dito que o espírito modula o feto no ventre materno, a fim de que possa construir um corpo compatível com suas necessidades palingenéticas.

Para tal, duas são as condições essenciais:

A primeira, que, geneticamente, os pais possam fornecer, através de seus cromossomos, a condição material para que se forme o corpo compatível com a necessidade encarnatória desse filho. Pelo menos, até que a reprodução por clone se torne realidade.

Depois, que haja afinidade espiritual com o nascituro, quer por compatibilidades puramente biológicas, quer por relacionamentos espirituais de vidas pretéritas ou mesmo, de simples relacionamentos personalísticos. Nada disso nega a hereditariedade genética.

Parte-se, desse modo, do princípio de que, quando qualquer Espírito desaja se reencarnar, a primeira coisa feita é a escolha dos pais adequados que possam lhe fornecer os elementos biológicos essenciais às suas necessidades. Isto pode ocorrer de duas formas: por um processo cármico de dependência entre pais e filhos, ou, simplesmente pelo processo carnal.

No primeiro caso temos que levar em conta o relacionamento espiritual de vidas passadas existentes entre pais e filhos e que justifiquem a genealogia familiar; as dívidas pretéritas, comuns e adquiridas por causa de relações que cinjam estes Espíritos entre si, levam ao processo de outro estado de dependência que acaba resultando no processo de nascimento.

Na outra circunstância, o Espírito que deva nascer procura uma família afim, capaz de permitir que ele cumpra seus desígnios encarnatórios.

Ambos os casos obrigam o que vem ao mundo a uma escolha compatível com o que vá enfrentar, como consequência do que caiba passar, tanto na parte física e moral, como na espiritual; por isso, é

importante que a hereditariedade genética lhe forneça a condição biológica para que seu corpo somático esteja compatível com sua vida.

Assim, explica-se uma série de fatores encarnatórios: primeiro, a vida passada a atuar na presente, porque, do mesmo, modo que o corpo modula o perispírito, este, ao formar o novo soma, irá impregná-lo destas modulações e, para isto, a afinidade geral é de suma importância.

Esse será o grande motivo pelo qual o espírito precisa encontrar os pais certos, respeitando as leis de afinidade para que consiga realizar o processo material adequado à vida que há de levar. Mesmo assim, é importante ressaltar que sua personalidade jamais se altera.

Dessa forma, o Espírito pode moldar um corpo de maneira que ele tenha condição de absorver tudo aquilo que esteja gravado no perispírito, necessário ao progresso espiritual. Com isso, a máxima do *assim como fizeres, assim acharás* se justificará plenamente; para tal, cada corpo estará sofrendo as influências do perispírito que o moldou em consonância com o que tenha acumulado em decorrência dos seus atos pretéritos.

Ademais, é um princípio físico: só retorna à fonte a energia que ela tenha emitido, para reequilibrar o sistema. Traduzindo para o caso espiritual, pode-se dizer que o retorno de nossas ações tem o mesmo procedimento, o que implica em dizer que, o que sofremos nada mais será do que o retorno de nossas próprias emissões psíquicas em decorrência de nossas atitudes.

Quanto à formação somática, a Bioquímica explica melhor.

Do corpo espiritual

Toda aparelhagem científica foi rigorosamente estruturada e construída em decorrência dos conhecimentos materiais sem levar em conta os envolvimentos espirituais, por serem desconhecidos. Isto dificulta a pesquisa da existência psíquica, como um domínio à parte.

Sabe-se, através das observações mediúnicas, que o Espírito ou ser desencarnado se manifesta em nosso meio, porém, não se pode detectá-lo de nenhuma forma, por falta de condições técnicas causadas pelo inteiro desconhecimento da existência espiritual.

O máximo que se pode obter é verificar, através de aparelhos munidos de osciloscópios que o médium, durante o transe, apresenta um aumento de campo, demonstrando que a ele está acoplado algo além do que gere sua bioenergia. Mas isto é o campo perispiritual do manifestante.

A aparelhagem empregada é a mesma que Harold Saxton Burr usou para verificar a existência do *campo de vida* (Life's Field) narrado em seu livro que detém esse nome inglês.

Dizer que o Espírito é uma psico-energia nada define, conceitua sem esclarecer, dá um nome àquilo que ainda não se sabe o que seja. Pelo menos, tira a impressão de que o Espírito seja formado pelos mesmos subelementos energéticos que compõem um átomo na formação molecular. Ou seja, não é material, na sua formação.

Quem pensa que espírito seja constituído de átomos sutis é porque ainda não se libertou do materialismo tradicionalista e guarda resquícios de que tudo se fundamenta na energia física, a mesma que compõe a matéria.

Espírito e matéria são dois entes distintos, desde que se entenda matéria como sendo o domínio energético em que vivemos. Confundir um com outro é absurdo. Se o espírito fosse constituído do mesmo elemento que compõe a energia cósmica ele também seria efeito de algum outro agente e não poderia atuar sobre ela senão para realizar trabalho, com sói ocorrer com um agente mecânico; afinal, cairia na mesma condição de que a energia, por si, não pode se alterar e o espírito, se fosse da mesma energia, não causaria a aludida alteração.

Todo e qualquer trabalho que se arvora em configurar a existência espiritual composta de elementos, mesmo extraquímicos e distintos dos nossos conhecidos, a partir da mesma condensação de energia, pecará por base, pela insistência materialista em achar que o princípio da existência de tudo é a própria energia que compõe os sistemas que formam o Universo.

O corpo espiritual foge inteiramente ao conhecimento humano, motivo por que não se tem aparelhagem adequada para sua pesquisa e análise. O que se sabe é que ele tem condições de atuar sobre a energia existente e modulá-la, não só dando-lhe formas como usando-a para realizar fenômenos que são ditos e havidos como *paranormais*.

Essa é outra parte em que a Teonomia diverge de qualquer estudo religioso que imponha o dogma para aceitação das suas *verdades*, ou seja, de que sejam mistérios que não podemos desvendar, em vez de admitir e reconhecer que nossa sabedoria está longe de alcançar todas as verdades, contudo, que um dia chegaremos lá, pela evolução e pelo estudo. Já vivemos períodos de muito menos conhecimentos e vários tabus preestabelecidos já foram desmitificados.

Assim como o conhecimento se faz por etapas, para definir cada coisa – ou o que quer que seja – tem-se que esperar até que esse conhecimento humano atinja a um ponto essencial capaz de desvendar o que ainda não se conheça.

A ***Ontonomia*** em si é uma doutrina progressista e avançará junto com as descobertas, motivo pelo qual será um capítulo a ser complementado *ad eternum*.

VII

DO PODER DA PRECE

As virtudes teológicas

O termo latino *virtus* que, do seu genitivo *virtutis* nos deu a palavra idiomática **virtude**, também se traduz como **o valor**. Segundo Cícero, ainda define a preeminência, a perfeição do homem tanto no corpo como no ânimo. É também propriedade específica de qualquer coisa. Plauto usou a expressão *virtute Deum* – com a ajuda de Deus – e César empregou a palavra para definir a idéia de ser mais valente ou esforçado do que outro.

Para o sentido idiomático, a **virtude** será a disposição constante para praticar o bem e evitar o mal. Uma pessoa cheia de virtudes é aquela que possua inúmeros predicados bons, só que não a critério de julgadores humanos, costumeiramente falhos.

De todas as prováveis virtudes, a Teologia separou três delas como essenciais à vida e ao respeito religioso: a *fé*, a *esperança* e a *caridade* que dispensam definição por serem demasiadamente conhecidas.

A caridade que salva

Do latim erudito *charitas* que se vulgarizou no popular como *cáritas*, *atis*, a caridade, mas que, na acepção anterior, define a caridade.

Allan Kardec sedimentou sua doutrina codificada na máxima *fora da caridade não há salvação*, com intuito de fazer com que as pessoas entendessem que o progresso espiritual não se prendia a crenças nem a Igrejas para que elas fossem o caminho da aludida “salvação”.

O Espiritismo também não salva ninguém: dá-lhe conhecimento para que a própria pessoa procure seu rumo e conheça a verdade libertadora. E aquele que se libertar do erro conhecerá o caminho da sua *salvação*, ou seja, da evolução espiritual.

Parece, contudo, que o mestre lionês foi incompreendido: há alguns espíritas que, por causa deste lema, se tornaram ávidos na prática de ações, principalmente a aparente, que se possam considerar caritativas, e, se possível, com o maior número de testemunhas de que disponha e que deponha a seu favor, para que, à semelhança dos costumes legais, possa angariar o beneplácito do Alto e fazer jus às benesses divinas. Como se o ato em si se comprovasse pelas testemunhas, esquecendo -se de que, perante o tribunal de sua própria consciência, só ele próprio testemunhará.

Dessa maneira, a caridade passou ser a mera formalidade, mais que uma ânsia, no afã de se postar ao lado de Jesus, com o mérito de uma prática que nem sempre será caridosa.

Deve-se isto, também, à falta de leitura das obras codificadas porque Kardec. O Evangelho Segundo o Espiritismo é suficientemente claro nas exemplificações e peremptório ao afirmar que a caridade é a que se pratica sem intuito de sê-lo e que, o que já tenha tido a glória terrena pelo seu ato pratica do não mais terá direito a nenhum outro reconhecimento em seu benefício.

A caridade, portanto, como virtude, só o será se praticada sem que vise a recompensas, que seja um desejo inato da criatura de ajudar ao semelhante, praticando o bem involuntário no s ocorro aos necessitados. Confunde-se o dar esmolas e o prestar socorro a quem não queira se esforçar para nada com caridade: ao contrário, estes são apenas atos de alimentar o vício do ocioso que quer ganhar a vida às custas do semelhante, sem fazer por on de.

A esmola que dignifica é a que se dá a quem precise e não a quem pede ao acaso, explorando o sentimento alheio, por vezes, usando recursos de aparência subumana. Esta caridade, além de não salvar

ninguém, ainda acarreta responsabilidades. No terceiro Livro da codificação há páginas belíssimas exemplificando o fato.

A esperança que alenta

Do latim, *sperans, sperantis* – o que espera, provavelmente tenha entrado no rol das virtudes teológicas por mero formalismo, já que estaria ligada à consolação, ato pro metido por Jesus, segundo as Escrituras, àqueles que o seguissem. E como, nem sempre ocorre isso na vida da pessoa que se sagra ao sofrimento da cruz, a sacra recomendação é que se espere por ela.

Evidentemente, esperança nunca foi virtude, embora de suma importância para o que queira ser vitorioso; basta que vejamos seu conceito etimológico: espera do bem que se deseja.

A Enciclopédia, até, chega a admitir, como avaliação, que seja *um aumento onde é susceptível o bem de alguma herança possível*. E isso, indubitavelmente, nada tem que ver com virtude, senão com interesses deveras fortuitos e até, em certos casos, condenáveis, pela ganância, e capazes de levar o *esperançoso* a atitudes nada dignas.

Dessarte, o Espiritismo não considera a esperança como virtude da salvação na pura crença em Jesus, no seu sangue derramado, ou na sua dor, porque ele mesmo foi categórico ao dizer que *faça por onde que te ajudarei*. O suficiente para saber que, sem mérito, nem com esperança.

A fé que remove montanha

Esta sim, tem grande valor, porque define um sentimento de confiança que todos devem ter no que façam, principalmente, na conduta de vida.

Vem do latim, *Fides, ei* – a Fé, uma divindade fabulosa que tinha o poder de dotar a criatura de condições tais que fosse capaz de superar qualquer adversidade. (*)

A fé ou confiança é um dos grandes atributos que possa ter a criatura, não apenas envolvendo a idéia de que sua crença ajudará a salvar-se, mas, para lhe dar o ânimo essencial à vida, à luta pela vida, a certeza de que essa luta, inda que insana, representa um ideal. Sempre o ideal. E a fé se aplica teonomicamente.

Ligados à fé estão a obtemperança, a confiança nos poderes superiores da Justiça e da Criação, a convicção do que se faça e, principalmente, acima de tudo, o motivo principal da vida: a fé em viver e progredir. A obtemperança é um galicismo tirado do nome de uma das filhas de Fides e não tem nenhum verbete idiomático correspondente.

Neste início de ano de 1998 os cientistas descobriram a região cerebral que reage ao sentimento de fé da criatura e ainda, foram capazes de perceber que ela produz uma série de estímulos que, provavelmente, sejam os capazes de realizar o tão propalado *milagre da fé*.

A fé sugere o último dos fundamentos teonômicos:

O poder da prece

Todas as religiões, sem exceção, têm sua parte relativa a rezas, orações e louvores a Deus; representa a comunhão do pensamento da criatura humana com a Criação. Na maioria dos casos, resume-se à conjuração ou honrarias prestadas a uma divindade – e válida para o politeísmo – com palavras, louvores e ações através do que expressem suas necessidades ou seu respeito. Orar é rogar a Deus, segundo opinião generalizada.

Prece ou reza são termos praticamente sinônimos; rezar vem do verbo latino *recitare*, ler ou dizer em voz alta e prece vem do verbo *precor, precari*, (defectivo) que deu simultaneamente pregar, rogar, ou

ainda, como Cícero, *precari veniam alicui*, pedir perdão a alguém. Por outro lado, inclui a conotação de “rogar pragas” – *male alicui* – ou desejar o bem – *alicui bene*.

A reza, portanto, nada mais é do que uma prece em voz alta.

O espírita dispensa as rezas e os oratórios que se transformem em rogatórios a Deus, onde muitos se confundem e há, até, os que, na “inspiração” do momento, acabam por dizer o que Deus deva fazer, num vocativo misto de abduções incompatíveis, com o desejo de se colocar diante dos guias, em submissão.

A prece, combatida por muitos que querem afastar a parte religiosa do Espiritismo em detrimento do seu tríplice aspecto, tem sido, sem dúvida, motivo de grandes controvérsias: há os exagerados, que passam sessões inteiras num falatório absurdo e desconcertante, há os que sequer admitem que se tenha um momento de recolhimento, como se esse fosse ritualístico.

Todavia, os fatos têm mostrado que aqueles que elevam seu pensamento ao Alto, em prece, sem rituais, sem pantomimas, sem exibicionismo, simplórios e com fé – aí entra o capítulo da fé –, têm conseguido verdadeiros *milagres* na acepção configurada da palavra.

Ela, portanto, tem, de fato, quando sincera, um grande poder. Explicar? É difícil.

A prece ideal é a íntima e silenciosa, feita no recôndito dos sentimentos.

Deolindo Amorim adotou esta prece silenciosa na abertura dos trabalhos do ICEB que presidia, sugerindo o recolhimento a cada um, para que se concentrasse.

É comum, em reuniões, destacar-se alguém para fazer uma prece na abertura e outra no seu encerramento, que é feita em voz alta a fim de que os demais participantes a ouçam. Isto é mera tradição de costumes. O responsável pela reunião poderá dispensar esse aparato e convocar os presentes para que cada qual faça a sua oração introspectiva, mantendo um espaço de silêncio que permita a concentração das pessoas. Essa é uma prece verdadeira, sem falação.

A outra, em voz alta, nem sempre representa a concentração ideal, primeiro porque muitos são os que acabam se envolvendo no que o orador esteja dizendo, depois, porque é mais fácil nos concentrarmos em silêncio. A coisa se agrava em alguns recintos, quando, para se orar, todo mundo se levanta o que, por si, já é um motivo de desconcentração e não deixa de ser um ritual.

Prece demais também não funciona.

A terapia também recomenda comedimento medicamentoso; as orações devem se restringir à sinceridade e de nada adianta ficar rezando o tempo inteiro sem corrigir seus erros, porque o alívio não é dado ao renitente. Mesmo em sessões mediúnicas de tratamento, sob alegação de que se torna necessário manter os presentes concentrados, o abuso oratório cansa e massifica, sem resultados; o fervor não está na quantidade, mas, na qualidade.

Os Espíritos Superiores a quem são dirigidas as rogações, não estão preocupados com formalidades, muito menos com ladainhas.

Para concluir, não se pode negar que são muitos os casos dos que, em aflição, elevam seu pensamento ao Alto, em preces, e são atendidos, ou, pelo menos, aliviados, melhoram as angústias e reconfortam o sofredor; não se trata de sugestão nem de condicionamento, pois, por vezes, o beneficiado nem chega a ser o que roga.

O que daí se pode deduzir é que, do mesmo modo que o encarnado socorre aquele que lhe peça ajuda, também o desencarnado se volta para os aflitos, onde o pedido é a prece. Admite -se, com certa justeza, que a fé com que a pessoa faz sua prece seja uma energia psíquica auxiliar que permita que as Entidades socorristas entrem em sintonia com o necessitado, facilitando a ajuda.

Esse ponto de vista aumenta com as novas descobertas cerebrais do centro da fé.

E como não são as formalidades que ditam a fé, o que se recomenda é que haja sinceridade ao lado do fervor e simplicidade na oração.

O poder da prece existe.

(*) Não se deve confundir com *fides*, um instrumento de corda, nem com *fides, is* – o mesmo –, ambos escritos com minúscula e que não definem nenhuma divindade. A cons telção de Lyra é conhecida como *Fides*, ou mais comumente, *Fidis*; esta sim representaria a divindade latina, como várias outras ligadas à mitologia romana, na nomenclatura.

3ª parte

complemento

ANÁLISE SOB ASPECTO RELIGIOSO DOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DA VIDA

A um corpo de doutrina corresponderá um acervo de assuntos a ele inerentes, sob forma de complemento.

Embora não integre seus fundamentos tem neles suas explicações.

I

DAS REUNIÕES ESPÍRITAS

Como toda e qualquer prática coletiva, também no Espiritismo destacam -se, sobretudo, as reuniões de grupo que se realizam, não só para suas atividades doutrinárias, como ainda, para cumprimento de suas tarefas institucionais. No meio espírita destacam -se cinco tipos de reuniões: informais, de estudos e debates, de palestras, solenes e mediúnicas.

Não há missas nem sacramentos, como nas seitas cristãs.

Informais

Compreendem as reuniões festivas e a de preces religiosas.

São consideradas festivas as que englobem passeios, visitas, práticas artísticas, geralmente compoem a segunda parte de uma reunião solene e demais grupamentos que visem ao deleite e à convivência em grupo dos praticantes espíritas em uma sociedade.

Os passeios ou convescotes não têm nenhuma outra finalidade além da prática de diversão, visitas a outras agremiações e estudos de pesquisa. Permitem o entrelaçamento entre os participantes do movimento doutrinário, têm caráter livre e é comum entre jovens, sem conotação de qualquer natureza. Também incluem caravanas a movimentos distantes.

As visitas são mais freqüentes entre grupos e sociedades espíritas ou a albergues, asilos, hospitais e outros lugares diversos com o fito filantrópico de levar alegria àqueles visitados.

Destaque para a parte artística de sessões solenes, incluindo o teatro espírita, destinado ao lazer dos presentes conjugados com os ensinamentos possíveis, e que é uma forma de atrair os assistentes sem proselitismo. Aqueles que negam a arte pura e a proibem em seu meio, não são espíritas e m verdade, mas inovadores que não seguem Kardec.

As reuniões informais de preces ocorrem em casamentos, nascimentos e sepultamentos onde não se segue nenhuma rotina; destinam-se a uma forma de homenagem simbólica ao que esteja sendo centro da mesma. Não envolvem os aspectos de uma solenidade, não podem representar rituais ou ter qualquer conotação deste jaez, senão, saudar o que seja o motivo da prece. Nunca é demais prestarmos esse tipo de preito sincero. Apenas, representa o desejo de companheiros de doutrina para que o enlace matrimonial, o nascimento, o desenlace carnal, enfim, revistam-se do carinho espiritual dos presentes, elevando-se o pensamento ao Alto para pedir graças pelos que estejam nascendo, casando, desencarnado e que estes possam ser assistidos pelos amigos da Espiritualidade a fim de que cumpram seu verdadeiro destino, a partir daquele ato.

Prece, curta e sincera, tem sempre seu lugar.

O que se leva em conta é que os panegíricos não têm cabimento.

De estudos e debates

Representam o centro do conhecimento doutrinário e são fundamentais nas Casas que se digam espíritas, principalmente para o corpo dos atuantes e não apenas de seus diretores.

Não existe espírita sem conhecimento doutrinário porque é este que leva a pessoa a compreender sua vida e se esforçar para corrigir seus erros, suas falhas e suas faltas. Compreende-se, assim, a expressão de Kardec: – *conhece-se o verdadeiro espírita pelo esforço que realiza para se corrigir.*

Nas sessões de estudo cabe seriar, no mínimo, um livro de Kardec para debate em grupo e só se deve passar para o capítulo seguinte depois que o que esteja sendo estudado não suscite mais dúvidas. O debate permite, ainda, a inclusão de outros autores correlatos, com vistas a esclarecimentos e pode-se convidar expositores e debatedores para participarem com suas respectivas colaborações e ampliarem o campo de visão dos estudos.

O estudo é a base do conhecimento. Esta regra não foge ao espírita que precisa conhecer melhor sua doutrina a fim de praticá-la e para não permitir que oriundos de seitas religiosas apócrifas tentem modificar ou adaptar o Espiritismo a elas.

De palestras

Trata-se, como no caso de reuniões literárias, de oradores ou expositores convidados, ou simplesmente palestrantes, para desenvolver um tema doutrinário, nunca um pregador, um catequista, muito menos “*missionários*”; a finalidade dessas reuniões é ouvir a explanação e o desenvolvimento de um tema espírita pelo expositor, que apresentará seus pontos de vista sujeitos à homologação ou à revisão dos participantes que devem solicitar do mesmo uma parte final para debates com a assistência.

Esse debate, dentro da disciplina e do respeito, permite as discordâncias a fim de que qualquer expositor não venha a impor seus pontos de vista como únicos verdadeiros, embora, na maioria das vezes, apenas, resume-se a indagações dos presentes para ampliar os esclarecimentos, eliminando dúvidas e permitindo que o orador se faça entender em seus pontos de vista.

É, ainda, comum em algumas Casas espíritas, após a reunião, desenvolver um trabalho de passes, simplesmente, com a equipe de médiuns que possua, com o fito de distribuir um pouco de energização espiritual e psíquica aos que procurem esse tipo de auxílio. Contudo é uma parte informal e nada tem que ver, senão, sob o aspecto assistencial, com a parte do expositor.

Nesse caso, o grupo de passes deve ter muito cuidado para que não se intercale com os médiuns aqueles que não estejam preparados para ministrar o dito passe e se arvore em fazê-lo, passe esse que deverá ser aplicado de forma simples, sem rituais e sem formas predeterminadas, como recomendam os Mentores espirituais.

Portanto, a palestra é sempre uma reunião literária dentro de temas doutrinários, sem rebuscamentos, contudo, com cultura e conhecimento, a fim de que os participantes presentes, principalmente os que procuram tais reuniões em busca de conhecimento possam tomar contacto com os ensinamentos espíritas.

Sessões solenes

Não diferem em nada do que já conhece: são as de instalação de Congressos de natu reza espírita, de abertura ou encerramento de semanas confraternativas, de simpósios e de outros movimentos congregacionistas. Não obedecem a nenhuma ritualística religiosa; ao contrário, seguem a tradição social dos costumes de uma sociedade de cultura nos moldes adotados por qualquer outro movimento congregacionista, sem protocolos.

Deve ter a Mesa com sua presidência, secretarias e que mais, essenciais à sua realização, destacando -se um conferencista atido ao movimento doutrinário. Sua única diferença é que deve observar o caráter doutrinário, recomendando-se, na sua abertura, uma solenidade de respeito religioso, sem aparatos nem formalismos.

Sessões mediúnicas

São as mais delicadas reuniões espíritas; exigem que sejam dirigidas por um profundo conhecedor do assunto, englobando desde a simples assistência mediúnica a terceiros, passando pelas reuniões de desobsessão, até às de materialização (ectoplásmicas), onde a prática do mediunismo seja respeitada de forma simplista, sem que se envolva com quaisquer tipos de ritual ou de rotinas que não estejam rigorosamente fundamentadas dentro das recomendações contidas em *O Livro dos Médiuns* (LM), de A. Kardec.

Dependendo da sua natureza, cada qual deve obedecer a um tipo de preparação e desenvolvimento. Nas mesmas, cabe evitar platéia, sempre curiosa e dispersiva, pelo seu caráter, porque o exercício da mediunidade não é nenhum espetáculo, muito menos uma reunião pública generalizada.

Em todas essas reuniões há que ter o médium ou médiuns específicos; deve -se tomar cuidados contra fraudadores, veementemente condenados por Kardec, quer de natureza espiritual, quer entre encarnados, junto com os mistificadores, mesmo que animistas, a fim de evitar qualquer tipo de engodo que venha a perturbar o ambiente e desvirtuar a finalidade da sessão.

A preparação para as mesmas será feita pelos participantes, durante o dia, tendo o cuidado de não se envolver em coisas que venham a tumultuar seu cotidiano, a fim de que possam chegar ao ambiente de trabalho já devidamente preparados para participarem dele. Não se faz a preparação na sessão, mesmo que antes do seu início, mas, antes de vir para ela.

Por esse motivo, deve-se evitar qualquer tipo de leitura de preparação de ambiente, até mesmo, capítulos de *O Livro dos Médiuns* (LM) cujo teor tem que ser conhecido por todos os participantes. Leituras dinâmicas ou de qualquer outra natureza só atrapalham; para elas temos a reunião de estudos e debates. A simples prece inicial é suficiente para que se abra a sessão.

É de importância capital, ainda, evitar-se que qualquer outra coisa possa interferir durante o desenvolvimento dos trabalhos, desviando a atenção de seus participantes. A concentração é essencial, o que só ocorre quando o ambiente estiver calmo. Daí, a importância do local.

Preces exageradas e em grande número quebram a concentração e tumultuam o relaxamento dos presentes que não sabem se oram – o que os obriga a ter atenção à prece – ou se deixam se levar pelo repouso auto condicionado. É o caso das sessões ectoplásmicas onde os participantes devem estar serenos e abstratos, a fim de facilitar às Entidades a elaboração de suas energias.

A falta de conhecimento doutrinário, por vezes, é que leva o grupo, geralmente liderado por quem não conheça as obras de Kardec, à prática de atitudes incorretas e incompatíveis com a natureza do tipo mediúnico a se desenvolver.

O religiosismo excessivo, fruto de influência cristã e que leva à prática de preces exageradas é prejudicial, não valendo, aí, a expressão latina *quod habundat non nocit*.

Muitos se deixam enredar pelo formalismo, outros pensam que a *força* – como dizem – da reunião esteja em práticas esdrúxulas, influenciadas pelos terreiros; há os que julgam que o religiosismo, a contrição e os princípios pregados por seitas místicas são importantes e correlatos com a prática mediúnica, como se esta fosse algo transcendental, talvez por envolver a manifestação do desencarnado; há os radicais que não admitem nem prece; enfim, de tudo se pode encontrar para romper com a simplicidade do fenômeno.

Nada disso procede: toda e qualquer reunião mediúnica exige apenas uma preparação com antecedência, para evitar agitações e estados nervosos, **pontualidade** acima de tudo, pois, no mundo espiritual isto é de suma importância, observância às recomendações dos guias e uma concentração pura, durante seu transcurso.

Nas desobsessões, tem-se que evitar a presença do obsidiado, a fim de que não desenvolva mediunicamente, ainda mais, o seu processo; muitos pensam ao contrário, julgando que esse desenvolvimento antes da terapia seja útil ao afeto ao processo obsidiatório; engano tredo: enquanto este não se livrar da Entidade perturbadora, quanto mais se desenvolver o mecanismo mediúnico, maiores os vínculos entre ambos.

Nas sessões de doutrinação, a simplicidade para que se ouçam as mensagens psicofônicas é a forma recomendada, sem danças, sem aparatos e principalmente sem *agrados* e material de ingestão para que o médium use em transe porque estaremos alimentando o Espírito manifestante de lastro material e compactuando com ele, com o que seremos co-responsáveis para manutenção do seu atraso espiritual.

Enfim, de resto, basta que deixemos nos levar pela simplicidade e pela lógica da observação.

II

DAS PERTINÊNCIAS RELIGIOSAS

Possuindo uma parte religiosa torna-se claro que o Espiritismo terá seus atos próprios, já que difere das demais doutrinas e seitas porque não aceita seu misticismo, rituais e adorações.

Da prece

Na velha Roma, a prece (*precatio*) ou o ato de “precatar” não se restringia à súplica dirigida para os deuses; era qualquer tipo de rogatório. Só se tornou um ato religioso quando o Cristianismo passou a ser a religião do Estado.

Sem dúvida, uma das principais práticas religiosas é o ato de orar ou fazer preces: Kardec teve uma enorme preocupação com isso e, atualmente, várias são as editoras que imprimem uma separata das preces *sugeridas* pelo mestre lionês. Quem, como tal, quer aboli-las do seu cotidiano está ferindo Kardec e não pontos de vista de alguns dentre seus seguidores.

Ao escrever esse capítulo doutrinário, a impressão que se tem é a de que ele visava à não bitolação de rezas tradicionais, mostrando, com suas próprias palavras, a quem esteja elevando seu pensamento ao Alto, que poderá muito melhor se expressar do que se estivesse recitando um texto adrede elaborado que, por vezes, nem entra no mérito do seu significado.

A prece é um ato de fervor e, como tal, deve exprimir o que se sente, ou o que, realmente, se almeja com ela.

Não se recomenda fazer preces por nonadas nem tão pouco esperar os momentos aflitivos para nos lembrarmos de que devemos ter nosso pensamento voltado para a Criação.

A prece silenciosa é a que melhores efeitos produz, porque expressa nosso íntimo, sem resguardos, embora, em reuniões públicas onde nem todos sejam obrigatoriamente praticantes ou pertencentes ao movimento espírita, é comum e praxe convocar um dos presentes reconhecidamente espírita para fazer esta oração em voz alta; ela deve ser singela e curta: preces longas são cansativas e não produzem nenhum melhor resultado. A sinceridade é seu escopo.

Deolindo Amorim, como já foi dito, na presidência do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, adotava, como abertura, a prece silenciosa e individual, guardando os minutos iniciais para essa prática. É um nome de respeito.

Nas preces orais deve-se evitar o palavrório, a retórica e a demagogia, principalmente o panegírico a Deus e aos guias espirituais, como invocações dirigidas e comandos. Frases como: *tu, que podes tudo! Faze, Senhor!...* E outras desse jaez mostram o total despreparo do rogador, a exigir, principalmente porque não cria nenhum ambiente propício nem atinge a suas finalidades quando se passa do espontâneo ao dramático. Óbvio, não se está excluindo o vocativo – como *ó poder! Ó bondade!* –, senão os comandos para que Deus cumpra determinados pedidos.

De resto, recomenda-se a vivência, que é a melhor escola.

Da liturgia

Sua prática se deve aos gregos (*leitous* – público; *ergon* – ato, função ou obra), quando ordenaram os ritos religiosos e as adorações a seus deuses do Olimpo.

Não tendo rituais, esta prática está inteiramente afastada do movimento espírita; em seu lugar, uma postura simples, racional e compatível com as coisas naturais, serena e conveniente a cada momento.

Nas sessões mediúnicas estar-se confortavelmente instalado para que possa melhor se concentrar. Não se ora de pé, não se roga de joelhos, não se curva em reverência nem se pratica saudações que atentem ao bajulatório.

A prática mediúnica, portanto, estará revestida de serenidade, os médiuns dispostos em seus lugares, preferencialmente constantes; embora seja tradição reuni-los em volta de uma certa mesa, não há necessidade para tal, o que não significa dizer que se deva ter um *terreiro* livre a qualquer eventualidade. A mesa é um móvel que facilita o apoio dos braços, principalmente para os que gostam de escorar a frente com as mãos.

Quanto a cultos, assunto já comentado, os mesmos envolvem uma ritualística própria que o Espiritismo não comporta, portanto, podem, perfeitamente, ser substituídos por pequenas reuniões de estudos doutrinários, até mesmo evangélicos, onde a base seja Kardec. Condenam-se veementemente as práticas bíblicas. Não devemos nos preocupar nem nos impressionar com o que os demais, adeptos de outras correntes, pratiquem nem devemos permitir que estes influam em nosso meio, ditando normas e regras distintas.

No caso do culto a divindades, ele não pode ser transferido para Entidades mentoras, nem sob discreta forma de respeito. Um guia, ou um luminar, dispensa a dorações. Só os *fascinadores* é que tentam influenciar o incauto induzindo-o a tais práticas.

Finalmente, não há cerimônias específicas, como batizados, bênçãos, sagrações, missas de qualquer natureza, danças rituais, batuques invocatórios, além de *despachos* e que mais, comuns em certas práticas mediúnicas.

Dos locais

Como curiosidade, lembremo-nos de que em Roma o *templum* (que nos deu contemplar) inicialmente, era o local destinado aos “agoureiros”, adivinhos que vaticinavam ou simplesmente previam os fatos, onde apreciavam as aves cujos vôos, segundo a lenda, eram proféticos. Pelo menos, até hoje, o campônio prevê a variação atmosférica através desses movimentos aéreos.

Com o decorrer dos tempos, também foi considerado “templo” o local de reuniões do Senado Romano; daí, para se tornar um lugar sacro foi mera decorrência da instituição religiosa.

Kardec não precisou de nenhum “templo” para receber as mensagens mediúnicas que lhe orientaram. O centro espírita, sem dúvida, é o ideal para qualquer tipo de reuniões. Para isso, ele dispõe de um salão de conferência, sala de passes e sala de sessões mediúnicas. E mais especificamente, no caso da ectoplasmia, sala própria, com cabina para o grupo de médiuns, ou sala específica com aparelhagem para pesquisa, caso em que só o grupo restrito a ela participe.

Não se deve realizar processo desobsidiatório em casa porque nela ficarão as radiações perturbadoras que envolvem o afetado pela obsessão, podendo provocar perturbações domésticas. Há, até, casos em que aparelhos elétricos, sem nenhuma causa aparente, entram em pane, animais domésticos ficam agitados, passam mal, vomitam e o ambiente do lar se tornar perturbado com a presença de obsessores, por vezes, revoltados com o tratamento de sua vítima.

Deve-se ter local próprio, de preferência no Centro Espírita, sempre amparado por seus mentores espirituais que, melhor do que qualquer faxineiro, realizam a *limpeza* do ambiente, removendo as aludidas cargas psíquicas.

Iconografia

Do grego, *eikon* – imagem; *graphein* – escrita, descrição. É, sem dúvida, um estudo imemorial, que data da pré-história.

As imagens têm, apenas, representatividade simbólica, porém, isso não significa que se deva abolir os retratos, mera forma de homenagem a pessoas que mereçam; fotografia nem tem a mesma conotação nem configura uma imagem representativa de nada, primeiro, porque não são colocadas em molduras para serem cultuadas, depois, porque não simbolizam um ícone, um totem, um vodu para práticas mediúnicas, adorativas, invocativas e que mais.

O retrato tem a conotação de álbum de família, principalmente em se tratando de pessoas de respeito, fundadores, beneméritos da casa, ou até mesmo mentores espirituais; caso contrário, teríamos que condenar os retratos e as telas que colocamos nas paredes de nossas casas como adorno decorativo com visos estéticos.

O mesmo pode-se dizer de estátuas e estatuetas que apenas configurem a decoração do centro, sob forma artística; estas não apresentam nenhum problema.

O que se condena é a imagem, sob qualquer forma, fotografada, desenhada, esculpida ou simplesmente conformada com fito de adorações, práticas ritualísticas e invocações. Os ícones é que deverão ser evitados.

Síntese dogmática

Outra característica pertinente às religiões em si, são os dogmas, alguns dos quais merecem análise pelo que importam no pensamento cristão.

O *dogma*, palavra grega (decreto), foi instituído a partir da mitologia, como norma de aceitação sobre aquilo que se tinha como procedente dos deuses, porém, não se sabia explicar. No cristianismo, o termo se aplica unicamente aos ensinamentos relativos a Deus.

Contudo, em função da Gênese mosaica, uma série de conceitos completamente absurdos foi absorvida pelo pensamento religioso; destaquemos:

– A criação do mundo em seis dias após os quais o Criador descansou; – como remendo, paleontólogos tentam confundir o trabalho de Deus em dias de 24 horas com as eras geológicas;

– Fluiu aí o geocentrismo, em que o firmamento, o Sol, as estrelas, surgiram *a posteriori*;

– O paraíso de Adão e Eva, Deus a amassar o barro com suas mãos, como artesão – mesmo no sentido figurado –; a fazer uma cirurgia, tirando uma costela do primeiro homem para criar-lhe uma companheira, a qual não deveria comer o *fruto do pecado*, ou seja, procriar;

– O assassinio de Abel, que Deus descriminalizou, assinalando-o para que não fosse punido por ninguém – e quem haveria para fazê-lo, já que Caim teria migrado para outras terras?

– Além disso, numa época em que não se sabia da mortalidade das criaturas – ninguém fora, antes, assassinada; – criaturas habitando outras terras para onde fora Caim, já que Adão e Eva teriam sido os primeiros;

– Também neste contexto, anjos nascidos perfeitos para adoração perpétua do Senhor, e tão perpétua que se revoltaram contra Ele, de cuja revolta instituiu-se o Inferno, cópia assaz piorada do conceito tártaro pagão, enfim...

Analisando tudo isso, vamos ver que, para sobrepor-se ao “pecado original”, surgiria a concepção imaculada de Maria, a fim de que esta, pura e virgem, não se contaminasse com ele; viriam com isto, os dogmas correspondentes: Jesus, nascendo, sem pecado de Maria – virgem (inspirado no hinduísmo) –. A explicação, senão impossível, inverossímil ou contraditória. Então, para quê existiria a humanidade? Deus não teria previsto nada disso? E sua onisciência?

Tudo se agrava quando observamos que também os animais seguiram o mesmo processo não assexuado da perpetuação da espécie. Teriam, também eles, pecado? É uma série de tantos absurdos que,

nem como dogma, pode ser aceita. Andaram comendo maçã, no lugar de escolherem os alimentos próprios a cada espécie? E como teriam surgido?

E a tese dogmática ainda se complica quando, para salvação da humanidade – excluindo os animais –, Jesus estabelece o sacramento do batismo, deixando-se mergulhar, nas águas do rio Jordão, para que João lhe batizasse. Jesus, o unigênito – que, apesar disso, teve irmãos – de Deus que acabaria indo de corpo e alma para os céus, obedecendo à ressurreição e ascensão, seguindo a ele sua mãe Maria.

Acresce dizer que, a cada sacramento batismal o crente se livra individualmente do pecado, contudo, seus descendentes não logram nenhum benefício, já que voltam a nascer desse mesmo pecado. E, se não houver esse bendito pecado, ninguém mais vai nascer, salvo se aceitarem a clonagem. Exceção, só Jesus, o unigênito. E, se é unigênito, não seríamos filhos do mesmo Pai, como declarou. Convenhamos: contradições a toda monta. E ainda, acabaria ele indo de corpo e alma para os Céus, com a ressurreição e a ascensão, seguindo, após, por Maria.

Apesar disso, vemos-lo tentado pelo demônio, ele, que seria Deus em pessoa, nascido na Terra para nos salvar. Ele, Deus, sem condições de eliminar esse demônio.

Como se vê, são aspectos de uma religiosidade dogmática ilógica e insustentável que, além de fugir à razão, nada exemplifica nem traz qualquer mensagem de renovação. Isto, todavia, é Cristianismo.

Por outro lado, pode-se inferir que a Santíssima Trindade não só veio conciliar alguns dogmas entre si, como foi aproveitada para disfarçar a mediunidade no episódio do Pentecostes, sempre que se advoga a presença do aludido Espírito Santo.

Em outros casos, segundo a conveniência, a mediunidade fica por conta do diabo, com quem o Espírito Santo reparte a metade do queijo.

Como se não bastasse tudo isso, surge agora um novo dogma, o da *linha reta* pela qual, se Jesus não seria Deus – claro que não é –, pelo menos, desde as origens, no mais primado dos tempos, jamais teria passado pela experiência de erros e acertos. Nascido simples como todo Espírito – ignorante é que não.

Outro aspecto, o da idolatria – já abordado –, que se readapta ao esquema, na substituição dos deuses pelos santos; o lema de que *fora da Igreja não há salvação* e de que temer a Deus é um princípio de sabedoria, em que se troca o respeito pelo medo, em face de um Pai que castiga, à imagem do que ocorre com alguns, humanos. Ainda aí, leis do Cristianismo.

Enfim, a importância das mentes submetidas ao predomínio teológico chega a ponto de rezar: – *Se estiver na Bíblia, veio de Deus!* – E não se discute mais; a ciência, a boa lógica e a comprovação dos fatos que se danem...

Desvestir a mensagem da Boa Nova dos forçados adereços arquetípicos das tradições pagãs e judaicas – eis a função do Espiritismo. O grande problema, porém, é que se choca com os princípios cristãos.

Ao ter de reconhecer, finalmente, a pluralidade dos mundos habitados, os teólogos se perguntam se por lá houve pecado, se Deus, por estes andou nascendo, e coisas que tais. Afinal, toda a gênese bíblica se resume à idéia de que a Terra era o único planeta habitado e o centro da criação divina, coerente com Ptolomeu e seu geocentrismo, motivo pelo qual Galileo Galilei, com sua luneta indiscreta, teria que ser desmentido, desautorado, enfim, cremado. Por pouco.

Os tempos mostraram o erro. E assim como foi reabilitada a figura extraordinária desse grande físico, urge que se restabeleça a de José, a paternidade legítima do seu Augusto filho.

III

DAS SUPERSTIÇÕES E DOS MILAGRES

Superstição, do latim: *superstitio, onis*, é definida pelo dicionário como sendo o desvario do sentimento religioso pelo qual se é levado a criar obrigações falsas, crer em coisas vãs e admitir o improvável, ou colocar nossa confiança em coisas ineficazes. Pela própria definição, vê -se que é incompatível com uma doutrina de estudos que sejam baseados na razão.

Afirma, ainda, a Enciclopédia que a superstição serviu durante longo tempo ao paganismo propriamente dito. Justinus, historiador romano do século II, definiu -a como sendo a veneração, o acatamento, o respeito às coisas sagradas e religiosas.

Juntando opiniões diversas, pode-se resumi-las no que contém o Webster's New International Dictionary, às págs. 2533, assim traduzindo: – *Uma atitude irracional abjeta da mente voltada para o sobrenatural ou para Deus, procedente da ignorância desarrazoadamente tímida, até medrosa, da falta de conhecimento ou ante o mistério; mórbida escrupulosidade; uma crença numa oportunidade mágica inesperada. Mau dimensionamento ou desalumiado processo religioso na interpretação da natureza.* (2ª ed. americana)

A superstição também se refere à concepção do que foi acima definido, ou suas conseqüências práticas, como são observadas; é tida como subversão da verdade ou pura situação religiosa antagônica à razão. E os dogmas, igualmente não se opõem a ela? Para muitos, aquela contrapõe -se aos conhecimentos científicos.

O fato, porém é que ela existe e preocupa à psicologia.

São Tomás a tem como um vício excessivo de religiosidade, Milton considerou -a uma idéia irracional fixa; há pensadores que a considerem como uma nódoa na tradição, ou seja, a partir dos acontecimentos, a sua má interpretação, ou, então, a coincidências. E ante tanta preocupação, justifica -se plenamente incluí-la em nossos estudos.

Embora aparentemente secundário, já que para os racionalistas não se deva levá -la a sério, o assunto é estudado a fundo pelos psicólogos cuja maioria a tem como sendo imaginação doentia da mente. No fim de tudo, porém, é rara a criatura que não possua vestígios supersticiosos do que lhe po ssa acontecer. E, sem dúvida, é um capítulo ligado à religiosidade das crianças, ante opinião geral.

Há superstições famosas, como a de São Longuinho: chamando por ele e prometendo -lhe três pulinhos, ele fará aparecer a coisa perdida; contam que o santo mo rrera afogado à procura de algo perdido e continua em seu martírio; ao ser chamado, consegue retirar a cabeça da água para respirar... e os três pulinhos são os impulsos dados a ele. Só não se explica como é que, no meio do afogamento, o santo consegue localizar o objeto sumido para a pessoa candidata a ajudá -lo.

Em questão de azar, há inúmeras, como o passar por baixo de escadas abertas – neste caso ainda justifica-se pois pode cair na nossa cabeça alguma coisa da mão de quem esteja sobre ela – cruzar com gato preto pelo caminho, dar o primeiro passo para adentrar -se por uma porta com o pé esquerdo, deixar cair seu patuá involuntariamente e quantas mais o folclore tem criado.

O que a Psicologia admite é que o espírito do homem se deixe influenciar por tudo aquilo que se esconda sob o véu do mistério, na mística imaginação, geralmente partindo de fatos já ocorridos e correlatos com o que possa sugerir. E aí gera o acontecimento.

Na verdade, há um campo vibratório mental que é posto em jogo envolvendo esta ima ginação – a aludida força do pensamento – concretizando, por vezes, os *fantasmas* da mente, fazendo com que se tornem realidade; coincidência vai... também vai um pouco do poder que a nossa vontade possui, induzindo energias psíquicas, reforçado, principalm ente, pela fé no fato.

Credíncias, inegavelmente, são idéias imaginosas, mas que, no ímo, possuem alguma relação com os fatos; há as que são fruto exclusivo de lendas, outras vezes, casos deturpados, mutilados que se modificam e, por vezes até, ocorrências mediúnicas, do que se aproveitam, na maioria deles, Espíritos brincalhões.

As superstições entram em choque com a lei de causa e efeito porque, por aquelas, se não se fizer determinada coisa, não se evitam outras, ou não se permite que o esperado (ou desejado) aconteça, sem nenhuma causa efetiva para que ocorra. É a incoerência que existe.

Exemplifiquemos com o acaso de pessoas que, antes de sair de casa, têm que executar um determinado ritual de passos, senão, o que pretendam fazer não acontecerá. É um absurdo ligar uma coisa com a outra, como se a ocorrência dependesse desse ato ritualístico. É sempre ritual.

Vá, porém, convencer este cidadão que, provavelmente, já teve algum caso *confirmativo*, de que seus passos não têm nada com o que vá ocorrer! É o mesmo que convencer uma pulga a não pular. Muitos casos estão ligados a terríveis coincidências e, para persuadir o supersticioso de que a correlação não passa de mero acaso seria preciso que todos os demais casos desmentissem a crença e, assim mesmo, ainda pairariam dúvidas. O aspecto psíquico é muito forte.

Certas rezas e benzeduras são atribuídas a superstições. Contudo, aqui, embora se negue o valor das mesmas, é de se admitir que, em tais casos, além do poder psíquico da mente do supersticioso, o ato está emanado de energias, as mesmas que Franz Mesmer estudou e chamou de *magnetismo animal*, que, sem dúvida são atuantes. Porém, dentro do equilíbrio do nosso sistema, nada poderá ocorrer sem obedecer aos desígnios da Criação, ou que contrarie o destino de cada um, ou, enfim, que não seja consequência de atitudes passadas.

As superstições estão, ainda, intimamente ligadas ao que se denominou de:

Milagres: - Feito sobrenatural contrário às leis da natureza, como define a enciclopédia. O termo provém do latim: *miraculum, i* (da segunda declinação) – a maravilha, o milagre, a coisa maravilhosa, que causa admiração; efeito cuja causa foge à razão do homem; já a Ciência antiga registrava os *milagres da natureza*.

É ainda dicionarístico usar o termo para definir pessoa ou objeto maravilhoso, no seu gênero. Religião: – qualquer manifestação da presença ativa de Deus na História humana; sinal dessa presença, caracterizado, sobretudo, por uma alteração repentina e insólita dos determinismos naturais (ABH - eletrônico).

Jean Racine na França, Geoffrey Chaucer na Inglaterra têm trabalhos onde o milagre é o tema central, só que não chegam a abordar o aspecto religioso do mesmo; Tito Lívio refere-se a coisas que causam admiração, sem atribuir-lhe poderes ocultos. Alguns dicionários enciclopédicos citam os milagres de Jesus como exemplo, ou, pelo menos, atribuindo -se ao Mestre uma série deles, com destaque para a obra de Claude Augé.

Os milagres diferem dos mistérios por sua natureza e dimensão; para a Igreja, emanam das vidas dos santos – os canonizados – ou dos cânticos em seu louvor; não aceitam a possibilidade de que outros possam realizá-los, como se o ato de santificação – numa atitude de parcialidade – fosse o motivo ou causa para que se dotasse o santo desta capacidade. Mais uma vez, a religião evocando a si quais privilégios.

A História registra passagens, as mais diversas, que são consideradas miraculosas, por inexplicáveis. Para o Espiritismo, a natureza não se altera em suas leis porque ela é a Perfeição que transcende a qualquer conceito de sabedoria e, como tal, não pode ser modificada por meras vontades, o que leva à conclusão de que, aquilo que aconteça fora dos conhecimentos humanos e de seu alcance seja *vontade de Deus*. Do mesmo modo, Ele é perfeito, para que possa criar um Universo dentro da perfeição; não seria Ele próprio que alteraria esse *status quo*, sob pena de contrariar a própria lei da perfeição.

As superstições existem, não há o que negar; portanto, admite -se que seja criada pela imaginação humana em decorrência de certos acontecimentos coincidentes. O milagre não existe, pelo menos, com esse conceito religioso; é, simplesmente, um acontecimento cuja causa foge ao nosso conhecimento. É mais uma forma da Religião se auto patrocinar. (*)

As curas espirituais são um exemplo de fatos *milagrosos*: sabe-se que Entidades desencarnadas podem atuar sobre nós realizando aquilo que nossa Medicina humana não seja capaz de fazer, pelo menos, no momento, enquanto não se descobrem tais curas. Daí a considerar -se *milagre* só porque escapa à nossa razão, vai uma larga distância.

O que não se pode admitir é que “*milagres*” sejam privilégios concedidos àqueles que comunguem com determinados princípios religiosos e recebam a graça de seus Superiores. Quando muito, dir -se-á que são acontecimentos que o homem, com sua capacidade e sua técnica atual, ainda não esteja apto a executar, motivo pelo qual não possa explicar como aconteça.

É inato na criatura o “poder” de realizar esses fatos que, nem sempre se enquadram na gama de fenômenos paranormais; nem, tão pouco, se pode atribuir exclusivamente aos desencarnados os meios de realizá-los. A generalidade ocorre.

Neste ponto, o Espiritismo reserva-se para analisar cada caso separadamente dentro da lógica e da razão, a fim de explicar, ou, se não for possível, de considerar que ainda não estamos aptos para saber o que ocorreu.

E mais: *culpar* Deus de os fazer, em benefício de uns e detrimento de outros, é que não tem o menor cabimento.

A análise acima de tudo; e tudo sem fanatismos.

(*) Kardec, em “A Gênese”, estuda fatos da vida de Jesus sem neles identificar o milagre.

IV

DAS PRÁTICAS EVANGÉLICAS

O Espiritismo é universalista, afirmou Kardec, portanto, o espírita verdadeiro é aquele que segue tal idéia. Aceita, seja de que origem proceda, todo e qualquer preceito que leve o homem à perfeição, inda que relativa.

Contudo, Kardec dedicou um volume inteiro para estudo da *Boa Nova* e que é o terceiro livro da série (O Evangelho Segundo o Espiritismo). Muitos, erroneamente pensam que é este tomo que encerra a parte religiosa da Doutrina. Tredo engano, porque os Evangelhos cuidam, apenas, da parte moral religiosa, assim mesmo, relativa ao Cristianismo, o que não significa dizer que a mesma só sirva para os cristãos.

Uma simples leitura comprova isso: a parte ligada a concepções relativas a Deus é a do Velho Testamento e está completamente contrária à nossa posição, por absurda. Essa parte religiosa do Espiritismo está logo no capítulo I do Livro dos Espíritos. Como se vê, portanto, havia uma grande preocupação de Kardec com os conceitos religiosos, tanto assim que começou toda sua codificação por essa parte. E, tirando os belos ensinamentos de Jesus, quando fala de Deus, Criador, nada mais tem nos Evangelhos que possa colaborar para que se estabeleça uma doutrina teológica.

Ao aceitarmos Jesus com seus ensinamentos, não é bem esse um motivo para que os princípios e preceitos das Igrejas ditas cristãs sejam por nós praticados. Infelizmente, parece que a predominância no meio doutrinário seja de *espíritas-católicos*, por isso, quando se diz essa verdade, ela provoca arrepios entre estes, que se escandalizam ante tanta *blasfêmia*, classificando de *heresia* tal atitude. Esquecem-se, porém, que o próprio Kardec foi o primeiro a contestar diversos textos, até mesmo evangélicos e a posição da Igreja perante eles.

Vejamos, no capítulo XIV, do terceiro livro da codificação, o que diz ele: – “*Não é possível destruir de um lado o que está estabelecido do outro e daí, ser-se obrigado a chegar a uma consequência rigorosa, ou seja, se certas máximas são antagônicas com os princípios, é que as palavras que se atribuem a Jesus foram mal empregadas, ou mal compreendidas, ou mesmo, não são suas*”. – O texto é de Kardec.

E há gente interpretando tudo ao pé da letra, sem exegética, olvidando o fato de que muita coisa atribuída a Jesus nos Evangelhos e em outros preceitos eclesiásticos não sejam dele ou não tenham sido ditos por ele. Está provado que as interpolações são muitas, algumas confirmadíssimas, como a passagem da Mulher Adúltera, uma das mais belas, mas que estava contida em um dos livros considerados apócrifos.

Dessa maneira, em consonância com Kardec, no meio espírita não cabem as tradicionais aulinhas de *evangelização*, muito menos as de *moral cristã* ministradas para suas crianças e para as Mocidades nos moldes canônicos, deixando de lado o que ensina Kardec, aulinhas essas idealizadas com o único fito de ensinar os Evangelhos de Roustaing, uma terrível aberração doutrinária.

Além disso, a verdadeira moral é uma só. Jesus a repetiu e a pregou; com sua força de Espírito elevado, tentou passar para os homens os ensinamentos que estes, ainda hoje, mesmo seguindo suas Igrejas, ainda relutam em aceitar.

Por isso, a importância do Espiritismo, um alerta aos preceitos legados pelo Mestre. Precisamos nos *espiritualizar* e não nos preocuparmos em evangelizar os outros que, como nos disse certa Entidade, nós conjugamos o verbo errado; o certo é *evangelizar-se*. É ter Jesus no seu coração e não impingi-lo para os demais.

Um outro ponto crucial, são as ditas práticas evangélicas, que foram impostas pela Igreja e que muito espírita, julgando-se altamente evangelizado, tenta impor no meio em que milita; parece difícil

desvincular-se de uma influência que martelou séculos sobre nossa sociedade com teses erradas e convenientes aos seus desígnios religiosos. Aí é que reside o fato de quererem alguns banir do Espiritismo essa parte. Temos que concordar com eles nisso, porém, não nos esquecendo de que há o outro lado doutrinário.

Ou vamos negar nosso terceiro livro da codificação? Claro que não.

As aulinhas de *moral cristã* no meio espírita são verdadeiras aberrações porque estão calcadas na tradição católica, deixando de lado os principais fundamentos do Espiritismo que é o vínculo reencarnatório e a mensagem que os guias possam nos trazer.

Vejam alguns contrastes entre a moral cristã e as práticas espíritas:

– A mensagem mediúnica é condenada; pois, quem ali se apresenta, é o diabo e o homem não pode falar com ele porque é envolvente e desencaminha a alma para levá-la consigo.

– Quando morremos vamos para o destino que a Igreja determina, em função do nosso comportamento perante ela e os que escapam das fogueiras eternas, aguardam o julgamento final.

Reencarnação também é arte do demônio.

– ***Quem salva é Jesus, para uns, pelo sangue que derramou – nem tanto sangue –, para outros pela fé que se tenha nele, através da Igreja. Não há necessidade de bons atos.***

– ***Para se ter o Cristo há que se comungar e receber a hóstia, com toda eucaristia.***

– Tem que receber a extrema unção a fim de que seja encaminhado aos céus.

Tudo isso está nos evangelhos, ou, pelo menos, foi convenientemente posto lá; portanto, foram sábias as recomendações de Kardec para que façamos uma análise racional a fim de separarmos o que, de fato, foram os ensinamentos de Jesus e o que foi atribuído a ele por conveniência religiosa.

Por outro lado, são práticas evangélicas inteiramente condenadas pelo espiritismo: a autoflagelação, o jejum e qualquer outro tipo de abstinência de vida, em nome da castidade, o retiro, a circunspeção, o temor a Deus, enfim, toda uma série de recomendações que não tem a mínima conotação moral, inclusive a de que o sexo seja pecado, para que o crente tenha que prestar penitência ante o sacerdote.

Nas abstinências, claro está, elas se referem a comportamentos normais, orgânicos, que não alterem a saúde nem o vigor físico, muito menos deturpem os costumes. Orgias, vícios, abusos indiscriminados, prevaricações e outros atos que atentem contra a integridade física de cada um, óbvio, todos eles são condenados, não pelos princípios religiosos, mas, pela própria vida.

Além disso, Cristo, Cristianismo e Evangelho são três conceitos distintos, embora indiretamente ligados a Jesus:

O conceito crístico advém das primeiras gerações e chegou até nós através de Jesus; o Espiritismo admite que haja uma corte de Espíritos superiores encarregada de nos orientar, prestar auxílio e tentar o equilíbrio do nosso mundo para que nele possamos nos encarnar. São eles missionários que nos acompanharam quando para aqui viemos em busca do processo evolutivo, provavelmente banidos de outro mundo superior por não lhe termos acompanhado o progresso.

Esses Espíritos não se obrigam a encarnar-se e, quando o fazem, vêm como missionários ensinando as *coisas divinas* para alertar-nos sobre o conceito real de vida. Essa falange suprema, desde o primeiro momento da formação do mundo, seria comandada por um guia geral que pode ter o nome de Kris, Krishna, Cristo, como foi explicado na primeira parte.

O Cristianismo seria a Doutrina, a partir dos ensinamentos de Jesus que, por ter sido, provavelmente, essênio – como supõem alguns –, aprendeu com estes a filosofia oriental e a pregou, adaptando-a ao Judaísmo, para corrigi-lo em suas lacunas. Como Jesus deveria se referir ao *Espírito Supremo* definindo-o como Cristo, àquela época, no lugar do nosso sobrenome, usava-se um referencial predicativo (de lugar do nascimento, de atributos, de profissão...), adotaram esse complemento para se referir a ele. Se, de

fato, isto ocorreu. O que é completamente inviável ser Cristo oriundo do grego *krestos* – ungido, que jamais daria *Christus*, *i* na 2ª declinação em latim.

Segundo a filosofia oriental aplicada ao caso, um não pode ser o outro por que, quando encarnado, se Jesus fosse Cristo, teria abandonado o resto das civilizações do planeta, o que é inconcebível. E o nosso Guia planetário cingido a um corpo, passando pelas vicissitudes de uma existência de incompreensões, sofrendo dores, como *mortal* que era, para dar exemplos que o homem até hoje não compreendeu. Para esses pensadores, Kris, o guia, de tempos em tempos, manda seu emissário para trazer sua palavra ao mundo.

Considerar Jesus não humano, com corpo fictício, a emenda é pior que o son eto.

Posteriormente, quando foi criado o Poder Eclesiástico junto com o domínio romano instituído por Inocêncio I, papa e imperador simultaneamente (402 -417), o Cristianismo passou a ser o Estado e, como tal, imposto a todos os súditos do império e tinha que ser adaptado para que gerisse a coroa romana com ambigüidade religiosa e Poder. Gregório de Papi deu -lhe continuidade com o título de Inocêncio II e aí aconteceu a mudança definitiva da Igreja para o poder público, deixando de ser uma religião do povo, para ser o próprio Estado.

Até agora, são conhecidas noventa e oito obras que relataram a vida de Jesus e sua pregação a respeito do Cristo. Muitas contraditórias, consideradas apócrifas. Evidentemente, o poder eclesiástico, sendo Estado, tinha todo o interesse de que o missionário fosse o próprio Guia, a fim de que o imperador romano se tornasse simultaneamente o Papa de Deus e o governante do reino. Foram reformulados os Evangelhos, escolhido os quatro mais coerentes entre si, que contassem as mesmas histórias, aparando-se deles as arestas inconvenientes ou mudando -lhe o texto para aquilo que conviesse. Com mudanças, até, de textos.

Sacramentando a escolha, a obra foi santificada e considerada a palavra do Criador. Assim nasceram os atuais evangelhos, cheios de adulterações, interpolações e cortes. Muita coisa que ficou de fora poderia ser aproveitada; as demais alterações vieram posteriormente, pelos concílios, a fim de que o texto final representasse ideologicamente a posição da Igreja, em vez de adaptá -la ao verdadeiro ensinamento cristão. Como Jesus nada escreveu, suas palavras acabaram sendo traduzidas para o papel por quem as ouviu, colocando nelas os seus sentimentos e não os do Mestre. Jesus é um Espírito sublime e nem sempre os textos o retratam dessa forma.

O seguidor de Kardec tem que estar imbuído da verdade para se libertar dos liames inquisitoriais que durante tanto tempo dominaram nossas sociedades, doutrinando -as de forma cabal, a ponto de criar -lhe o ranço de um evangelismo irreal.

Contudo, ser espírita é para quem tenciona seguir Kardec, o que não impede o estudo dos que queiram continuar defendendo seus pontos de vista; o que não tem cabimento é impô -los como doutrinários no afã de adaptar nossos postulados a tendências contemplativas.

Temos nosso Evangelho, temos os ensinamentos de Jesus através da pureza transmitida por Espíritos de Luz, temos nossa parte religiosa e nossa moral cristã; não precisamos mesclar nossa doutrina com os preceitos de outras seitas que se dizem *as donas* da verdade. Não precisamos nos curvar a elas, não temos de aceitar o regime teologal nem permitir que implantem o misticismo, a deificação e o fanatismo em nosso meio. Muito menos o docetismo. Temos que ser espíritas.

Cada qual siga seu caminho sem imposições; é justo que o bíblico procure uma seita ligada às tradições de infalibilidade; que se pratique qualquer ritual sem envolver o nome do Espiritismo nem que se misture a prática mediúnica com os nossos ensinamentos se estas não forem coerentes com eles. A liberdade é plena. O que não se pode mudar é a linha codificada por A. Kardec.

Em vez de ficarmos interpretando a Bíblia, querendo nela encontrar as provas do mediunismo e da reencarnação, partamos para a verdade ao lado das pesquisas científicas.

Mais do que nunca, o estudo fenomênico tornou-se uma necessidade. O evangelismo exagerado que muitos tentam impor, a volta das infalibilidades, a palavra que salva e o culto de qualquer natureza foram todos combatidos por Kardec e apenas por ele já é o suficiente.

Está na hora de separar o Espiritismo das demais seitas ditas cristãs.

V

DOS VÍCIOS, DAS VIRTUDES E DOS ATOS CONDENATÓRIOS

De um modo geral, as religiões pregam um absolutismo de idéias onde o *seu Deus* seria o único *Todo Poderoso* e protetor de seus adeptos, cheio de vontades e decisões que precisariam ser acatadas por seus fiéis sob pena de condenação, dentro de cada linha filosófica, a provas terríveis, até mesmo a penas eternas, como no caso do Cristianismo.

Então, pode-se encontrar dois aspectos: os pecados contra as Leis de Deus e os seus atos condenatórios. Disso advêm as penitências, os sacrifícios, as adorações e que mais.

Não há dúvida de que, se por um lado, os rigores punitivos sejam inadmissíveis, por outro, entenda-se que, na maioria das recomendações religiosas o objetivo é um só: que seus adeptos não invectivem contra os preceitos de moral, causando faltas e cometendo erros que lhes prejudiquem a formação espiritual. É, pois, preocupação da parte religiosa a conduta de seus fiéis evitando tais erros de que será motivo de análise.

Vícios – Vem do latim: *vitium, ii* – defeito, imperfeição que uma pessoa consigo, deformidade; também, um objeto impróprio à sua destinação.

São, ainda, vícios, além das práticas e comportamentos anormais, as impropriedades gerais, como vício de linguagem no uso vernáculo, vícios que atentem contra a natureza, vícios de construção, de redibitório, enfim, qualquer tipo de defeito, em qualquer circunstância.

Viciar, também, é corromper.

Só entrou na linguagem com o sentido de uso de maus costumes muito mais tarde, provavelmente, pela falta de termo mais preciso.

Atualmente, é viciante o que condiciona a psiquê humana ao seu uso e, como tal, o abuso das bebidas alcoólicas, o uso de drogas que contêm alcalóide (fumo, maconha, cocaína), o jogo e certas atitudes deturpativas das quais seu praticante não se livra, ou seja, práticas perniciosas difíceis de se liberar, quando com elas se habitua.

A condenação religiosa advém do conceito de Cícero – *oposto à virtude* –, surgindo, dessa maneira, sua condenação religiosa, aspecto onde se inclui o mau agouro, a culpa, *vitio alicui vertere* – imputar culpa; ameaçar de ruína, no caso das construções, dar má interpretação às coisas.

O lado religioso, segundo Plautus – e, naquele tempo, referia-se ao que hoje se considera paganismo – observava o vício como faltas; *offere virgini* – violar uma donzela; *vini vitio id fecit* – foi o vinho que fez; enfim, uma série de conotações que não se referia ao uso pertinente e abusivo das coisas. Contudo, sempre se referindo a atos condenáveis em sua prática.

Quanto a Deus se preocupar com isso, é que parece um absurdo; justifica-se, porém, essa idéia, bastando lembrar que, para as demais religiões, Deus é esse que castiga, reage como se fora humano, cometendo os mesmos procedimentos e, sem dúvida, tendo a humanidade como centro das suas atenções. Só não se explica porque teria feito um Universo tão imenso para tão pouco.

O vício se opõe à virtude; condena-se porque é pernicioso e esse já é, por si, um sério motivo, visando às conseqüências que venham a causar, independente de religiosidade.

É portanto, condenado por qualquer preceito de vida sadia.

Virtude – do latim: *virtus, utis*, – o valor, a fortaleza, a valentia, segundo Cícero que ainda defendia a ferocidade, a braveza do soldado romano, a preminência e a perfeição da criatura, tanto no que tange ao corpo como no ânimo. Contudo, Cícero prefere definir como sendo a propriedade específica de qualquer coisa e Plautus refere-se ao socorro ou auxílio.

Sulpitius Severus é que entra com o conceito de “milagre”, misturando um pouco, ou bastante, as idéias, contudo, vamos ainda encontrar Cícero referindo -se à virtude ligada à divindade, ou referindo -se a predicados que estas dotam os homens; Plautus, nesse campo, aborda-a como uma ajuda dos deuses e tudo indica que o conceito ligado à bravura de soldados tenha sido destaque e influência de César, imperador romano.

O que se pode advir daí é que, na velha Roma já a virtude estava ligada diretamente com os conceitos religiosos, considerando que sua prática afasta o homem do vício.

Juntando-se uma coisa com a outra, colocando Deus de permeio, as religiões puderam estabelecer o preceito de que a virtude é uma vontade de Deus e o vício um ato por Ele reprovado e, passando a ser desígnio do Criador, vincula-se à Religião. O Cristianismo adotou a mesma linha.

No Espiritismo, sua parte religiosa não interfere nesse assunto, embora lembre que uns são prejudiciais e outros recomendáveis, refletindo -se nas vidas futuras, pelo processo de reencarnação. Eis que os vícios, pelo uso contínuo, deturpam os campos perispirituais que vão imprimir o novo e futuro corpo, levando essa impregnação para modular este novo organismo.

Ora, o uso de drogas influi organicamente em nossas vísceras, no coração, no pulmão, enfim, em peças importantes que, afetadas, dão ao novo corpo os problemas inerentes à modulação sofrida em decorrência do que fora usado; são os casos de bronquites, cardiopatias, desconfortos orgânicos, enfim, doenças ditas congênitas, mas que, na verdade, foram trazidas pelo nosso perispírito. O jogo e outras formas que mutilam nosso comportamento psíquico vão nos dar males psiquiátricos. Tudo isso, porém, está vinculado ao conhecimento científico e não envolve *vontade de Deus*, como acham as demais religiões.

A única ligação existente é a de que, dentro das leis estabelecidas para o equilíbrio universal, leis estas estabelecidas pela Criação, fazem parte da evolução o aperfeiçoamento espiritual e o corpóreo dos seres, o que vincula o problema com a perfeição de Deus.

O aborto

É outro tema semelhante: a religião entra para combatê-lo dando ênfase à Criação e, de fato, o processo da perpetuação das espécies está diretamente ligado à evolução dos mundos.

Na velha Roma, o *abortus, us* já era tido como crime, embora sem maiores ênfases.

O aborto, especificamente, é um assunto que merece destaque porque se trata de um crime nefando onde a mãe assassina seu próprio filho dentro de seu ventre, sem, sequer, lhe dar o direito de defesa ou meio de escapar do assassinato.

Na lei do morticínio é a prática mais hedionda que existe.

Sua condenação é radical: a mãe gera em si própria um campo terrível e que começa a importuná-la na encarnação presente, tendo conseqüências drásticas futuras. Não é em vão que toda doutrina religiosa o condena, por suas implicações espirituais. Se lembrarmos que essa condição, antes do Espiritismo, só era tratada pelo seu lado religioso, está claro que à Religião é que cabia combatê-lo.

A mulher que não quer ter filhos deve evitá-los de modo técnico, sem uso de recursos abortivos, como o *DIU*, e, considerando que a prática do sexo seja uma necessidade orgânica de reequilíbrio de energias, esta deverá ter, apenas, os cuidados necessários, usando de todos os recursos disponíveis, sob assistência médica, para que *não seja fecundada*. E mais nada.

Nunca é demais, ainda, lembrar que este aludido reequilíbrio de energias através da prática sexual só ocorre quando o ato é praticado com pessoas afins, harmônicas e capazes de permitirem as trocas energéticas e não pelo simples encontro ao acaso, dedicado ao puro prazer, de forma aventureira.

O direito da mulher vai até onde ela não cometa crime. Por ele, responderá de forma irretorquível, porque a perfeição universal é a única que não admite exceções: age serena e fria, respeitando rigorosamente as leis de causa e efeito.

O divórcio

Recomenda Kardec que seja preferível separar um casal que não se entenda conjugalmente e que viva em constantes atritos, do que mantê-los juntos a custo de desajustes, porque isso representa um aumento de débitos angariado por ambos. Os desentendimentos não podem sobexistir e, se for um processo cármico, é preferível adiá-lo para outro instante em que ambos estejam preparados para cumpri-lo, evitando o aumento de débitos. Por isso Kardec pregou o divórcio como condição puramente social e essencial para dissolver casamentos errados, imprevistos e que deveriam ter sido evitados.

É, também, um ponto abordado pelo aspecto religioso porque se tinha a idéia de que a vida conjugal era um destino programado por Deus. Evidentemente, esquecendo -se de que há um livre arbítrio do qual cada um se provê para dispor da sua vida.

Da velha Roma, *divortium*, *ii*, representava tão somente a separação, seja do que for, até mesmo de casais. Cícero referia-se ao *divortia aquarum*, separação de rios e Virgílio fala de desvio do caminho. Suetonio fala de uma seita ou doutrina filosófica cujos membros se apartavam da sociedade.

E assim, deu-se a nome de divórcio à separação conjugal dos nossos tempos, com leis estabelecidas em cada país.

TVP

A terapia de vidas passadas, muito em voga, tem um aspecto perigoso: se apreciarmos a natureza, vamos ver que ela nos dota de um inconsciente que retém a memória das ocorrências pretéritas, não permitindo que ela aflore a cada instante ou, mesmo, só quando convocada, senão por processos de condicionamento ou hipnose. Isso demonstra que não é para ser aplicada de forma terapêutica, senão, nossa natureza já teria tomado essa providência.

A memória remota do inconsciente não reencarna em nosso corpo; fica retida na lembrança puramente espiritual, aguardando o trespasse para anexar a ela as lembranças atuais e ampliar seus arquivos.

Muitos são os casos em que o paciente sujeito a esse processo de tratamento, tem tido conseqüências dramáticas e, também, como se trata de envolvimento anímico, até então, possuía apenas uma conotação religiosa. O Espiritismo trata do assunto pelo seu lado científico experimental e pelas deduções filosóficas a que se possa chegar.

Em alguns casos, tem servido, até, para identificar encarnações passadas, não como um fenômeno probante indiscutível, mas, como uma experiência altamente sugestiva. Através de algumas dessas experiências pôde-se constatar que o percipiente, ao mergulhar sua lembrança no período intra-uterino, vê, sente e vive seus momentos, registrando a influência de tudo o que o cerca, e que, por si só, é suficiente para entender que aquele espírito já se encontra vivo no feto, sofrendo as conseqüências do que a mãe pratique.

Tais experiências têm mostrado, ainda, o motivo pelo qual filhos adquirem uma revolta contra seus pais, como no caso da aversão, porque, durante o período gestatório, seu próprio pai tenha feito de tudo para que sua mãe o abortasse, e outras coisas semelhantes. Mostra, ainda, o motivo pelo qual o aborto é um crime terrível e identifica – de forma indireta – muitas causas de sofrimentos atávicos.

Há espíritos que, rejeitados, acabam se tornando verdadeiros obsessores de seus pais, tal a revolta que sentem pela sua execução letal dentro do ventre. A literatura a esse respeito é vasta, contudo, não podia deixar de ser registrada aqui.

O suicídio

Consta, doutrinariamente, que a grande maioria dos suicidas é contumaz, isto é, são espíritos que, geralmente, não desejam a vida encarnada, negam-se a ela, sujeitam-se pela lei da compulsória e, quando se sentem presos a um corpo, tentam se livrar dele cometendo o ato de forma inveterada.

O termo é latino, vem de: *sui* – si mesmo, + *caedere* – ferir, matar; como todos sabem, portanto, “matar-se”. Como, para alguns códigos de lei, as pessoas têm o direito sobre sua existência, foi preciso que a Religião interviesse no assunto para esclarecer que o suicídio implicaria no destino da alma após a morte e que este não seria nada agradável, sob alegação de que o que tenha cometido tal ato, com ele, repudiaria a vida que Deus lhe deu e, pelo conceito da religião, só Deus pode dispor da vida.

Eis porque o suicídio tornou-se um tema religioso.

Nós, espíritas, analisamos o fato pela sua conseqüência: todo suicida, quando pode se manifestar mediunicamente, fala dos horrores que sofreu durante todo o período que ainda teria que viver encarnado, mostrando que, de fato, tal ato tresloucado leva seu praticante a se tornar vítima dele, padecendo por isso.

Não é *vontade de Deus*; é o resultado natural da prática em si, pois, ao cometer este ato, interrompendo sua própria vida, terá cortado uma série de outras ocorrências que adviriam por suas atitudes, acarretando assim, o desequilíbrio natural pela sua ausência. É fácil de se entender isso. Infelizmente, o suicida só toma conhecimento desse resultado depois que comete o ato.

O curioso, porém, é que, com sua índole contrária ao processo encarnatório, ao nascer de novo, esquece-se do que já padeceu pelo seu ato anterior e apela novamente para a fuga.

Já o que comete o *desatino*, na expressão vulgar, levado pelo desespero de uma vida inconseqüente, pensando que, com a morte, faz cessar tudo o que esteja sofrendo, claro é que seja obrigado a continuar enfrentando as reações naturais do que tenha cometido e isso faz com que continue, após o desencarne, a sofrer o mesmo desespero que possuía, causado pela sua situação. É, pois, preferível continuar vivendo e tentar o conserto daquilo que tenha praticado e que o tenha levado ao desespero.

Na pior das hipóteses, ainda é melhor conservar a vida, sem acarretar os danos do suicídio, claro um crime contra sua própria existência.

Os assuntos são muito vastos; vários outros temas caberiam no presente capítulo. Ficam a critério de cada um as respectivas análises, que não é nossa a intenção escrever um tratado.

VI

DOS PECADOS CAPITAIS

O conceito atual de *pecado* nasceu com a Teologia; sua formação filológica deriva do latim: *peccatum, are*, o que expressava o ato de cometer faltas contra o deus na Terra, seu imperador (romano), ou contrariar os desígnios dos poderes supremos dos deuses no céu.

Evidentemente, o homem-deus (atualmente assimilado como a figura do Papa), imperador absoluto, embora dispusesse da admiração do seu povo – por vezes, idolatria, também ódio – e ditasse normas religiosas tal como o fazia com leis de governo, sentia-se incapaz de punir os que houvessem transgredido preceitos que se restringissem a conceitos íntimos, como os religiosos. Então, era preciso estipular um castigo ou pena, a fim de que o transgressor não ficasse impune, castigo esse que se revestisse do mesmo cunho religioso. Menos embaraçoso, portanto, *legar* tais *poderes punitivos* ao deus do céu.

E assim, posteriormente, a Teologia regulamentou o assunto; dessa forma, o pecado passou a ser um ato contraditório à vontade de Deus, vontade essa traduzida nos cânones e relativos àqueles que ferissem suas estipulações morais, leis e dogmas impostos, principalmente os correlatos com a *Revelação* do Criador. Não convinha descobrirem as farsas.

E quando a Igreja se fixou definitivamente como Estado, então, estendeu o pecado aos atos atentatórios ao Poder estatal.

A doutrina Racionalista do Naturalismo acabou por fazer reduzir o pecado a mera consequência natural e necessária de nossa capacidade inteligente, acrescida da limitação de suas forças, tolhida, ainda, pela vontade humana. Difícil de se entender? Mas é isto. Dir-se-ia que se peca por não se ter capacidade de evitar o erro, capacidade essa que se originaria da inteligência humana. Assim, os povos inteligentes não mais pecariam, motivo por que essa doutrina prega a cultura racional como meio de disciplina e desenvolvimento da capacidade inteligente da criatura.

A Igreja conjugou a lei da hereditariedade, que é exclusivamente biológica, à transmissão genética do pecado; pecamos porque herdamos os erros de nossos antepassados; em compensação, nossos descendentes pagarão pelos nossos erros, justificando, assim, mesmo que se desconheçam os motivos, o sofrimento aparentemente injustificável, conciliando, dessa forma, a *bondade divina* com a dor humana; e simultaneamente, arrazoa a causa da dor e a justiça da criação, matando dois coelhos de uma cajadada.

E vem a lenda do pecado original sob o que todos os humanos pagam. Acrescentar-se-ia a ele os pecados individuais pelas transgressões às leis *divinas*, impostas pela Religião. E cada acréscimo transmite concomitante e cumulativamente aos herdeiros sanguíneos. O sofrimento de cada um dos sucessores genéticos seria descontado no débito de faltas, como uma forma de crédito, como a compensação bancária, cômoda e prática, para justificar o lema do *aqui se paga o que aqui se faz*, sem ser preciso que se aceite a reencarnação.

Quando – e se o sofrimento suplantasse os erros – o homem estaria completamente ressarcido de todos os pecados? Como a humanidade erra mais do que resgata, dentro desse contexto familiar que, por sorte, não tem juros nem correções monetárias, as penas serão intermináveis. E, com isso, lucra a casta sacerdotal que ministra a salvação individual de cada fiel.

Rebelando-se contra essa tese surge o grupo dos *protestantes*, liderados por Lutero, na Alemanha e por Calvino, na França, mais tarde seguidos por outras seitas e Igrejas evangélicas que preferiram adotar

o lema da nova corrente, onde “Jesus Cristo” teria sofrido o martírio na cruz e derramado seu sangue para resgate dos homens; basta, pois, crer nele para se salvar. Dois proveitos no mesmo bocado: justificariam o sofrimento de um *deus-homem*, adorado, puro e que não teria pecados, amarrando o crente à salvação pela crença.

E tudo isso parece a eles muito mais lógico do que admitir que cada qual traga de vidas pretéritas seus lastros de faltas e imperfeições pelos próprios atos, para corrigi-los numa nova encarnação. Mais lógico e mais justo, o que é pior.

O batismo entra de permeio, pois representa a sagração do senhor, afastando do ser humano o *pecado original*. Seria, pois, de se esperar que o que fosse batizado estivesse salvo, ao menos da imprudência de Eva, só que os humanos, com tal ato ou mesmo sem ele, continuam cultuando a prática da maçã oferecida pela serpente, olvidando os preceitos do Senhor.

Mas, como para todos os males há remédio, viria a confissão e o arrependimento salvador acompanhado da unção ministerial divina – no caso da Igreja romana – para restituir o bom caminho ao pecador. Os demais evangélicos aceitam o resgate do novo pecado pela confirmação do batismo; outras correntes acham que a confissão pública resgata tudo; para algumas, exige-se do penitente o recolhimento espiritual e tudo se resume numa questão de fé. O crente seria salvo, apenas, pela fé. Também, não lhe dão outra oportunidade... e daí, nada valeria ter seguido sua religião. As leis da Criação jamais são observadas para que tais preceitos se estribem em algo concreto.

Já Lutero dizia: a – *Peca, mas crê!*

E quem não tiver fé ou não souber como arranjar-la, está perdido: não adianta boas ações, o amor ao próximo, as obras, nada enfim, porque não teve fé. Fé no tabu do dogma.

Nas civilizações mediterrâneas da Ásia Menor, na região que serviu de berço a Jesus, a noção ou conceito do pecado prendia-se mais ao adultério, grande preocupação do homem com relação à mulher, frise-se bem, adultério da mulher; o homem não cometia tal *crime* porque, na maioria de suas tribos, era permitido ter mais de uma esposa, até quantas pudesse sustentar. Pelo que se deduz, este pecado nada mais é do que a vaidade do homem ferida.

Destoavam dessa linha os masdeístas; nos ensinamentos de Zoroastro e na sua filosofia, atribuía-se o pecado do adultério à maléfica influência de *Ahriman*, que tentava as mulheres a traírem seus maridos para caírem em sua sedução.

Na Índia, sob influência brahmânica, o maior pecado era contrariar os princípios de casta estabelecidos. Buda, ao abolir esses princípios, restabeleceu uma nova filosofia onde glorifica o arrependido dos seus maus atos. No Hinduísmo já não aparece senão os ensinamentos de Krishna transmitidos por Yésu (e que é a mesma filosofia de Jesus) que fala dos pecados como atentado à própria vida. Nasce, então, a primeira idéia de *pecado capital*.

Os chins idolatravam um só Deus, na antigüidade, e julgavam que só esse Supremo Senhor teria o poder de julgar o que era certo do que fosse errado, separando o que se fizesse de bom daquilo que fosse mau; por esse motivo, achavam que o certo era fazer o que lhes aprouvesse, e Deus que escolhesse o que melhor lhe agradasse.

Deve-se indiretamente a Shin-Tó esse preceito. Há nisso uma grande influência de Confúcio, quando dizia que o homem responderá pelo que fizer e arcará com o ônus perante o Criador.

A filosofia grega, altamente influenciada pela doutrina do velho Egito, aparece aqui, inda mais uma vez preponderantemente, como a grande influenciadora da estrutura na concepção do pecado adotada pela *Eclesiastes* e é baseada, ainda, na cultura helênica, que se fundamentou a Igreja para ditar as suas leis do pecado.

Segundo a tese dos pensadores gregos, o pecado estaria dividido em dois grupos ou categorias: o venial e o mortal. Venial era pecado perdoável e no qual a criatura não pagava pela falta senão com a

conseqüência de o ter cometido. Já os mortais, pela própria definição, eram implacáveis, cobrando, até, com a própria vida, o erro daquele que os praticasse.

Pecado capital – Influências

Vamos encontrar no velho Egito de Osíris (*) uma influência capital na posição helênica porque, segundo se indica, já antes da civilização grega, os ensinamentos reformulados por Akenaton e Nefertiti chamavam a atenção de seu povo para a prática de atos fatais. Ainda aqui, como até hoje, eram sete esses ditos atos, como sete são os pecados capitais.

Por outro lado, se os veniais fossem práticas que não atingisse a outrem, o infeliz que cometesse um deles, arcaria, sem maiores competências, com o dito cujo.

A título de ilustração, vejamos os conhecidos como capitais:

A gula – leva à morte porque quem come demais está sujeito a ter uma perturbação digestiva fatal. Comer é um ato exclusivamente necessário para matar a fome e alimentar o corpo, nunca um motivo exagerado de prazer. Prima-se, evidentemente, por acepipes e comidas que saibam ao paladar, dando ao que se alimenta, pelo sabor, o prazer de comer. Porém, comedidamente e essencial a seu sustento, nada mais do que isso. O paladar – com ajuda do olfato –, um dos sentidos naturais do organismo, foi-nos dado pela Criação para escolhermos o que será ingerido. Comer demasiadamente é que pode ser fatal.

Todavia, é um direito de seleção, comer prazerosamente o que lhe saiba ao paladar. Penitências que provoquem fome é que são altamente condenáveis.

A luxúria – condutora dos prazeres mundanos, que torna a prática do sexo como puro motivo de desvario, acaba levando aquele que a pratica a um melancólico fim pelo enfraquecimento, pela indolência, pela troca da atividade essencial à sobrevivência em favor das sensações que, ao fim de tudo, degenera e tira as funções primordiais e vitais do luxuriante.

O prazer sexual, evidentemente, deve ser restrito ao casal, ao seu equilíbrio diário, às suas funções fisiológicas rigorosamente dosadas dentro das leis biológicas. O que se condena é o prazer orgiaco.

A soberba – Orgulho, arrogância ou presunção é, sem dúvida, um péssimo atributo da criatura humana que a possua. Leva-o aos atos mais loucos; algumas pessoas para se embelezarem, outras para mostrarem superioridade e poder, enfim, capazes de motivar a criatura a atos funestos que acabem fazendo com que sucumbam ante suas atitudes. E o principal motivo disso tudo é íntimo: querer se suplantam para ser superior aos demais. É como aquele que quer correr mais do que seu carro permita: acaba numa curva, em acidente fatal. Os duelos fazem parte da presunção. E além deles, outros atos congêneres.

Foi incluída entre os capitais porque pode levar a conseqüências quais.

A mesquinhez – comumente conhecida como *avareza*, capaz de inibir os sentimentos de vida, é certo que leve o indivíduo à morte na falsa tentativa de resguardo ao julgar que seja somente seus bens mundanos que possua. Na maioria dos casos trata-se de um apego excessivo a eles que dominam sua idéia a ponto de não enxergar mais nada senão o sentido de guardar e resguardar aquilo de tenha como seu, porém, esquecendo-se de que, com o desencarne, afora o que aprendeu, todos esses bens, fruto da sovinice, ficam na Terra e o usufruente não terá tido oportunidade de acumular os bens do espírito que permitam que seja “rico” no Além. A falta de grandeza e de generosidade faz com que o indivíduo esqueça do fator primordial da sua *salvação*, que é a caridade. E a pessoa morre pela disputa de um bem puramente terreno.

A cólera e a inveja – Formam um grupo único, embora sejam caracteres distintos que *levam o mastozoário racional a pelear com seu semelhante* numa luta quase sempre fatal, segundo filosóficas palavras de um autor anônimo de almanaque de algibeira.

A cólera pode levar o rancoroso ao desfecho da vida porque interfere diretamente no funcionamento cardíaco, podendo alterar-lhe as reações a ponto de serem funestas. A raiva desmedida, ou seja, sem limites, também não encontra limite nas funções orgânicas que, não só disparam uma dose senão letal, muito próxima, de adrenalina, provocando, além disso, um terrível abalo emocional. E os sensores são o centro da vida biopsíquica.

A cobiça é irmã gêmea da ira, porque também causa problemas similares na reação orgânica do invejoso, daquele que deseja o que não é seu e se revolta por não o ter. Aí, cai no princípio da ira. Ambas, portanto, capitais.

A preguiça - Segundo a velha filosofia egípcia, ela seria a mãe de todos os vícios e pecados. O ócio e a inatividade são altamente responsáveis pelas ações da criatura humana na busca de atitudes indignas porque só nelas encontrará uma forma de romper sua apatia e vencer sua estática, lamentavelmente, de forma desastrosa. Por quê capital, é que não ficou esclarecido.

Um pouco de História – Quando a Igreja foi importada por Constantino, o Grande, nascido em Naísso, data ignorada, filho de Constâncio, que foi imperador romano por um ano, em 305, aquele preferiu, *ab initio*, o domínio pela cultura; o exemplo grego lhe era marcante. Derrotando Maxêncio, seu antecessor e sucessor do pai, tomou o Poder no ano 312 e em implantando o Cristianismo como Religião do Estado, oficializou-a por obrigatoriedade. Em 313, o Édito de Milão estabeleceu a liberdade de Religião, ante as pressões e insatisfações gerais, liberando o culto aos deuses pagãos, muito mais difundido no império que os ensinamentos trazidos por Pedro, o fundador da Igreja dita cristã romana. À frente desse movimento encontrava-se o tribuno Caius Licinius que, no ano 325, foi afastado por Constantino, convocando o Concílio de Nicéia onde foi restabelecido o Cristianismo como religião obrigatória do povo romano.

Os dogmas religiosos foram oficializados e dentre eles o dos pecados mortais, assim considerados porque *matam a alma do homem*. Em síntese, matam espiritualmente a criatura. Havia saber nisso, apenas, o erro estava na imposição porque, pelas leis universais, a reforma está em cada um e não na obrigação de realizá-la.

Das penitências

É uma autopunição. O indivíduo procura castigar -se pelas faltas cometidas ou não cometidas, mas que lhe sejam imputadas pelos princípios religiosos. Algumas delas revestem -se de um ridículo extraordinário, como a dos que não se lavam, ou dormem sobre pedras, os que se colocam em posições de “sacrifício”, os que se alojam ao lado de monturos, ou de Maria Alacoque, hoje cantada em prosa, verso e música, que chegou ao extremo de pôr na boca os dejetos de uma desintérica, por ser agradável a Jesus, segundo ela, a penitenciar -se de máculas.

Subir escadarias de joelhos, carregar troncos em cruz para louvar a caminhada ao Calvário, cingir espinhos à cabeça passou a ser corriqueiro. Os que praticam penitência são criaturas que pensam que, assim agindo, agradam a Deus. Na verdade, estão cometendo, talvez, um dos maiores erros, que é o de abreviar a vida com certos atos prejudiciais à saúde.

A penitência data da pré-história, desde o tempo da adoração aos deuses da caverna, no ritual do fogo, onde, além de imolações, os Espíritos manifestantes através dos sacerdotes exigiam que, além do holocausto, os livres dessa condenação se impusessem a sacrifícios em honra ao culto. Davi escreveu os *Psalms da Penitência* que retrata a posição das mesmas perante seu povo. Os costumes levaram os sacerdotes em geral a recomendar ao pecador que se martirizasse a fim de olvidar o pecado ou dele se afastar. Considerava-se, então, a *virtude* da penitência capaz de purificar o ímpio a ela sujeito.

Com o advento da Igreja romana, a penitência passou a ser um sacramento ministrado pelos padres ou pelos bispos com o fito de dar ao fiel confesso a remissão. Para isso, era preciso levar o pecado ao campo transcendental do espírito, a fim de mais intimamente ligá-la à religião. Se encarasse o problema pelo lado biológico, a religião em si não teria domínio suficiente para bitolar seus crentes, principalmente porque a massa humana deixa-se levar muito mais facilmente pelo temor ao transcendente, ao desconhecido, do que pela lógica das conseqüências ou pela razão.

Conhecedores disso, os sacerdotes sentiram, desde logo, que o caminho, não só para afastar o crente do erro como ainda para mantê-lo de veras fiel aos costumes, era agir dessa forma.

E aí, coerente com sua filosofia, parece que o Espiritismo seja a única, senão uma das poucas doutrinas que preferem o ensino pelo conhecimento e a reforma pela razão, deixando ao destino de cada um o sacrifício pela cobrança natural da vida, sem penitências, evidentemente.

Aceita-se, todavia, o conceito de que hajam pecados capitais porque, de fato, essas sete infringências acarretam gravames ou podem levar a pessoa à morte, porém, nada com relação ao fato de que possa desagradar a Deus. Deus com melindres! Os grandes prejudicados são os que cometem tais “pecados” em face das suas conseqüências capazes de os levar aos mais desvairados desatinos. Ele próprio traça seu destino futuro.

É o vício da alma que se leva gravado no espírito para outra vida plasmado no perispírito, decorrente dos danos que tenham causado, e que, como tal, ter-se-á que responder por ele.

As observações indicam que a maldade estará sempre recalcada em um dos sete pecados capitais; os grandes crimes são levados a cabo em face dos sentimentos mesquinhos perfeitamente enquadrados neles.

Pecar, portanto, é cometer ato em dissonância com os bons preceitos e costumes, que fira o seu semelhante, que provoque a dor e o sofrimento, quer nos outros, quer no próprio; é a ação indigna que macula a alma, que mancha o caráter e deturpa os sentimentos. É um entrave ao progresso.

Então, sem dúvida, o pecado existe; o *castigo* é certo, não porque Deus puna o ímpio, porém, porque, como mostra a tradicional filosofia de Galileu, quem pratica o ato, responde por ele, tendo que absorver, de retorno, toda a energia correlata com a que emitiu na sua prática. E essa absorção, também aqui, é que define a dor e o sofrimento, em síntese, o resgate.

(*) O autor, no seu livro *Lendas de Osiris*, inclui a lenda dos sete pecados capitais, tradicional dos tempos desse mítico pastor.

VII

DOS ASSUNTOS SUPLEMENTARES

As religiões, através dos tempos, têm se preocupado com uma série de assuntos correlatos com a vida da criatura para deles tratar; embora não cheguem a formar um capítulo específico, cada um está ligado, de alguma forma, aos princípios religiosos. Analisemos os principais deles.

O destino das criaturas

Para o cristão, após a morte, aguarda-lhe o céu, se seguidor fiel e disciplinado da sua Igreja, ou o purgatório, para aqueles que tenham que se redimir de seus pecados, restando o inferno para os ímpios e todos eles aguardarão o *Juízo Final*.

O espírita, porém, aceitando a reencarnação, estará muito mais próximo das doutrinas orientalistas do que do Cristianismo. Há vida no domínio espiritual de onde todas as criaturas saem para se encarnar e para lá voltam, num ciclo constante, aguardando nova oportunidade. No Budismo esse fato é definido como *roda das existências*: enquanto não se purificar e ficar leve, seu peso (o da alma) fará com que a roda – que ascende à vida espiritual após o desencarne – gire novamente, por causa desse peso, retornando para baixo e trazendo o impuro de volta à encarnação terrena. O Cristianismo substitui a reencarnação pela ressurreição.

No velho Egito tinha-se como certo que, aquele que morria, deveria se prostrar perante a balança do destino, aferida por Anúbis, e submeter-se à pesagem dos seus atos: se a balança pendesse para o bem, representado por uma pena, ele caminharia para a glória de Rá, caso contrário, cairia de novo na Terra. Sem outras explicações. (*)

Isso mostra que a idéia do retorno à vida não era, apenas, dos asiáticos.

De um modo geral, independente da aceitação reencarnatória, as doutrinas têm como certo um destino final para todas as criaturas. Na concepção da constituição universal, o que pode se dizer é que, como nas escolas, quando o aluno completa um ciclo ou etapa, é promovido de curso e alça colégios superiores, até se graduar; alguns ficam pelo caminho. A vida espiritual é idêntica e os colégios são os diversos mundos: quem progride é promovido para outros melhores, os que marcam passo voltam pela reciclagem, a novos orbes de recuperação, o que ocorrerá enquanto o Universo existir, como concebem as doutrinas reencarnacionistas.

Dos mundos habitados

O Universo está cheio dos mais diversos astros dispersos pelas mais complexas galáxias, contudo, o verdadeiro cristão acha que a Terra continua sendo o centro da vida e a grande obra de Deus, que teria feito o homem à sua imagem. Algumas seitas chegam a ponto de não admitir a pesquisa com astronautas porque Deus nos encerrou na Terra para que dela não saíssemos, depois que Adão foi banido do paraíso. Crises de histeria entre alguns adeptos ocorreram quando a TV mostrou o homem chegando à Lua. São tantas as opiniões que um livro não bastaria para contê-las. Mas destaque-se a dos crentes que vieram a rua bradar que tudo não passava de mentira.

O Espiritismo defende a tese da existência de vários mundos escalonados e habitados, alguns inferiores a nós e outros com uma sociedade de Espíritos mais elevados, para onde iremos depois que alcançarmos a aprovação no estágio terreno. Mais uma vez a opinião espírita divergindo da do Cristianismo.

Divindades

Elas existem, no sentido cultural desde que a primeira sociedade humana se instalou na vida terrena. As doutrinas, ao surgirem, estabeleceram as suas, decorrentes da filosofia de vida que levavam. Os primitivos adoravam o que os cercava, desde a nimais cultuados até totens representativos de serem extra-humanos. É longo o acervo a seu respeito.

O Cristianismo adota uma série de seres superiores, divinos, como anjos, arcanjos, querubins, ao lado de satanás, um anjo decaído e dos demônios que se seguíram a ele. A esse respeito, conta uma historietta que Lucifer – do latim: *lux, cis + fero, fers (tuli latum ferre)* – o feitor da luz, induziu a serpente a tentar Eva, motivo por que foi também banido do Paraíso; para vingar -se de Deus, com seus poderes sobre a luz, multiplicou-se em mil formas e, a cada uma que Deus destrói ele cria mais três.

Toda divindade é inspirada em uma lenda; as seitas que tiveram origem na orientação mediúcnica de Espíritos atrasados enveredaram pela adoração a uma série de Entidades que, para melhor representação, acabaram-se transformando em ícones; daí, os católicos tiraram a forma para as estátuas de santos. As seitas africanas ligadas ao candomblé também adotam figuras, algumas representando o mal e outras o bem.

Na mistura dos santos com os orixás, a Umbanda tirou suas folclóricas figuras.

Para a codificação kardequiana o Espírito é sempre o mesmo: uns mais outros menos elevados e até os atrasados e cheios de defeitos, que são os perturbadores, aqueles que não compreenderam a necessidade de evolver, todos, filhos da mesma Criação, levados pelo seu livre arbítrio. Não há seres divinos: só Deus. Os Espíritos superiores, guias, mentores, orientadores, são como nós, contudo, uma vida que atingiu a grau superior e que estão presentes para nos ajudar. O professor já foi aluno. Grandes missionários vêm à Terra trazer os ensinamentos do Alto e, para nós, o Mestre é Jesus. Sem divindades.

Isto é válido para qualquer mundo, onde, em escala superior, os luminares estão acima do que somos capazes de perceber.

O livre arbítrio

Está claro que, sendo Deus a causa primária de todas as coisas, torna-se o Agente criador do Universo, independentemente de sua forma, aspecto ou demais caracteres e tudo o que existe, quer no domínio material, quer no espiritual, advém da Criação sendo gerido por leis imutáveis e específicas.

O livre arbítrio parece, a princípio, uma forma que contraria essa posição, porque daria ao homem condição de fazer o que bem entendesse, sem respeitar os desígnios superiores. Aí é que o Espiritismo entra esclarecendo que nada pode ser feito sem que obedeça às ditas leis da Perfeição.

Ninguém consegue voar sem que siga à risca o que determina a gravidade e, se contrariar o sistema, quem o fizer cairá inexoravelmente.

Portanto, o livre arbítrio aparente que possuímos é relativo e adstrito a determinadas condições: enquanto se trate de ações que só envolvam quem a pratique, o direito de praticá-las é livre, porém, quando estas atingem a terceiros, só se poderá praticá-las em consonância com o que seja compatível com essas pessoas e seus envolvimentos.

É muito difícil compreender-se tanta sutileza, por isso, é melhor lembrar que, podendo ou não, todas as atitudes e atos praticados por uma pessoa, com permissões ou sem elas, ficarão gravados em nosso destino para respondermos por eles. E, neste caso, é uma porta aberta a que outros possam nos atingir, quando estivermos errados, o que não seria possível se não tivéssemos cometido falhas capazes disso.

Ainda é de ressaltar que o simples fato de sentirmos, mesmo sem praticar, é o suficiente para criar o campo de vibrações que irá imprimir o futuro do nosso destino. O que emite a frequência é o sentimento; a ação, apenas, é consequência.

As afinidades

As diversas ciências registram a existência de uma lei de afinidades que aproxima ou afasta os seres e as coisas, de acordo com um princípio observado, não compreendido e ainda não definido, mas que atua sobre eles.

Na Química, as substâncias reagem obedecendo a essa lei e o exemplo mais tácito é o do cloro com o sódio que se separam de quaisquer substâncias que os contenham para se juntarem no cloreto de sódio (sal de cozinha) de vital importância para nós. E assim outras mais.

Na Física, o estudo do magnetismo e do princípio das afinidades existente entre cargas contrárias nos sugere o princípio do equilíbrio, complementando pelo fato de que as de mesmo sinal se repelem, o que causa a *vida* atômica.

Na Biologia registra-se a simbiose, enfim, o equilíbrio da biota de uma região.

Na Sociologia, o estudo das tendências humanas.

Na geologia a formação das rochas e o maior exemplo está no granito.

Pois, a Religião também observa que existe uma afinidade comandada espiritualmente pelas reações psíquicas e cuja procedência é o campo afetivo. São nossos sentimentos. Tem-se simpatia por uns e antipatia por outros; alguns casos são explicados como consequência de convivências pretéritas, por causa do relacionamento existente entre essas pessoas, contudo, há outros onde não ocorre tal fato e as afinidades existem. São as vibrações psíquicas que irradiamos e que encontram reflexo na outra pessoa; portanto, essas afinidades são quânticas e regidas por fenômeno análogo.

Afinidades e repulsas, evidentemente.

A ressurreição e a metempsicose

Dois pontos polêmicos dentro do próprio Cristianismo, inaceitáveis ambos pelo Espiritismo.

A ressurreição, forma irregular derivada do verbo ressuscitar, entrou pela doutrina da Igreja porque consta nos Evangelhos que Jesus teria ressuscitado Lázaro, com seus poderes divinos.

Ressuscitar – restabelecer da morte a vida, tal como define a Enciclopédia, é contrariar as leis biológicas e Jesus foi quem disse que não viera derroga-las. A história de Lázaro, mal contada, dá-nos conta de que ele teria morrido e Jesus o fez voltar à vida; por causa dela o Cristianismo passou a aceitar sua ocorrência contra qualquer razão científica, o que não é de se admirar, pois até contra o heliocentrismo de Copérnico se insurgiram; e tudo, baseado exclusivamente numa narrativa isolada sem qualquer prova.

Tudo se complica quando se estabelece o princípio da ressurreição da carne para o “Juízo Final” que, segundo Eliseu F. da Mota Júnior, é um absurdo decorrente da equivocada interpretação dos textos bíblicos (Que é Deus, pág. 95). Faça delas as minhas pa lavras.

O Cristianismo não aceita a reencarnação e, em seu lugar, admite que cada pessoa tenha seu espírito individual que ficará num compasso de espera, até que, no fim do mundo – entenda-se como esvaimento do Universo – uma corte celestial convocada por Deus deverá julgar a todos que, dessa forma, ressuscitarão para nova vida, a fim de cumprir suas sentenças respectivas.

E então, depois de milênios, contrariando o que se conhece, cada espírito voltará a ter seu corpo, esse em que viveu, ressuscitando do pó – e que foi um só – com os mesmos componentes químicos que possuía. Isso é o Cristianismo. Contrário a qualquer conceito científico.

A metempsicose – do grego: *méta + en + psykê* – através, na alma, é a transmigração desta alma para outro corpo. Não confundir com reencarnação que define vidas sucessivas em corpos distintos elaborados pelo mesmo espírito, obedecendo às suas etapas evolutivas. Na metempsicose o espírito poderá ocupar qualquer outro corpo.

É uma doutrina defendida por Fourier e Jean Reynard, inspirados na falsa interpretação da lenda egípcia de que o espírito do “morto” poderia voltar em busca de um corpo para cobrar de seus descendentes as determinações por ele feitas antes de morrer. É a mesma história que levou esse povo a mumificar os corpos a fim de que, se o morto voltasse e não encontrasse outro, usasse o dele, devidamente conservado.

Não tem nenhuma conotação científica, mas serve a algumas correntes cristãs para justificar certos fatos evangélicos que, segundo os reencarnacionistas comprovariam sua tese. O grande caso é contestar essa interpretação.

A metempsicose é um absurdo, até mesmo biológico, da evolução da espécie, quando aquela admite que o espírito possa voltar em corpo inferior; contanto que sirva para negar a reencarnação ou sugerir algo dependente da vontade divina, passa a ter validade para algumas correntes cristãs que a adotam.

O fim do mundo

Os Astrofísicos, estudando a formação do Universo, apresentam, como hipótese mais provável para seu surgimento, um fenômeno que foi denominado de *Big-Bang* (grande explosão) inspirado nos buracos negros estelares onde uma força interna de atração é capaz de condensar sob implosão toda a grande massa de energia necessária a ser posta em jogo para formar uma estrela nova, o que ocorre quando esse buraco negro explode, dando expansão caótica à energia acumulada.

Assim o Universo: um Agente (Deus) teria implodido toda a massa cósmica num fulcro central até os limites máximos de tolerância, a partir do qual teria havido a grande explosão.

O mesmo fenômeno ocorre dentro de um cilindro de motor a diesel, quando o êmbolo comprime a mistura de combustível com ar até um ponto limite insuportável que leva o diesel à explosão – sem centelha –, só que controlada dentro do cilindro e encaminhada para fazer com que o êmbolo compressor seja empurrado de volta.

Após o Big-Bang, toda a energia universal passaria a se expandir uniformemente e esta é a grande objeção dos astrônomos que se opõem à sua existência porque, a partir dele, a energia cósmica se expandiria de forma irregular, o que não ocorre.

O fulcro existe, a explosão é que se contesta. A nova versão que substitui essa hipótese é a de que, chegando ao máximo de compressão, toda a energia perderia a pressão que a teria feito implodir. No caso, seria a perfeição atuante (ou a Vontade de Deus) que faria cessar tal ação no momento exato de partida para a formação do universo.

Na verdade, o momento inicial da expansão universal continua uma incógnita, todavia, as observações cada vez mais confirmam que essa expansão ocorrerá até um limite de esvaimento, quando sua energia perderá toda sua elasticidade e se deformará, exaurindo -se. Será o fim do Universo.

Até lá, muitos mundos novos aparecerão, habitaremos esferas superiores compatíveis com o processo de evolução de cada um, veremos novas formações, enfim, conheceremos como todos viverão em esferas superiores. E como diz o refrão, *quem viver verá*, veremos todos.

Espera-se que a maior parte dos seres tenha atingido a um grau de perfeição suficiente para integrar o grupo de trabalho que deverá refazer o novo Universo. Cumpra-se a Lei da Repetitividade: se um Universo foi feito por Deus, Ele poderá fazer outros seqüentes, como, provavelmente já o tenha realizado e que tenhamos vindo de um anterior.

Conclui-se, portanto que esse *fim do mundo* não irá representar o extermínio espiritual cujo domínio não depende da vida material e que sobreviverá com o extermínio do Universo. Competirá a Deus, na sua perfeição, voltar a ser o Grande Agente Restaurador Universal e dar prosseguimento a um novo ciclo encarnatório que, assim, terá recomeço.

O homem perante os predicados de Deus

Para nós, míseros encarnados, resta uma esperança nada óbvia de que Deus possua predicados que nos convenham e atentem a nossos interesses, ante o desejo ardente de querer que Ele proscra todos os nossos erros; daí a necessidade de fazê-Lo misericordioso, infinitamente bom, capaz de perdoar, convencê-Lo disso, repetindo incessantemente; e mais, os predicados específicos para que possa nos ressarcir das faltas, sem resgates. E que seja justo para que o indulto a nós concedido não seja um favor, mas um ato de justiça.

Ah! Os interesses escusos.

Eis a razão para insistirmos em que Deus tenha esses predicados.

Observação

Não cessa aqui a conceituação do que seja religioso; se a vida é infinita, seus estudos também o serão e foi nisso que Kardec se baseou para afirmar que o Espiritismo caminharia com os novos conhecimentos.

A porta está aberta, basta que entremos por ela.

Deus sujeito às suas próprias leis

A última indagação: se Deus é perfeito e constituiu um Universo com leis imutáveis, estaria ele sujeito às mesmas?

A resposta é tão simples e imediata, em decorrência da própria objetividade que nem precisa de argumentos: só estão sujeitos às leis do universo os que nele nascem, ou seja, os que, por decorrência do processo encarnatório, são obrigados a se sujeitar em viver com um corpo material. Isso não ocorre com Deus pois Ele não está contido pelo nosso Universo.

(*) Em seu livro *Lendas de Osiris* o autor aborda este tema, contando a fábula de Anúbis.

Conclusão objetiva

Erra o que coloca o Espiritismo como sendo mais uma religião; pior ainda o que considera que ele *seja* apenas a Religião. A Doutrina ditada a Allan Kardec por uma plêiade de Espíritos possui um *tríplice aspecto*, onde, ao lado de sua parte científica e de sua análise filosófica existe um complemento religioso do qual acabamos de estudar os tópicos em relevo.

Parece-me, contudo, ainda mais absurdo aquele que tenta suprimir essa parte porque, desse jeito, onde irão ser analisados esses tópicos de suma importância para os princípios doutrinários?

Peca, portanto, muito mais, aquele que quer substituir a parte religiosa por um outro capítulo qualquer. Chega-se ao absurdo de se separar a moral da filosofia para que ela substitua o terceiro aspecto espírita, só que ela não aborda os principais tópicos que são inerentes ao lado religioso da pessoa. Ademais, seria como classificar as ciências exatas em Física, Matemática e Aritmética, em detrimento da Química, esquecendo-se de que a última é um dos capítulos da Matemática e que, como tal, dela integrante.

Independentemente da afirmativa de Kardec para um padre, no seu livro “O Que é o Espiritismo” – que tivemos o cuidado de transcrever no original –, resta ainda a análise sensata do que se tenha, de fato, como parte religiosa do Espiritismo, livre das influências das demais crenças às quais não somos vinculados e que, como tal, não devemos a mínima obediência.

Sabemos que Deus existe; temos Jesus como grande missionário a nos trazer a palavra do Alto, compreendemos os desígnios da natureza, enfim, analisamos a vida pelo lado da Criação. O que mais faltaria para termos a Religião em nossa doutrina?

Além disso, se não tivermos essa comunhão de pensamento relativa à Criação, que Religião adotariamos? Seríamos incrédulos? Afinal, não existe nenhuma outra análise a respeito de Deus e Sua Criação que satisfaça aos fundamentos espíritas e que, como tal, obriga-nos a ter os nossos. Essa obrigação, todavia, não nos sujeita ao acatamento do que as seitas impõem, pela necessidade de serem acatados nos pontos em que a razão repele. Como isso não existe nos postulados espíritas, estamos eximidos de seguirmos os mesmos erros.

Basta que tenhamos nossa religião nos moldes condizentes com a Codificação.

Enfim, cabe à consciência de cada um a decisão final, contudo, que impere a realidade e não as paixões e os pontos de vista particulares.

Tenhamos nossa parte religiosa, independente do que os demais possam considerar como Religião. Independência!!! Está na hora.